

ANDREIA DUARTE-ALVES

**HISTÓRIAS DE PESCADORES:
Memórias de Vidas Submersas**

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – Unesp –
Universidade Estadual Paulista para
obtenção do título de Mestre em Psicologia
Área de Conhecimento: Psicologia e
Sociedade**

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

ASSIS
2007

Ao povo do Quinze que - em meio às rodas de prosa das calçadas, entre causos e tererés - fez emergir uma cidade afogada pelas águas.

Aos meus avós maternos, Manoel (in memoriam) e Dolores; e aos meus avós paternos, Assis (in memoriam) e Jandira, que cheios de coragem atravessaram o Rio Paraná, tornando-se parte dos que dedicaram seu trabalho a construção desse pedaço do Mato Grosso do Sul.

Aos meus tios Felicidade e José Romão que perderam seu lar na margem paulista do rio, lugar onde passei momentos felizes e compartilho do sofrimento por não mais poder regressar.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo e orientador Justo, por embarcar comigo nesta viagem, ajudando-me a manter o rumo e a ultrapassar as tormentas. Agradeço por manter meu olhar curioso e emocionado pela pesquisa, enfrentando medos e inseguranças. Obrigada pela atenção, preocupação, confiança e, principalmente, pelas sacudidas e injeções de ânimo.

Aos professores do Departamento de Psicologia do Trabalho: Ana Maria, Wilka e Chico pelo incentivo e amizade desde as primeiras idéias dessa pesquisa.

Aos meus pais Antonio e Dolores, agradeço a vida e a formação que me deram. Sou infinitamente grata pelo incentivo, amor, carinho, e também por financiarem essa pesquisa em momentos cruciais. Obrigada por reavivarem meus ideais e me ensinarem a não esmorecer diante dos obstáculos.

Ao meu irmão Marco Aurélio, parceiro e confidente, por todo cuidado, amizade e pelo socorro nas horas difíceis. Também aos meus irmãos e afilhados Isabella, Pedro Henrique e Paula, que bagunçaram meus dias, mas principalmente encheram-me de carinho e de esperança. Sou imensamente grata pelo privilégio de ter irmãos tão especiais, almas verdadeiramente raras.

Ao meu noivo e companheiro, Anderson, por partilhar comigo sua vida e seus sonhos. Agradeço pelo incentivo, amor, cuidado, preocupação, carinho, paciência, por aceitar as minhas ausências e pelo respeito que sempre teve com meu trabalho.

À minha prima Elizete Duarte e à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu pelo envio de dados e informações relevantes para a pesquisa.

Aos amigos da turma do mestrado, pelas discussões, participação com idéias, partilha de textos e solicitude.

Aos caros amigos da banca, Luiz Carlos e Alexandre, pela atenção, solicitude e pelas valiosíssimas orientações prestadas no Exame de Qualificação.

De forma especial, a todos os amigos e narradores de Nova Porto XV que me auxiliaram na pesquisa, apresentando-me aos outros pescadores e contribuindo para que essa pesquisa fosse realizada: José Maria e esposa, Russu, Arasília e Érica, Marisa e Andréia, Maria Alvarenga, Sr.Nelson e esposa, D.Teresa do Catatau e família, Lígia, Chiquinho Lambari, Du Ó e Teresa, D.Vicença e Dorotéia, Paulinho, Chico Mangabinha e tantos outros que por diversas razões, inclusive falta de consentimento, não foram citados no trabalho, mas foram de fundamental importância para o amadurecimento e elaboração deste.

ÍNDICE

Resumo	8
Abstract	9
Capítulo 1 – Introdução	12
Capítulo 2 – Apontamentos teórico-metodológicos	22
A Hidrelétrica de Porto Primavera	22
Elementos Metodológicos: a composição dos procedimentos	28
Histórias de Pescadores e a imaginação material em Bachelard	32
Reflexões preliminares: O homem e o espaço	39
Capítulo 3 – Histórias sobre a História: contando o Passado	44
A construção do Porto	45
<i>A Carmelita</i>	45
A vida noturna, os bailes e os bares	47
O Quinze Velho	49
A pesca	50
As enchentes	52
Primeiro de Maio	54
A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	54
A construção da ponte	59
A presença militar	61
A notícia	62
As negociações e a mudança	63
Capítulo 4 – Histórias Cotidianas: revelando o Presente	65
O tereré e as histórias	66
A vida urbana	68
As políticas sociais	71
A adaptação	74
O pesca no lago	75
A Festa do Quinze	78

Sobre a CESP	79
O futuro	80
Capítulo 5 – Histórias da Vida: sonhando acordado	81
Histórias de Fé: Dona Teresa do Catatau	82
Histórias de Luta: Dona Vicença	97
Prosa de Pescador: Marisa, Mangabinha e Paulinho	111
Reflexões de Ribeirinho: Russu	121
Capítulo 6 – Histórias de Pescador: regalos da vida	125
Mistério da Mata – Marisa	125
Sucuris – Du Ó	126
A tocha – Du Ó	127
A Caixa d’água – Du Ó	127
A guilhotina – Russu	128
O remédio milagroso – Russu	129
Capítulo 7 – Imagens que contam a História	130
Figura 1. Mapa do estado de Mato Grosso do Sul	130
Figura 2. Mapa do estado de São Paulo	131
Figura 3. Foto de satélite do lago Engº. Sérgio Motta.	132
Foto 1. Desmatamento e extração de madeira na região sudeste de MS	133
Foto 2. Foto aérea da Ponte Maurício Joppert sobre o Rio Paraná	133
Foto 3. Vista aérea parcial do antigo Porto XV de Novembro	134
Foto 4. Vista aérea parcial do antigo Porto XV de Novembro	134
Foto 5. Vista aérea do Antigo Porto XV durante o período de enchentes	135
Foto 6. Casa de pescador na barranca do Rio Paraná	135
Foto 7. Pescadores subindo de barco o Rio Paraná	136
Foto 8. Pescadores subindo com embarcações o Rio Paraná	136
Foto 9. Casa de pescador sobre estacas na barranca do Rio Paraná	137
Foto 10. Saída da Procissão Fluvial do Antigo Porto XV	137
Foto 11. Procissão Fluvial pelos Rios Pardo e Paraná	138
Foto 12. Concurso Boneca Viva realizado durante a Festa de N.S. dos Navegantes	138
Foto 13. Cartaz da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1966	139
Foto 14. Cartaz da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	140
Foto 15. Lembrança da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1951	141

Foto 16. Andores durante a travessia do Rio Paraná	142
Foto 17. Andor com a imagem de N.S. dos Navegantes	142
Foto 18. Balsa com a multidão de devotos na travessia do Rio Paraná	143
Foto 19. Ponte Maurício Joppert durante a Festa de N.S.dos Navegantes	143
Foto 20. Bar do Catatau	144
Foto 21. Pescador com mudança a espera dos caminhões da CESP	144
Foto 22. Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta de Porto Primavera	145
Foto 23. Vista aérea da região inundada, da ponte e do prolongamento	145
Foto 24. Divisa entre São Paulo e Mato Grosso do Sul	145
Foto 25. Vista da Ponte Maurício Joppert sobre o Lago	146
Foto 26. Entrada do distrito de Nova Porto XV	146
Foto 27. Vista aérea do Distrito da Nova Porto XV	147
Foto 28. Casa de Nova Porto XV com estrutura original	147
Foto 29. Capela de Nossa Senhora dos Navegantes antes da reforma	148
Foto 30. Capela de Nossa Senhora dos Navegantes reformada para a Festa de 2007	148
Foto 31. Pescadores de bicicleta conversando na calçada	149
Foto 32. Casa de pescador com placa de anúncio	149
Foto 33. Cobertura de sapê na calçada	150
Foto 34. Travessia do lago na balsa	150
Foto 35. Cartaz da Festa de 2007	151
Foto 36. Árvores submersas pelo lago	152
Foto 37. Margem do lago	152
Foto 38. Placa de inauguração de Nova Porto XV	153
Capítulo 8 – Histórias de quem conta a História	154
Histórias de Família: Vó Jandira	157
Diário de Pesquisadora: Devaneios sobre o primeiro contato	162
Capítulo 9 – Considerações Finais	165
Fontes Bibliográficas	171
Fontes de Vídeo	177
Fontes de Áudio	177
Fontes de Informação Eletrônica	177

RESUMO

Este trabalho consiste em um registro das histórias de pescadores da comunidade de Nova Porto XV – distrito de Bataguassu, Mato Grosso do Sul – atingida pela barragem da Usina Engenheiro Sergio Motta de Porto Primavera. Propomos um mergulho no imaginário dos pescadores principalmente no que se refere à história do povoado, ao trabalho no rio, ao deslocamento obrigatório após a cheia do lago e ao processo de adaptação. Compomos, a partir da linguagem desta gente, um quadro geral capaz de expressar sua compreensão da própria história, das forças políticas que interferiram no seu destino, dos fatos que se abateram sobre ela e tantos outros imprevistos deflagrados pela mudança forçada do lugar onde viviam. As narrativas colhidas no espaço público e nas conversas informais - histórias e casos sobre o passado e o presente - compõem uma crônica do cotidiano, exaltam a materialidade da vida e da ação transformadora do pescador sobre o espaço. Ao narrar, os pescadores devaneiam, concretizam sua apreensão da realidade. Devaneios esses que não atuam como meras abstrações ou fugas do real, pelo contrário são estratégias para agir sobre o mundo, construir a vida e retomar as rédeas do próprio destino. Esta forma particular de registro da memória coletiva propicia o encontro com as formas de organização das práticas e dos costumes na vila desde seu surgimento no início do século XX, passando por todas as suas variações, até uma descrição dos modos de vida atuais. As narrativas colhidas nas conversas informais do cotidiano dos pescadores revelam uma relação complexa e ambígua com o espaço e o tempo. Por um lado, mostra uma exultação provocada pela experiência do conforto e facilidade da nova vida urbana. Por outro lado, o luto ressentido pelo espaço de farturas e glórias irremediavelmente perdido. A escuta dessas histórias de pescadores e a recuperação da memória social possibilita compreender como as mudanças no ambiente interferiram no imaginário e na subjetividade desses ribeirinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social, histórias de pescadores, memória social, imaginação material, devaneio.

ABSTRACT

Fishermen Tales: Memories of drowned lives

This project forms a record of the fishermen tales of the community of Nova Porto XV – district village of Bataguassu, Mato Grosso do Sul – flooded because of the dam of Engenheiro Sérgio Motta Power Plant in Port Primavera. We propose a dive in the imaginary of the fishermen, especially concerning the history of the village, the labor in the river, the mandatory displacement after the flooding of the lake and the adaptation process. We compose, from the language of those people, a general picture capable of expressing the comprehension of their own history, of the political forces that interfered in their fate, of the facts that hit them and so many other unpredicted events triggered by the forced moving from the place where they lived in. The narratives, taken in public areas and informal conversations – histories and affairs about the past and the present – compose a chronicle of the daily routine, and exalt the materiality of life and the transforming action of the fishermen over the space. Those daydreams are not more abstractions or escapes from reality, on the contrary, they are strategies to act in the world, build life and take over the reins of their own destiny. This particular form of registration of the collective memory merely provides the encounter with the forms of organization of the practices and the customs in the village from its start in the beginning of the 20th century, going over all its variations, up to a description of the current way of life. The narratives registered in informal conversations of the daily routine of the fishermen reveal a complex and ambiguous relationship with space and time. It shows na exultation caused by experiencing the comfort and ease of a new urban life. On the other hand, the sorrowful mourning felt for the space of abundance and glories incurably lost. The listening of those fishermen tales and the recovery of the social memory enables to comprehend how the changes in the environment interfered in the imaginary and subjectivity of those people who lived by the river.

KEY-WORDS: Social Psychology, fishermen tales, social memory, material imagination, daydream.

*Quando o doce mar de águas
Com o brilho das nossas mágoas
Cobrir de pranto toda essa imensidão
Não veremos mais as ilhas
E todas as maravilhas que Deus deixou neste chão.
Agora vão meus ideais
Serão lembranças reais, fotos e recordações.
O lago afogando imagens
Sepultará as paisagens que não veremos jamais.
Nunca mais...
Canta gente ribeirinha, canta!
Espanta com seu cantar a tristeza e a revolta
De ver tudo a nossa volta coberto por doce mar.
Canta gente ribeirinha, canta!
Canta pra não chorar.
Depois de tudo alagado,
Só restará o passado doce de se recordar.
João Brilhante²*

² Compositor de Presidente Epitácio. Compôs a canção “Doce Mar” na década de 1980, muitos anos antes do represamento do Rio Paraná. A melodia previa o sentimento dos ribeirinhos diante da nova paisagem.

- E isso aí que cê faz, é pra quê? Só pra engavetá ou é para alguma finalidade?

[...]

- Entendi o quê é. Então cê tá é escreveno como se fosse assim... uma história do Quinze! Uma história conforme os pescadores, né? É bão.

Mangabinha³

³ Pescador de Nova Porto XV de Novembro, entrevista concedida em Janeiro de 2006.

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

“Oh, as estranhas exigências da sociedade burguesa que primeiro nos confunde e nos desencaminha para depois exigir de nós mais que a própria natureza”.
GOETHE

Este trabalho é, sobretudo, uma narrativa sobre memórias e relatos de uma comunidade sul-matogrossense de pescadores atingidos pela barragem da Usina Hidrelétrica (UHE) Engenheiro Sérgio Motta – Porto Primavera (SP). O distrito de Nova Porto XV está localizado na parte sudeste do estado de Mato Grosso do Sul, às margens do Rio Paraná junto à foz do Rio Pardo, na fronteira com o estado de São Paulo. A vila é patrimônio do município de Bataguassu (MS). É ligada à cidade de Presidente Epitácio (SP) pela Ponte Maurício Joppert com acesso à Rodovia Manoel da Costa Lima (BR-267).

A localidade, com pouco mais de dois mil habitantes, teve seu projeto urbano concebido e implementado pela Construtora Camargo Corrêa, licenciada pela Companhia Energética de São Paulo (CESP)⁴, como indenização oferecida à comunidade ribeirinha atingida pela barragem empreendida pela empresa paulista.

Antes do represamento do Rio Paraná, homens e mulheres do Porto XV encontravam na pesca artesanal um ofício capaz de evidenciar o elo entre a comunidade e o espaço. A força exercida pela terra e pela água na subjetividade do ribeirinho se expressava em mitos, histórias, lendas e rituais religiosos que associavam ao exercício do trabalho e visavam

⁴ A CESP foi inicialmente constituída em 1966 pela fusão de empresas de energia elétrica que atuavam isoladamente no estado de São Paulo. A estatal visava centralizar o planejamento e racionalização dos recursos energéticos e recebeu o nome de Centrais Elétricas de São Paulo. Em 1977, a partir de um projeto de ampliação que incluiria a pesquisa para geração de outras fontes de energia como o hidrogênio e o metanol, sua razão social foi alterada para Companhia Energética de São Paulo. Em 1996, com a lei 9.361/96, o Governo do Estado de São Paulo iniciou o processo de privatização da empresa sob coordenação do Programa Estadual de Desestatização (PED). Embora o processo de privatização da CESP ainda esteja em andamento, o Governo do Estado de São Paulo prevê que até 2011 as áreas de geração, transmissão e distribuição da empresa estarão sob responsabilidade exclusiva da iniciativa privada.

conquistar a benevolência da natureza, de forma que todos os esforços despendidos fossem retribuídos pelo rio com fartas quantidades e variedades de peixes.

A comunidade era uma extensão das águas e através de suas vazantes se marcava o tempo e se previam os destinos, as fortunas e as misérias. A rotina da pescaria levava o trabalhador a enfrentar a impetuosidade da correnteza e permitia aventuras repletas de perigos, imprevistos e desafios. Estas condições ligadas ao cotidiano de trabalho eram matéria prima para muitas conversas e histórias, entabuladas e contadas como entretenimento nas varandas das casas ao entardecer. Nesses momentos de devaneio, tradicionalmente cultivados no cotidiano, os ribeirinhos atribuíam sentidos aos fatos corriqueiros, manifestavam aspectos de sua relação com a natureza e recompunham as forças para novas empreitadas.

A inauguração da hidrelétrica e o decorrente represamento das águas provocaram profundas alterações no leito do rio e em suas margens com conseqüências diretas à atividade da pesca artesanal e à vida da comunidade. O trabalho no rio perdeu seu caráter heróico e desafiador, além dos prejuízos econômicos causados pela extinção de espécies de pescados anteriormente abundantes na região.

[...] não há equilíbrio entre o homem e as forças circunvizinhas da natureza,
[...] só há equilíbrio na ação pela qual o homem recria sua própria vida no
trabalho. (WEIL, 1996, p.461)

A vida e o trabalho após a cheia do lago precisaram ser recriados e (re) descobertos pelos ribeirinhos de Nova Porto XV. As alterações ambientais tornaram inutilizáveis os saberes acumulados por décadas. Num súbito a população tornara-se estrangeira em sua própria terra.

Por outro lado, a UHE Porto Primavera acumulou problemas de toda ordem e até hoje representa uma das obras de geração de energia mais polêmicas do Brasil. Mesmo após quase uma década em operação gera ainda discussões entre cientistas, ambientalistas e movimentos sociais. O empreendimento é considerado a terceira central hidrelétrica mais ineficiente do

mundo, na relação entre potência e área inundada. Possui a maior barragem do país e seu reservatório ultrapassa o lago da UHE Itaipu em 12,5%, embora com capacidade de geração 83% menor.⁵

Em 1979 quando foi aprovada a construção de Porto Primavera, as obras desse tipo não estavam sujeitas à legislação ambiental que tornou obrigatória a realização do EIA-RIMA (Estudo de Impactos Ambientais – Relatório de Impactos Ambientais) e sua apresentação em audiências públicas para apreciação das populações direta ou indiretamente afetadas pelo empreendimento. A CESP, entretanto, para obter a licença de operação precisou realizar o estudo com a obra da Usina já em estágio avançado. Os resultados apontados no EIA-RIMA não tiveram força suficiente para evitar a aprovação de uma obra que já havia consumido um grande investimento público ou obrigar alterações no projeto executado a fim de minimizar os impactos sócio-ambientais apontados pelo documento.

É neste contexto repleto de acasos e desacertos que os ribeirinhos de Nova Porto XV foram fatalmente comprometidos. O antigo povoado dependia economicamente da pesca artesanal e da atividade oleiro-ceramista, ambas profundamente afetadas pela cheia do lago. Embora indenizados, os ribeirinhos, tiveram que enfrentar além da perda do ambiente de vida e trabalho, a imposição de novas práticas próprias dos espaços urbanos e a obrigatoriedade de dar novos sentidos às relações com o trabalho e com a natureza.

A grandeza do homem é recriar sempre a sua vida. Recriar o que lhe é dado. Forjar o que ele sofre. Pelo trabalho, ele produz sua própria existência natural (WEIL, 1996, p.461).

Após uma década da cheia do lago⁶, nos deparamos com uma comunidade ainda em busca estratégias para recriar o presente, e que encontra nas narrativas uma maneira de domesticar as emoções advindas da experiência trágica do cotidiano.

⁵ A UHE Engenheiro Sérgio Motta de Porto Primavera possui 1.800 MW de potência instalada, 11.380 m de barragem e reservatório de 2.250 km², sendo 80% em terras do estado de Mato Grosso do Sul. A UHE Binacional de Itaipu possui 14.000 MW de potência instalada, 7.700 m de barragem e reservatório de 1.350 km². Dados comparativos retirados dos sítios das empresas administradoras CESP <<http://www.cesp.com.br>> e Itaipu Binacional <<http://www.itaipu.gov.br>> Acesso em Julho de 2007.

[...] experiência trágica de ser povo. Tragicidade marcada pela desesperança que se instala no momento em que se perde a hipótese do amanhã, em que o amanhã não é mais que a repetição, com cadência talvez diferente, mas sempre repetição, de um presente terrível, cuja razão de ser mais profunda não é apreendida (FREIRE, 1987, p. 7).

Participar do cotidiano dessa gente permite perceber o conflito de poderes, a desigualdade evidente entre os interesses dos dois lados, CESP e ribeirinhos. A realidade revela o descaso das instituições com as realidades de comunidades locais baseadas em práticas econômicas e modos de vida relativamente distanciados daqueles instituídos pela modernização e pela cultura do capital.

As instituições modernas, com suas imperiosas expansões globais, provocaram descontinuidades com as sociedades ou comunidades tardiamente envolvidas na cultura de consumo, subjugando os hábitos e costumes tradicionalmente organizados, principalmente em relação à concepção de tempo. A interrupção abrupta do fluxo da tradição e a quebra da continuidade das práticas sociais atingem a base da segurança ontológica, pois comprometem a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, vinculada à perenidade das práticas sociais cotidianas. (GIDDENS, 2002, p.22; 1991, p.107).

A fortuna dos ribeirinhos desta pequena vila sul-matogrossense pode ser compreendida como ícone da subjetividade contemporânea aprisionada pelas teias da modernidade tardia. Conforme Giddens (1991, 2002), o presente período de desenvolvimento das instituições modernas é marcado pela radicalização dos aspectos fundamentais da modernidade: a separação de tempo e espaço; os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional (GIDDENS, 1991, p. 25-36; 2002, p. 221).

[...] num sentido mais lato, o capitalismo de monopólio embrenhou-se numa guerra contra a natureza, tanto a natureza do homem como a natureza interior. [...] O processo que submete a natureza à violência da exploração e da poluição é logo de entrada processo econômico (aspecto do modo de produção), mas é ao mesmo tempo processo político. O poder do capital estende-se pela natureza enquanto espaço de desobrigação e de escape. É a tendência totalitária do capitalismo de monopólio: é preciso que o indivíduo

⁶ A Usina Hidrelétrica de Porto Primavera entrou em funcionamento em dezembro de 1998.

reencontre na natureza a sua própria sociedade; é preciso fechar uma dimensão perigosa de fuga e de contestação (MARCUSE, 1973, p. 54-5).

As instituições modernas corrompem o homem e seu ambiente vital, promovendo um desencaixe através da separação de tempo e espaço e uma organização racionalizada da vida social. Esta experiência de total vulnerabilidade das populações é desencadeada pelo “*poder que encontramos sob a forma dissimulada de progresso, palavra dúbia que oculta a instrumentalidade e a retificação*” (MELLO, 1988, p.11). Os recursos dos quais a vida é extraída – a terra, a água e o ar – são corrompidos em alguns de seus aspectos mais fundamentais: utilidade e equilíbrio. A natureza é violada em sua ordem e lançada a autoridade do capital como instrumento a serviço dos novos modos de produção.

[...] o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado. (MARX; ENGELS, 1978, p. 98).

Conforme destaca Bauman (2001), vivemos um tempo marcado pela substituição da figura do sólido pela figura do líquido, como metáforas do mundo. Segundo ele, a sociedade sólida na qual o trabalho, as relações amorosas, as instituições e tudo o que mais existia aparentava estabilidade durabilidade e resistência, está cedendo lugar para uma sociedade assemelhada às propriedades e estados dos líquidos que, fundamentalmente, não possuem forma, cor ou sabor definido. Diferentemente dos sólidos, os líquidos escoam e jorram em fluxos constantes, assumem a forma dos lugares por onde transitam, evaporam e retornam ao estado anterior. São profundamente maleáveis, voláteis e móveis.

O contato direto do ribeirinho com o rio, à semelhança do que ocorre com a modernidade líquida, traz as propriedades e vicissitudes da água para o cotidiano: o trabalho, o lazer e a subjetividade acabam sendo marcados, de certa forma, pela voluptuosidade e mobilidade da água corrente. Porém, o contato intenso e direto com a água não dissolve o

mundo do ribeirinho, tornando inteiramente fluido, passageiro e fugaz, como ocorre com o sujeito moderno cujo mundo é inundado, não pela água diretamente, mas por suas metáforas.

Enquanto os ribeirinhos mantêm um contato com a materialidade da água agindo, reagindo e se relacionando com ela, constituindo-se como sujeitos nessa relação, os cidadãos da modernidade líquida são subjugados pela inundação de suas vidas, não pela correnteza de rios, mas pela correnteza da fluidez do mercado, da fugacidade do consumo, pela torrente de quinquilharias transformadas em objetos do desejo, pela enxurrada de mercadorias que não lhe permitem qualquer ação sobre o fluxo acelerado do tempo que avassala seu presente e futuro e eclipsa o passado.

A ausência de qualquer seguridade fragiliza o homem moderno, torna-o prisioneiro do capital e do culto ao efêmero que interfere nas práticas cotidianas, na relação com a memória, no trabalho e nas formas de convivência social. Diante da impossibilidade de decidir sobre sua própria vida e sobre sua força de trabalho, o homem fica sujeito ao saber especializado imposto pelas instituições que o dominam.

Neste processo, o saber que as sociedades possuem sobre si, sobre suas práticas e ambiente é desprezado e considerado ilegítimo. Também a população de Nova Porto XV é destituída de sua fala em todas as instâncias, é privada do poder sobre si, sobre o trabalho e sobre o próprio destino. Portanto, a carência primeira dos ribeirinhos diz respeito à restituição de sua autoridade exercida sobre o rio. Ainda que tardiamente, urge recuperar suas falas e a escuta social, deixar ecoar suas vozes, suas histórias, seus saberes, seus lamentos.

Nóis aqui já tá até cansado de escutá palestra, vem aqui aqueles doutor, que sabe ficá nos escritório, e vem num dia e fala bonito e nunca mais aparece por aqui depois. Eles nem descobre pra que lado é que fica o rio, eles acha que sabe muito e nem sabe que a tilápia é o único peixe que, prá procriá, faiz sexo. (...) Nóis carece de gente que qué escutá a sabedoria do pescadô, que qué í lá na beira do rio vê como é que vive o pescadô. Só que os doutor que eles qué trazê aqui acha que sabe mais de peixe e de rio que nós daqui que nasceu dentro d'água. Eles tinha que pará, assim, prá ouvi o que tem dentro da cabeça do pescadô.⁷

⁷ Trecho de entrevista com Russu, pescador de Nova Porto XV de Novembro. Outubro de 2004.

O clamor do povo ribeirinho permite uma reflexão sobre a relação existente entre o que é imposto como conhecimento formal e os saberes instituídos no cotidiano. Esses saberes locais que surgem no coletivo e determinam as práticas são definidos por Geertz como

[...] um sistema cultural; um corpo de crenças e juízos, com conexões vagas, porém mais fortes que uma relação de pensamentos inevitavelmente iguais para todos os membros de um grupo que vive em comunidade. [...] relaciona-se mais com a forma como se lida com um mundo onde determinadas coisas acontecem do que com o mero conhecimento de que elas acontecem. (GEERTZ, 2007, p. 21).

Portanto, o presente trabalho mais do que registrar as falas procura compreender as estratégias criadas por esta comunidade ribeirinha para lidar com sua história. Colocamo-nos diante deles com o interesse de escutá-los, permitindo que contem suas histórias, seus saberes, seus afetos e seus costumes. Pescamos os devaneios presentes nas vozes ribeirinhas para com eles contar a história dessa comunidade, embriagados num sonho diurno junto às margens severas do lago.

O passado para nós não é um lugar nostálgico ou opressivo, mas o lugar onde se buscam instrumentos para reconstruir o presente. Num ambiente que não possui registros do passado e não traz certezas para o futuro, contar a história é fértil, intenso e poético. Uma poesia que nasce da prosa da vida, não pede licença e não bate porta, porque é feita no aconchego do terreiro e das calçadas. Um passado materializado no dia-a-dia como melodia guardada na lembrança que ecoa continuamente no cotidiano.

Seria vão voltar as costas para o passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado (WEIL, 1996, p.418).

As narrativas buscam dar sentido à História e ao cotidiano. Na linguagem popular são tecidas teorias e hipóteses sobre os conflitos de classes e a violência social dos quais

participam. Nas conversas rotineiras dos ribeirinhos, esse tipo de prosa memorialista carregada de saberes e transmissora de costumes tem seu lugar de destaque: “*são as gotas de passado vivas que se deve preservar zelosamente*” (WEIL, 1996, p. 418).

A memória presente nas narrativas sobre o passado é o que se pode obter da experiência vivida dessa gente, pois na ausência de vestígios materiais é preciso atribuir materialidade aos conteúdos subjetivos, ainda remanescentes. Em ‘Cidades Invisíveis’, Ítalo Calvino amarra o passado das cidades a suas ruínas e aos vestígios concretos que o tempo preservou.

[...] a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p. 14-15)

E quando as ruínas estão inacessíveis, violadas ou submersas e a cidade perde seu passado ou perde sua identidade resta o mergulho no pensamento e no imaginário daqueles que habitaram a cidade desaparecida. No caso da Nova Porto XV, que emergiu da submersão da antiga vila, procuramos com nosso mergulho no imaginário, nas memórias e narrativas, produzidas coletivamente, compreender os processos subjetivos vivenciados por essa comunidade, suas defesas, resistências e estratégias para a reconstrução da vida e do trabalho.

Portanto, a pesquisa pretende compor uma narrativa sobre a experiência tanto no Quinze Velho, como na nova vila planejada e construída pelo empreendedor da barragem. Compor, a partir do pensamento e do imaginário desta gente, um quadro geral capaz de expressar sua compreensão da própria história, das forças políticas que interferiram no seu destino, das mazelas que se abateram sobre ela e tantas outras vicissitudes deflagradas pela mudança forçada do lugar onde viviam.

Ao investigar este homem que se equilibra entre a água e a terra, que lamenta seu destino de pescador confundido, perdido, submerso, estamos nos aprofundando nas formas

como a realidade é apreendida e construída através da atividade de narrar os fatos do cotidiano.

Os relatos dos próprios ribeirinhos foram tomados como registros da vivência de uma mudança fundamental no cotidiano: uma vida que tinha como referência principal o rio e suas barrancas e que passa, repentinamente, a ter que encontrar outros referentes.

Por meio da compilação de relatos dos habitantes desse lugar, procuramos organizar essa história coletiva na qual pedaços das lembranças de cada um puderam compor traços básicos de significação do que foi substituir a água pela terra, como fonte da vida. Importou, sobretudo, adentrar as lembranças, a imaginação, os devaneios, tomados como via de acesso às vivências mais básicas, à subjetividade, às imagens e signos que retrataram, no plano da realidade vivida, essa transformação profunda que retirou o trabalho, o lazer, as produções simbólicas, e tudo mais, de suas referências à água e ao rio.

Não se pretende discutir, sob mérito moral, a política energética ou a instalação de hidrelétricas no país. Ao estudarmos os aspectos sociais e subjetivos presentes na experiência dos ribeirinhos atingidos por barragens, trazemos à luz conteúdos desprezados e silenciados pelo discurso modernizador dominante que justifica todas suas ações em nome de um propalado progresso. Procuramos, também colocar em questão uma lógica que, conforme assinala Bauman (2005) inverte a relação clássica entre o local e o global, tal como fora concebida pelo pensamento moderno primevo. Antes, tratava-se de buscar soluções globais para problemas locais e, hoje, busca-se soluções locais para problemas globais. É por essa lógica que se legitima o sacrifício de uma pequena comunidade em prol de pressupostos benefícios para a ampla maioria.

No primeiro capítulo, apresentamos uma descrição inicial da comunidade de Nova Porto XV, das propostas e objetivos da pesquisa.

Em seguida, apresentamos a situação do setor energético do Brasil e descrevemos brevemente os aspectos relacionados ao planejamento, construção e aprovação da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta de Porto Primavera. Em seguida, fazemos uma explanação sobre o método utilizado, descrevemos a composição dos procedimentos que pautaram a realização da pesquisa e o tratamento dos dados. Ainda no segundo capítulo, apresentamos o referencial que direciona a pesquisa, a concepção das histórias de pescadores, tendo como centro as proposições de Bachelard sobre a imaginação material, e esboçamos uma discussão sobre a relação do homem com o espaço.

No terceiro capítulo, narramos a história do antigo Porto XV a partir das narrativas dos pescadores entrevistados, desde sua fundação, no início do século XX, até a mudança da comunidade para a nova vila fornecida pela CESP como indenização aos ribeirinhos atingidos pela barragem da UHE Porto Primavera.

O quarto capítulo são recortes de narrativas sobre o cotidiano na nova vila, a experiência de adaptação, impressões sobre o presente e descrições sobre as práticas, a relação com o lago e as alterações na pesca.

No quinto capítulo relatamos quatro conversas com ribeirinhos em ambientes distintos e referentes a aspectos particulares do cotidiano da comunidade. O sexto capítulo apresenta algumas histórias de pescaria e causos do cotidiano, contadas em rodas de prosa das calçadas.

O sétimo capítulo traz algumas imagens da história, fotos da comunidade antes e depois da mudança, cenas do dia a dia das famílias e registros de comemorações religiosas.

Posteriormente, narramos a história da pesquisa e dos motivos que nos levaram a realizá-la. Apresentamos ainda, algumas narrativas pessoais que, embora não sendo de moradores da vila, têm relação com a pesquisa e com a história dessa gente.

No último capítulo, refletimos sobre os aspectos gerais do trabalho e desenvolvemos algumas considerações acerca dos conteúdos observados ao longo da pesquisa.

Capítulo 2

APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Dando continuidade ao projeto de usinas hidrelétricas na quantidade que está sendo estudada pelos cientistas, não tem como continuar tendo rio vivo né! Nós vamos ter vários lagos. Eu quero fazer um apelo à classe científica brasileira para que tentem modificar o projeto desse número muito grande de usinas hidrelétricas a serem construídas [...]
 Maria Lucia Quilombo⁸

A Hidrelétrica de Porto Primavera

A Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta está localizada na região do Pontal do Paranapanema, no distrito de Porto Primavera, município de Rosana – São Paulo. É uma obra de propriedade da CESP, antiga Centrais Elétricas de São Paulo e atual Companhia Energética de São Paulo, e é considerada uma das obras com mais longo tempo de execução.

Uma das características mais marcantes do caso de Porto Primavera é a abrangência de tempo em que ocorreu a formulação, maturação, e o prolongado período de sua construção, que atravessa diversas fases da história do setor elétrico brasileiro e paulista. (SCARPINELLA, 1999, p. 14)

A Usina foi idealizada durante a Ditadura Militar, período da grande expansão elétrica brasileira. Foi projetada a partir de estudos realizados entre 1965 e 1974 pela Canambra Engineering (CANAMBRA, 1965) em parceria com a CESP e a Themag Engenharia (CESP, 1973). As obras tiveram início em 1978 e a Usina só entrou operação em 1998.

No período em que foi realizado o projeto, os cálculos indicaram que, comparada a outras usinas do estado de São Paulo, Porto Primavera possuía um baixo custo de instalação. No entanto, diversos fatores não considerados no início se acumularam, contribuindo para que a previsão do baixo custo não se confirmasse posteriormente.

⁸ Moradora de Porto Nacional / TO, no documentário *Tocantins – Rio Afogado*. Direção: Hélio Brito e José Luiz Neiva Brito. DOCTV. Brasil, 2005. DVD, 55 min.

O primeiro deles, foi a previsão de que a obra poderia ser concluída até 1981. Depois, a ausência de uma legislação ambiental que exigisse programas de reparação e minimização dos impactos ambientais impediu que estes gastos fossem contabilizados no cálculo inicial de custo da obra. Por fim, com o passar do tempo, houve uma valorização das terras a serem adquiridas no então Mato Grosso⁹, já que cerca de 80% da área atingida pelo reservatório pertencia a este estado.

O índice de mérito de Porto Primavera foi avaliado a partir do custo de construção, mais custo das desapropriações. Como tal, seu custo era comparável ao de outros empreendimentos planejados para entrar em operação mais ou menos na mesma época. A consciência dos problemas que levaram seu custo a várias vezes a estimativa inicial surgiu aos poucos. Os maiores fatores que determinaram seu sobre-preço foram o longo período entre início de construção e início de operação, pelos juros sobre o investimento (inclusive os equipamentos de origem estrangeira foram comprados de imediato); os gastos de um canteiro de obras de vinte anos que teve que ser recomposto; e os passivos socio-ambientais, que foram aparecendo com a consciência das perdas e a mobilização de políticos da região, lideranças de ribeirinhos atingidos, e de organizações não-governamentais, principalmente de apoio aos ribeirinhos. (SCARPINELLA, 1999, p. 14)

Diversos erros de planejamento ocasionaram a paralisação da obra por diversas vezes. O término só ocorreu vinte anos depois de seu início, e as crises inflacionárias pelas quais a economia brasileira passou neste período contribuíram para o aumento do custo previsto.

Na década de 90, após a criação da Política Nacional do Meio Ambiente, o Ministério Público exigiu que a CESP realizasse o EIA-RIMA¹⁰, e apresentasse programas que

⁹ O estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 11 de outubro de 1977 a partir do desmembramento da região sul do estado do Mato Grosso pela Lei Complementar nº31 no Governo do Presidente General Ernesto Geisel. Ver também CAMPETRINI, Hidelbrando e GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. p. 127.

¹⁰ “O Estudo de Impactos Ambientais – EIA – é um estudo em profundidade das regiões direta e indiretamente de algum modo afetadas por grandes obras que produzam algum impacto sobre o meio ambiente e os agrupamentos humanos. Compreende, no caso de uma Usina Hidrelétrica, um levantamento bibliográfico e de campo das condições dos meios: físico – climatologia, hidrologia, geologia, geomorfologia, pedologia, potencial agrícola das terras, recursos minerais; biótico – incluindo o levantamento da fauna e flora nos ambientes terrestre e aquático do leito original do rio, incluindo questões relativas a valor e viabilidade genética das espécies, previsão das alterações prováveis no meio aquático, invertebrados de interesse médico, paisagem e aspectos conservacionistas; humano – caracterizando os agrupamentos humanos afetados, a economia e aspectos culturais, e mesmo aspectos de caracterização do empreendimento, em que a alternativa de terminar as obras é comparada com as alternativas usuais – déficit de energia, outras alternativas de geração, potencial de geração. O EIA é tipicamente elaborado por equipes interdisciplinares [...] Do EIA é extraído o Relatório de

garantissem a sobrevivência do ecossistema da região atingida – fauna, flora e agrupamentos humanos. Essa mudança na legislação obrigou a empresa a desembolsar alguns milhões que não estavam contabilizados no cálculo inicial do projeto.

Apesar da necessidade do EIA-RIMA incluir um estudo profundo dos impactos da alteração ambiental na sobrevivência das populações atingidas, as avaliações realizadas enfatizaram prioritariamente os aspectos físico-químicos e biológicos. Os aspectos sociais, no entanto, permaneceram em posição periférica, ignorando as contribuições propostas pela Política Nacional do Meio Ambiente que incluiu os agrupamentos humanos como parte fundamental do equilíbrio dos ecossistemas (CASTRO, 1993). O estudo dos aspectos sociais apresentados no EIA-RIMA da UHE Porto Primavera limitaram-se a uma contagem da população ribeirinha e à verificação das atividades econômicas exercidas na região a ser alagada.

O outro fator que contribuiu para o encarecimento da obra foi a valorização das terras que seriam atingidas pelas águas do lago. Entre as décadas de 80 e 90, o recém-criado estado de Mato Grosso do Sul foi alvo de grande investimento do governo federal com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da região. Os programas fortaleceram a economia do novo estado, favoreceram a migração e o aumento da densidade populacional. Em decorrência disso, as propriedades rurais sul-matogrossenses sofreram grande valorização, principalmente aquelas próximas à fronteira com o estado de São Paulo.

Todos esses fatores somados aos impactos ambientais só avaliados quando a usina já estava em fase de conclusão, tornaram a UHE de Porto Primavera conhecida como um dos maiores desastres ambientais da história do setor energético brasileiro. A obra da CESP é

Impactos Ambientais – o RIMA, que deve ser escrito em linguagem acessível ao cidadão comum, em que todos os aspectos das alterações e das propostas de mitigação e conservação sejam apresentados de forma concisa e objetiva. O RIMA é o documento que será amplamente divulgado e apresentado nas audiências públicas para apreciação do projeto por todos os interessados. É documento propositivo, em que são formuladas ações e programas de mitigação dos danos ambientais e sociais, e compensações ambientais pela preservação de habitats significativos para as espécies e complexos biológicos destruídos ou adversamente afetados pela construção da barragem e enchimento do lago”. Cf. SCARPINELLA, 1999, p.13-14.

considerada a terceira hidrelétrica mais ineficiente do mundo e a segunda do Brasil, considerando a relação área inundada e capacidade produtiva. Perde apenas para a Usina Balbina¹¹, que também sofreu grandes objeções à sua instalação (SCARPINELLA, 1999).

Balbina foi a primeira considerada um erro, devido à escassa energia produzida por área alagada (de florestas), pelo que foi qualificada publicamente como um desastre ambiental. (FURTADO, 1996, p.105)

A UHE (Usina Hidrelétrica) Porto Primavera atingiu onze municípios. No estado do Mato Grosso do Sul foram: Anaurilândia, Bataguassu, Brasilândia, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas. Em São Paulo: Rosana, Teodoro Sampaio, Presidente Epitácio, Panorama, Paulicéia e Castilho, além de pequenos povoados formados por grupos de indígenas ribeirinhos da tribo Ofayé-Xavante.

Segundo a OAB, o enchimento do lago da Usina hidrelétrica de Porto Primavera foi um “desastre ambiental sem precedentes no Brasil, afetando 22 espécies anfíbios, 37 répteis, 298 aves e 60 mamíferos, muitos ameaçados de extinção, além de erosões e assoreamento do rio, comprometendo a qualidade da água e gerando problemas de oxigenação do lago”¹² (OAB, 1998).

A obra submergiu a maior e melhor reserva de argila da América do Sul. O lago destruiu também um dos mais importantes ecossistemas de Mato Grosso do Sul, com características equivalentes às do Pantanal. O varjão inundado tratava-se do habitat de ao menos quatorze espécies de animais em extinção, como a onça-pintada, o jacaré-de-papo-amarelo e o nhambu-guaçu. Viviam ali cervos do Pantanal, mais de uma centena de onças pretas e pardas, bugios, macacos-prego, jaguatiricas, tamanduás, gambás, cuícas, pacas, cutias

¹¹ Em Balbina a capacidade instalada é de 250 MW para uma área inundada de 2.360 Km² (Eletronorte, Internet, sítio visitado em Julho de 2007). A relação potência/área inundada é de 0,69 MW/Km². É interessante notar que a relação na UHE Porto Primavera é de 0,8 MW/Km², não muito melhor. No caso, há similaridade na relação área energia produzida, já que ambas possuem um fator de capacidade em torno de 50%. Nota de rodapé de por SCARPINELLA, 1999, p.10

¹² OAB SP Notícias (Sítio da Internet). *OAB-SP entra com Ação contra Usina de Porto Primavera*. Publicada em 11/12/1998. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/noticias/1998/12/11/179>>. Acesso em: 10 Jul 2007.

e tatus. Também ali havia inúmeras espécies vegetais, várias das quais em extinção. Encontrava-se na margem de Presidente Epitácio a Lagoa São Paulo, um dos ecossistemas mais ricos do planeta. Sob o lago ainda ficaram dezoito sítios arqueológicos e inúmeras pesquisas incompletas.

Quando do início da construção da Usina, a terra da Grande Reserva do Pontal já estava quase toda tomada de invasões, em grande parte de fazendas de criação extensiva de gado. Fora trechos como a Lagoa São Paulo, que já vinha sofrendo invasões, e a Reserva do Morro do Diabo, a floresta original já havia sido dizimada. No entanto, a característica topográfica da margem direita (de Mato Grosso do Sul), com pequena inclinação e sujeita a cheias anuais, havia assegurado a preservação do meio ambiente natural de uma extensa faixa de terras úmidas com grande diversidade biológica, tanto mais valiosa pelo fato de constituir uma remanescente de áreas de transição nos limites da Mata Atlântica para a região dos cerrados do Brasil Central. (SCARPINELLA, 1999, p.100)

No que se refere aos impactos sociais, a situação não foi muito diferente. A vida econômica das comunidades atingidas dependia diretamente do rio e da biota ribeirinha. Scarpinella definiu os impactos da Usina sobre o patrimônio histórico e cultural da seguinte maneira:

Perda das referências espaciais, dispersão das pessoas mais velhas que detêm o conhecimento sobre a história, costumes e locais e meio natural. Alterações e perda das manifestações da cultura popular: extinção dos pontos de encontro, festas populares, artesanato e medicina popular. (SCARPINELLA, 1999, p.119-120)

No caso do Porto XV, foram indenizadas 274 famílias, que tinham como atividade principal a pesca, olaria, comércio e ranchos de pesca. A vila possuía: um cemitério, duas igrejas, uma escola, um porto e um posto telefônico. A CESP, através da Construtora Camargo Corrêa, forneceu um reassentamento urbano como indenização à comunidade.

A economia foi profundamente prejudicada. A antiga vila era favorecida por dois fatores: a proximidade com a foz do Rio Pardo, que garantia uma grande diversidade de pescados com alto valor comercial e a qualidade da argila, que favorecia a produção de

cerâmicas e artesanatos. Por conta dessas características ambientais e da beleza das paisagens, era comum a presença de pescadores das mais diferentes regiões para a prática da pesca esportiva. Muitos bares, restaurantes e ranchos de pesca sobreviviam do turismo.

Os pescadores ribeirinhos, de forma especial, que são os sujeitos desta pesquisa, tiveram sua atividade praticamente interrompida com a formação do lago. A mudança no leito do rio levou diversas espécies de pescados de água corrente à extinção, sendo que as espécies de água parada atualmente encontradas no lago possuem baixo valor comercial.

Essa população, na sua maioria, vive da economia informal e de subsistência e enfrenta profundas dificuldades de inserção no mercado de trabalho tradicionalmente instituído. As atividades realizadas pelos ribeirinhos, antes da barragem, foram completamente descaracterizadas com a perda do ambiente. A economia era baseada em trabalhos artesanais que exigem pouca qualificação técnica ou grau de instrução formal, mas por outro lado, dependem de um conhecimento profundo do meio ambiente e de um vínculo estreito com o rio, com a fauna e com a flora ribeirinha.

A mudança abrupta da atividade econômica e a falta de qualificação para os novos postos de trabalho que surgiram representou uma das mais significativas razões para o baixo índice de empregabilidade dos ribeirinhos atingidos pela barragem de Porto Primavera. Em Nova Porto XV, como em outras regiões atingidas, as famílias passam a sobreviver de programas públicos de assistência, ocasionando problemas sociais das mais diversas ordens.

Elementos Metodológicos: a composição dos procedimentos

Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais.
Ecléa Bosi¹³

As entrevistas contemplaram o registro de histórias de vida, não de uma forma particularizada no espaço privado, mas as histórias como são compartilhadas nos círculos de amigos, nas conversas informais e no ambiente público. Buscamos as narrativas nos espaços coletivos, sujeitas à participação e apreciação dos pares, portanto, coletamos histórias de vidas construídas estrategicamente no cotidiano, representando a trajetória comum dos pescadores da comunidade.

Esse interesse pelo registro das narrativas nos espaços sociais onde são produzidas e transmitidas exige do pesquisador a participação na vida corriqueira dos ribeirinhos e um posicionamento informal. Por isso, as estratégias do método não estão presas à elaboração de uma estrutura formal que norteie o comportamento do pesquisador, mas aos cuidados que garantam o estabelecimento e manutenção de um vínculo de confiança mútuo.

[...] ao pesquisador e às pessoas do local pesquisado, ambos são pesquisadores, na medida em que olham acontecimentos, constroem "fatos", analisam-nos e nos interpretam, com finalidades e, talvez, com instrumentos distintos. (...) Ambos falam ou deixam de falar coisas em função das concepções prévias ou criadas no decorrer dessa convivência. Para as pessoas do local interessa saber quem somos, porque nos interessamos por conhecê-las, por conhecer seu dia-a-dia, os jeitos de se comportar e se relacionar; interessa também saber qual a utilidade que nossa pesquisa terá; qual a nossa real intenção, não expressa; como pesquisaremos: com questionário, com perguntas?; também se mostram curiosos para saber se escreveremos um livro, se contaremos para os nossos alunos como é a vida deles e, sobretudo, interessa também saber quem somos, o que fazemos, como vivemos. Assim, o fornecimento e o ocultamento de informações ao pesquisador serão controlados pelas representações que essas pessoas criam sobre "quem é o pesquisador." E o mesmo ocorre conosco. Essa atitude investigativa das pessoas do local em relação ao pesquisador o insere numa relação na qual a assimetria é menor do que ele eventualmente possa imaginar e isso tem implicações diretas para o seu trabalho de pesquisa. Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando

¹³ BOSI, 2003, p.20.

vemos a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas. Sendo assim, não são apenas as regras e rigores metodológicos que nortearão a qualidade da pesquisa, mas a qualidade do relacionamento entre o pesquisador e as pessoas do local pesquisado. (SATO; SOUZA, 2001, p. 29-47)

Essa forma específica de investigação possibilita a escuta da linguagem e a observação participante. Também abre a pesquisa à participação dos próprios sujeitos, que nos informam com quem devemos conversar e nos direcionam aos lugares onde as pessoas se reúnem para contar suas histórias.

A entrevista neste contexto coletivo, nas rodas de prosa e nos espaços informais, exige cuidado e responsabilidade pelo conteúdo que é apreendido. Apesar deste não ser um trabalho com objetivos historiográficos, as narrativas sobre o passado apresentam, em inúmeros momentos, o caráter memorialista. Por esta razão, observamos alguns procedimentos da História Oral, aplicando-os à realidade particular desta pesquisa.

A história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios (BOSI, 2003, p.15)

No entanto, o trato com histórias sobre o passado de pessoas vivas exige compromisso e uma certa parcela de amor pelo que está sendo guardado. É uma tarefa de preservar pensamentos, práticas e sentidos prestes a serem extintos. Entre pesquisador e objeto firma-se um elo que em nenhuma hipótese pode ser tido como circunstancial. Pelo contrário, a responsabilidade pela vida e utilização do que foi confiado ao pesquisador é perene e intransferível. Apenas um profundo sentimento de aliança é capaz de garantir que o que for apresentado não trará consequências desagradáveis aqueles que confiaram e se comprometeram com o estudo.

[...] pessoas não são papéis. Conversar com os vivos implica por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo o que escrever ou disser, não apenas lançará luz sobre as pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais [...] (AMADO, 2005, p.146)

A pesquisa contemplou o zelo e o respeito com as narrativas dos participantes, tanto na forma de desenvolvimento das entrevistas quanto com a apresentação dos dados. Durante as conversas, marcadas pelo caráter coletivo e informal, os entrevistados foram esclarecidos sobre a pesquisa, seus objetivos e sobre o uso de aparelhos para gravação das narrativas. O contrato com os pescadores incluiu a transcrição das narrativas de forma literal e uma posterior apresentação dos relatos transcritos.

A preservação do caráter sigiloso dos dados foi garantida. Em alguns casos os participantes expressaram o desejo de ter sua identidade divulgada na pesquisa, nestes casos apresentamos o apelido pelo qual são conhecidos.

As histórias foram colhidas em espaço público, em grupos com mais de três pessoas. Debaixo de sombras de árvores, sentados em banquetas nas calçadas ou mesmo nas sarjetas, entabulávamos com os participantes conversas sobre suas histórias e sobre a vida atual. Faziam uso da palavra livremente. Um entrava na história do outro, corrigiam-se, complementavam relatos ou acrescentavam detalhes que julgavam importantes nos episódios que estavam sendo narrados. Optamos pelo cenário coletivo, pois as histórias de pescadores são essencialmente públicas, não são produções individuais ou intimistas, mas representativas da vida da comunidade. Fora dos grupos, as histórias perdem sua dramaticidade, tornam-se estéreis e vazias.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p. 31)

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a memória não é individual, mas múltipla e condicionada pela convivência social. Mesmo quando se manifesta como um relato pessoal, é necessário considerar o processo social no qual seus conteúdos foram gerados e elaborados.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos

entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história e nem pode pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades (BOSI, 2003, p.15)

A necessidade de confrontar a memória individual com a memória coletiva é muito freqüente nas conversas entre os pescadores ribeirinhos. Na informalidade das calçadas, é comum surgirem contradições e serem feitas correções no conteúdo das narrativas visando à aprovação dos relatos pelos ouvintes.

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. (BOSI, 2003, p.22)

Sobre isso David Thelen comenta, *“como as memórias das pessoas conferem segurança, autoridade, legitimidade e, por fim, identidade ao presente”*, não é de surpreender que *“os conflitos acerca da posse e da interpretação das memórias sejam profundos, freqüentes e ásperos”* (1990, p. XVI).

Embora as entrevistas não possuam uma estrutura formal ou roteiro, o direcionamento da postura da pesquisadora não foi anárquico ou nulo. Existiram pontos norteadores que regeram as interferências, perguntas e a participação do entrevistador nas conversas.

[...] uma das principais âncoras é a clara delimitação do objetivo do estudo e da natureza do objeto, os quais nos informam as formas através das quais o objeto se expressa. Reconhecer a existência, ainda que implícita na maioria das vezes, de que vamos ao campo com teorias e com hipóteses, e estarmos prontos a colocá-las em suspensão ou a refutá-las diante do que nesse processo de encontro observamos é uma postura importante. O processo de pesquisa etnográfica requer do pesquisador que preste muita atenção nele mesmo, uma vez que é a sua relação com as pessoas do local e dele com as teorias e hipóteses que gerarão os achados. Ou seja, é preciso que continuamente estejamos nos perguntando: o quê estamos fazendo? Essa constante postura interrogativa possibilita-nos questionar o que nos parece familiar e, portanto ao que nos faz sentido, pois aos eventos que assim concebemos conseguimos atribuir significados. Ao lado disso, também devemos angariar esforços no sentido de prestar atenção àqueles acontecimentos que nos parecem pouco importantes. (SATO; SOUZA, 2001, p. 29-47).

A composição da metodologia nos revela que o trabalho de campo é sempre extensivo e não intensivo. O caráter informal das entrevistas realizadas com os pescadores exigiu cuidados éticos próprios da pesquisa etnográfica e a observação das diversas especificidades da utilização deste tipo de entrevista em pesquisas de Psicologia. A natureza pública, social e múltipla das narrativas dos pescadores impediu que os aspectos subjetivos apresentados compusessem uma atmosfera privada e intimista, ainda que as falas não sejam em nenhum aspecto impessoais.

O compromisso deste trabalho com a comunidade é especialmente de registro, mais do que investigativo. Os pescadores se mostraram interessados e desejos de que suas memórias fossem mantidas e divulgadas para outras gerações. Nesse sentido, foi assumido junto aos participantes que o resultado desse estudo, um exemplar da Dissertação de Mestrado, será enviado para a biblioteca da escola local e, outro, para os arquivos do posto administrativo do distrito para leitura e eventual uso, pela comunidade, em suas lutas e reivindicações políticas e sociais.

Histórias de Pescadores e a imaginação material em Bachelard

As histórias de pescadores ribeirinhos apresentadas neste trabalho, não são apenas as tradicionais narrativas sobre as aventuras da pesca, mas também as indagações, críticas e desabafos dos pescadores sobre o cotidiano. A linguagem do pescador é sempre fundamentada em narrativas. Sob este aspecto, tentamos romper o laço cultural que classifica as narrativas sobre a pesca e sobre a vida do pescador como fantasiosas.

Este trabalho mergulha na natureza das histórias e atenta-se a seu conteúdo, tomando-as como produto da imaginação material do ribeirinho. Caracterizamos essas histórias como devaneios ou sonhos diurnos, e com isso, desconstruímos a idéia de serem inverídicas ou

fugas da realidade. É em Gaston Bachelard que encontramos a fundamentação necessária para compreendermos a relação das narrativas de pescadores ribeirinhos com a materialidade.

O devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente em seu devaneio. Mesmo quando o devaneio dá a impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta – é ele, em carne e osso, que se torna um “espírito”, um fantasma do passado ou da viagem. (BACHELARD, 2006, p.144)

Neste sentido, o devaneio acontece de um profundo apego ao real, não somente aos elementos da matéria, mas às palavras e à sua poesia. Bachelard fala de uma atividade que se enraíza no concreto, rompendo com as abstrações próprias do sonho noturno. O devaneio é composto pelo desejo que se debruça sobre o real, é ele que dá movimento à vida e permite ao homem agir e criar.

O devaneio seria a proteção contra as hostilidades do mundo que permitiria ao homem fazer poesia, apesar da vida. Diferentemente do sonho com seu caráter trágico e seu sentido despersonalizador, como se fosse uma trama que se apossasse do sonhador, o devaneio é reconhecido inteiramente pelo sujeito como seu e, mais ainda, carrega um sentido de repouso e felicidade. O devaneio brota do repouso da vida, como um fenômeno de abandono e prolongamento da vigília. O sono ilustra o repouso do ser, o devaneio é a busca de equilíbrio e bem-estar. Assim, quando o devaneio vem acentuar o repouso, a alma experimenta a felicidade (BACHELARD, 2006).

O devaneio, esta dobra de sono iluminado pela clareza do dia, mistura-se aos conteúdos da razão presentes na consciência do homem, também à cultura, aos mitos, à religião, ao imaginário e a toda matéria diurna que compõe o pensamento humano. Diferentemente do sonho noturno, sempre atrelado a um desejo reprimido que insiste em se realizar, o devaneio traz consigo o devir que permite ao ribeirinho romper a concretude dos sofrimentos corriqueiros e tornar-se humano, poeta e pensador.

E o devaneio diurno merece, em muitos aspectos, um estudo direto. O devaneio é um fenômeno espiritual demasiadamente natural – demasiado útil também para o equilíbrio psíquico – para que o tratemos como uma derivação do sonho, para que o incluamos, sem discussão, na ordem dos fenômenos oníricos. Em suma, é conveniente, para determinar a essência do devaneio, voltar ao próprio devaneio. [...] A estranheza de um sonho pode ser tal, que parece que um outro sujeito vem sonhar em nós. “Um sonho me visitou”. Eis a fórmula que assinala a passividade dos grandes sonhos noturnos. Esses sonhos, é preciso reabitá-los para nos convenceremos de que foram nossos. (BACHELARD, 2006, p.11)

Esse caráter aniquilador do sonho noturno ou da fantasia opõe-se à natureza das histórias de pescador. Nelas o homem não é um pré-sujeito, pois ele tem a posse de si, recria a natureza, compõe sua história, transformando a construção do possível. As narrativas dos ribeirinhos sobre a comunidade ultrapassam o que chamaríamos de lembranças, elas são compostos da imaginação material.

O sonho da noite não nos pertence. Não é bem nosso. É em relação a nós um raptor, o mais desconcertante dos raptos: rapta o nosso ser. As noites, as noites não tem história. Não se ligam uma a outra. (...) A noite não tem futuro. Sem dúvida a noites menos negras, nas quais o nosso ser do dia ainda está suficientemente vivo para traficar com suas lembranças. O psicanalista explora essas seminoites. Nessas seminoites o nosso ser ainda está ali, arrastando dramas humanos, todo o peso das vidas mal feitas. Mas nessa vida abismada abre-se um abismo de não-ser onde se dissipam certos sonhos noturnos. Nesses sonhos absolutos somos restituídos a um estado pré-subjetivo. (...) O sonho noturno dispersa o nosso ser sobre fantasmas de seres heteróclitos que não passam de sombras de nós mesmos. As palavras: fantasmas e sombras são demasiado fortes. Ainda estão excessivamente ligadas a realidades. Impedem-nos de ir até o extremo da aniquilação do ser, até a escuridão do nosso ser dissolvendo-se na noite. (BACHELARD, 2006, p. 139-140)

Quando um ribeirinho fala de suas epopéias, conta suas histórias, não está, como um sonhador, sendo levado à deriva pela torrente de forças de um passado que o domina, que impõe imagens, cenas e determina o curso de sua atividade anímica, de sua viagem como se fosse um simples passageiro de uma barcaça carregada de conflitos de um dia ou de toda uma vida mal vivida. O pescador, mesmo sobressaltado com a força e com os enigmas que cercam a misteriosa origem, o destino e as profundezas da água, sente-se no comando de sua rota ou, pelo menos, sabe-se sujeito do enfrentamento daquilo que o carrega na sua superfície.

Enfrenta a correnteza, abre caminhos, navega rumo aos alvos pretendidos, às vezes abandona o barco e se lança diretamente na água, mergulha nas suas profundezas, estabelecendo com ela uma relação íntima na qual se deixa envolver inteiramente, porém, sem se entregar às suas forças. Relaciona-se com ela como sujeito, agindo prospectivamente sobre as imagens que irrompem nesse encontro.

Existe nas narrativas dos ribeirinhos uma relação especial com a história. Não a história oficial, mas uma história composta de imagens que ultrapassam o concreto, ainda que derivadas dele. As narrativas não são avaliadas sobre méritos de veracidade, mas em sua capacidade de se tornar matéria viva implicada nas práticas.

É verdade que ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa. Porém o mutismo também petrifica a lembrança que se paralisa e sedimenta no fundo da garganta (BOSI, 2003, p.35)

Os relatos do passado presentes na pesquisa são singulares, rompem o território da lembrança e da memória, são produtos de uma atividade não contemplativa. A imaginação material

afronta a resistência e as forças do concreto, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora. Pois outra é a reação da mão operante, instrumento da vontade de poder e da vontade de criar, mão artesã, mão trabalhadora. (PESSANHA, 1986, p. XIX)

Nas conversas informais que compreendem as entrevistas, os pescadores fazem mais do que lembrar, contar ou opinar, eles devaneiam, sonham acordados, fazem poesia. Sonho e poesia, no entanto, que não navegam facilmente como um flaneur que desliza pela superfície das paisagens mundanas, mas sim que afrontam todo tipo de resistência que se coloca à imaginação. Resistência da própria memória que esbarra no sentimento de perda de uma vida tranqüila, feliz e preche de realizações; resistência das percepções da vida atual que trazem imagens de um cotidiano extremamente solidificado num modo de existência rude e

impiedoso que impõe um ritmo e uma forma de trabalho, lazer e convivência constritivo, que não deixam margem para prospecções do pensamento e da ação.

Devanear e recordar, nesse contexto, é equivalente ao ato de um escultor que precisa vencer a resistência do material, como o mármore, fazendo surgir a forma ideal para expressar suas emoções.

[...] a imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação direta do devir psíquico. A imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vida que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo. (BACHELARD, 2006, p. 8)

O ato de lembrar está, inevitavelmente, ligado à busca de um fato passado. As lembranças em algum momento tentam reproduzir, repetir, resgatar a essência do acontecido. Essas narrativas não estão nesta ordem, elas são devaneios sobre o passado, o presente e o futuro, sobre a história, sobre a vida. Elas surgem das imagens que se constroem no cotidiano, elas surgem como a massa criada pelas mãos do oleiro. É esta massa fértil perceptível nas histórias de pescadores que engendra a força psíquica necessária para essa gente sintá-se detentora de seu próprio destino e do ambiente de vida imposto.

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na medida em que é um super-homem. Devemos definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a humana condição. Uma psicologia da mente em ação é automaticamente a psicologia de uma mente excepcional, a psicologia de uma mente tentada pela exceção: a imagem nova enxertada numa imagem antiga. A imaginação inventa mais do que coisas e dramas; ela inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”. Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências; se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios. [...] A verdadeira poesia é uma função de despertar. (BACHELARD, 1989, p. 17-18)

A imaginação que move o pescador a criar histórias, sejam elas memorialistas ou não, é a mesma que inspira o poeta. Na cultura popular, nenhum personagem encarna mais a figura do contador de histórias do que a figura do pescador, tida como a daquele que excede e que

ultrapassa a realidade. Como um poeta de cordel, o pescador fabula, inventa, aumenta, num exercício criativo da imaginação. Curiosamente, é representado como um contumaz mentiroso, porém, não um mentiroso execrado e visto como pernicioso, mas sim um mentiroso cativante, que desperta simpatia e admiração. No fundo, é reconhecido como um imaginativo, aquele que age prospectivamente sobre a realidade, adensando a ela desejos e ilusões coletivas que expressam miragens de um futuro.

A figura do pescador e as histórias de pescarias ainda exaltam o sujeito, aquele heróico e persistente lutador que enfrenta sozinho o perigo das águas e a bravura do pescado para levar adiante sua missão, para consumir seus propósitos. Para o pescador, tão difícil e desafiador quanto enfrentar as mazelas da pesca é enfrentar a descrença do interlocutor no relato de seus feitos heróicos. É exatamente como um contador de histórias ou como um devaneador que ele se faz como um grande herói, enfrentando destemidamente a suspeita, a desconfiança, o ceticismo e, muitas vezes, as chacotas do outro.

No instante apaixonado do poeta, há sempre um pouco de razão; na recusa racional, permanece sempre um pouco de paixão. [...] No mínimo, o instante poético é uma consciência de uma ambivalência. Mas ele é mais, pois é uma ambivalência excitada, ativa, dinâmica. O instante poético obriga o ser a valorizar ou a desvalorizar. No instante poético, o ser sobe e desce, sem aceitar o tempo do mundo que reduziria a ambivalência à antítese, a simultaneidade ao sucessivo. (BACHELARD, 1973, p. 103)

Essa habilidade de produzir histórias, portanto, está profundamente relacionada ao processo através do qual a comunidade se posiciona diante do mundo, imprimindo contornos de uma "escrita sobre si" (FOUCAULT, 1992; DERRIDA, 2001).

Essas histórias revelam, portanto, a forma como a comunidade constrói a sua relação com o mundo e sua subjetividade. Para compreender esse processo tomaremos as proposições de Bachelard sobre a imaginação dos elementos materiais, em especial a água e a terra.

Água, terra, fogo e ar são materialidades vitais pra o homem. A sobrevivência humana e o desenvolvimento da cultura e da civilização se fizeram mediante ações e transformações

nesses quatro elementos da natureza. A conquista do fogo, o controle sobre ele e sua domesticação representou um passo fundamental para a ampliação dos recursos e instrumentos utilizados na labuta diária para a manutenção e expansão de vida, como para a ampliação do poder na luta contra todo tipo de adversidades. O ar está intrinsecamente ligado à vida. É a fonte do oxigênio e veículo de trocas ininterruptas entre o organismo e o ambiente que lhe circunda. A respiração pode ser tomada como paradigma do intercâmbio entre o homem e seu mundo. É o ato principal e mais elementar da inevitável relação do ser vivo com o mundo mediante o qual traz para si o que lhe é exterior (inspiração) e coloca para fora resíduos do funcionamento do seu corpo (expiração) num autêntico processo de metabolização.

Mas não é apenas no plano da objetividade da matéria que fogo e ar se conectam com o homem e se fazem indispensáveis para a vida. São, também, matéria prima para a imaginação, para os pensamentos, para os sonhos, enfim, para toda a atividade anímica que possibilita ao ser humano transcender sua condição de organismo reflexo e subordinado às condições materiais da vida e elevar-se como sujeito, ou seja, como organismo capaz de fazer história, de modificar seu mundo e se modificar na relação com ele. Fogo e ar, portanto, assim como a terra e a água, fizeram com que o homem tivesse que se debruçar sobre eles, utilizar todos seus recursos afetivos e cognitivos, toda sua imaginação criativa, para apropriar-se deles e estabelecer relações mais eficientes e gratificantes.

Como os ribeirinhos têm a água e a terra como as principais materialidades do seu mundo e referentes de sua linguagem, pensamento e imaginação nos deteremos neles para analisar as produções ideativas dos participantes de nossa pesquisa.

Bachelard descreve o universo simbólico existente na cultura sobre esses dois elementos, e aprofunda-se na relação entre eles. Analisa a função da imaginação sobre as

manifestações das matérias fundamentais na vida emocional do homem e seus desdobramentos no pensamento e na subjetividade.

[...] o verdadeiro tipo da composição é, para a imaginação material, a composição da água com a terra. (BACHELARD, 1989, p. 15)

A vida do pescador é composta de terra e água, é produto dessa massa que nem sempre é equilibrada ou perfeita, mas que representa o símbolo maior da atividade criadora e transformadora. Os impactos da barragem sobre a água e a terra provocaram uma ruptura nas imagens primordiais que davam sustentação ao pensamento e à atividade criadora dos ribeirinhos. Novas imagens passaram a ser construídas e, conseqüentemente, manifestas nas histórias e narrativas do cotidiano.

Reflexões preliminares: O homem e o espaço.

*Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este que arrasta mitologias e espadas?*
Jorge Luís Borges

A água é o elemento fundamental para a vida do homem. É o líquido primordial, insubstituível, essencial para sobrevivência de qualquer agrupamento humano. No entanto, a água é múltipla, relaciona-se de inúmeras formas na natureza, é pluralizada por sentidos e finalidades.

Embora coincidam na composição química, as águas não são iguais. Elas se transformam e ao se modificarem, modificam tudo o que tocam. Bachelard ao estudar a imaginação material dos quatro elementos fundamentais da natureza, define a água como “o elemento transitório. *É a metamorfose ontológica essencial*”. (BACHELARD, 1989, p.7).

É nesta multiplicidade que a água adquire totalidade, pessoalidade e forma.

[...] a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade

poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. (BACHELARD, 1989, p.17)

Em contrapartida, a água é uma espécie de antítese complementar da terra. Esta relação, que Bachelard considera a base da vida, revela toda a sensualidade da água, sua força de combate material que manifesta sua completude íntima e fecunda. O encontro entre a água e a terra, território onde o pescador se equilibra, possui também seu contexto sádico, numa guerra de poderes eróticos. A água que luta para dissolver e tornar o mundo maleável contra uma terra que quer absorver, tornar a realidade sólida e estável.

Em certos devaneios, parece que todo elemento busca um casamento ou um combate, aventuras que o apaziguem ou o excitem. Em outros devaneios, a água imaginária nos aparecerá como o esquema fundamental das misturas. Eis porque daremos especial atenção à combinação da água com a terra, combinação que encontra na massa o seu pretexto realista. A massa é então o esquema fundamental da materialidade. A própria noção de matéria, acreditamos, está estreitamente ligada à noção de massa. (BACHELARD, 1989, p.14)

Essa relação fundamenta a subjetividade do ribeirinho, sua relação com o mundo e com a sociedade. No caso dos pescadores de Nova Porto XV essa relação é muito particular, pois as alterações na água e na terra são drásticas e irreparáveis. A barragem paralisou as águas e transformou o Rio Paraná em um imenso lago inerte. A terra das margens antes repleta de matas ciliares, varjões e espécies selvagens, agora parece árida, inabitável e estéril. As mudanças no espaço acarretam mudanças nas imagens produzidas pelos ribeirinhos em suas narrativas.

[...] a água já não é apenas um grupo de imagens conhecidas numa contemplação errante, numa seqüência de devaneios interrompidos, instantâneos; é um suporte de imagens e logo depois um aporte de imagens, um princípio que fundamenta as imagens. A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. (BACHELARD, 1989, p.12)

A água corrente do rio é renovada, alegre e livre, tem uma natureza maternal. Ela sacia, refresca, revitaliza e alimenta o pescador, pois é na intimidade de suas profundezas que

o alimento é cultivado e preservado. “A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe”. (BACHELARD, 1989, p.136)

A água-mãe rompe a paisagem com seu movimento constante, transborda a vida, fecunda a terra, leva as impurezas, revitaliza o espaço por onde passa. A água corrente penetra a terra, interrompe sua exatidão, desequilibra sua atividade, desafia a previsibilidade do chão.

Veremos também a profunda maternidade das águas. A água faz incharem os vermes e jorrarem as fontes. A água é uma matéria que vemos nascer e crescer em toda parte. A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento contínuo. Imagens tão grandiosas marcam para sempre o inconsciente que as ama. Suscitam devaneios sem fim. (BACHELARD, 1989, p.15)

Por outro lado, as águas correntes do rio possuem uma força combatente e dominadora. A força do rio desafiava a habilidade do pescador, era alimento para seus devaneios, trazia o conteúdo para as histórias. A água corrente é uma água viva, imprevisível, desejante, instiga o pensamento a descobrir seus segredos, desvendar suas fraquezas e seus prazeres. A água do rio é a mãe amorosa do pescador, mas é também sua amante sádica e insaciável que o excita, hipnotiza-o, fazendo-o se sentir potente.

A princípio, em sua violência, a água assume uma cólera específica, ou seja, a água recebe facilmente todas as características psicológicas de um tipo de cólera. Essa cólera, o homem se gaba rapidamente de domá-la. Por isso, a água violenta é logo em seguida a água que violentamos. Um duelo de maldade tem início entre o homem e as ondas. (BACHELARD, 1989, p.16)

A vida que depende da água corrente é difícil de ser gerenciada, desafia a força da mão criadora do homem, pois a água sabe resistir às intenções e aos esforços em dominá-la. O ribeirinho necessita compreendê-la para poder decifrá-la e assim tirar seu sustento, precisa aprender a conviver com as enchentes e a seca, entender a correnteza do rio com seus sons, cores, aromas e gostos. A sabedoria do pescador sobre a água o faz sentir-se parte dela, extensão da sua natureza, participante do seu leito caudaloso.

É essa sensação de posse sobre a materialidade do espaço que traz riqueza ao imaginário das histórias de pescador. A água corrente exige o esforço do homem, o trabalho

duro na materialidade que negocia com a vontade humana. Por isso mesmo fustiga a imaginação, o devaneio, o conhecimento, os afetos, favorecendo a poesia, as criações culturais.

[...] as vozes da água quase não são metafóricas, a linguagem das águas é uma realidade poética direta, os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. [...] Mostraremos que essa liquidez dá uma excitação psíquica especial, uma excitação que já evoca as imagens da água. (BACHELARD, 1989, p.17)

A barragem violentou as águas antes astutas e límpidas, interrompeu seu curso e abortou seu trânsito, impedindo o cumprimento do destino essencial. As águas paradas, não revigoram, não desafiam, não trazem fecundidade e nem levam embora as impurezas do espaço. As águas sem movimento perdem sua finalidade subjetiva, e passam a ser um corpo melancólico e domesticado.

A água experimenta então como que uma perda de velocidade, que é uma perda de vida; torna-se uma espécie de mediador plástico entre a vida e morte. (BACHELARD, 1989, p.13)

A água parada é o sangue de um corpo morto, de um rio morto, um sangue contaminado, doentio e sólido porque não se renova, porque não tem ciclo. O transbordar de um lago de barragem não é como o banho revigorante e purificador que as enchentes dão à terra e à flora ribeirinha, mas é uma explosão hemorrágica que traz morte e destruição.

[...] para um psiquismo tão acentuado, tudo o que, na natureza, corre pesadamente, dolorosamente, misteriosamente seja como um sangue maldito, como um sangue que transporta a morte. Quando um líquido se valoriza, aparenta-se a um líquido orgânico. Há, portanto, uma poética do sangue. É uma poética do drama e da dor, pois o sangue nunca é feliz. (BACHELARD, 1989, p.63)

O lago não tem desejo, não tem combate, não tem pressa, não se altera, logo, não há o que ser desvendado, não há sobressaltos ou excitações. O pescador se encontra com águas impotentes, uma água-mãe de seios secos e uma água-amante sem erotismo. A passividade das águas forma imagens melancólicas e dolorosas, que aparecem nas narrativas. Uma

melancolia também passiva, repleta de mágoas adormecidas, conformadas e esvaziadas de esperança.

Diante das águas imóveis do lago, os pescadores vêm refletir a história e o destino da vila. A água-espelho reflete a realidade e duplica a dor e ressentimento do povo. O lago tem um peso tão sólido e árido quanto um deserto, tem o peso da culpa de ter afogado o rio, ter matado a terra, as matas e os bichos. Mas a água-espelho também reflete o passado da memória, duplica as lembranças e amplifica a saudade do espaço perdido. Os reflexos do lago permitem à comunidade exercitar um olhar sobre si, inspirando o desejo de narrar.

Em especial, podem-se descobrir as duas águas, a da alegria e a da dor. Mas não existe apenas uma lembrança. Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano da água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. O devaneio à beira da água, reencontrando seus mortos, morre também ele, como um universo submerso. (BACHELARD, 1989, p.49)

Capítulo 3

HISTÓRIAS SOBRE A HISTÓRIA: EMERGINDO O PASSADO

*Agora deram de encarcerar os rios
 Rio é vivente bruto,
 é medida de tempo
 Tempo às vezes avança,
 às vezes encalha,
 Dá voltas, retrocede.
 Urde rebojos.
 Mergulha em noites sem termo,
 mas rompe.
 Sempre sabem encontrar os desvãos,
 As fendas para seguir seu curso,
 Como a vida.
 Pedro Tierra¹⁴*

Neste trabalho, os ribeirinhos de Nova Porto XV, como porta-vozes da história dos costumes, nos conduzirão numa reconstrução do universo memorialista que abriga as práticas cotidianas. Em alguns momentos recorreremos a pesquisas sobre a história da região ou aos fatos transmitidos pela cultura oral.

A conversa ressalta os “causos” e relembram o espaço anterior à cheia do lago. A prosa do grupo emocionado incita as narrativas que contém lembranças dos lugares submersos, da paisagem perdida, das condições anteriores de pesca, do antigo porto, das festas à beira do rio e dos fatos comuns decorrentes das enchentes que obrigavam o deslocamento da vila durante os meses de verão.

É este espaço da prosa memorialista que captura a pesquisadora a registrar conteúdos tênues quase despercebidos àqueles que não conheceram a paisagem original do lugar. É a voz ritmada da gente ribeirinha que seduz seus ouvidos com uma força nostálgica e a convida a ser mensageira das narrativas de vidas submersas.

¹⁴ Poeta nascido em Porto Nacional / TO, citado no documentário *Tocantins – Rio Afogado*. Direção: Hélio Brito e José Luiz Neiva Brito. DOCTV. Brasil, 2005. DVD, 55 min.

A construção do Porto

O Porto XV original foi fundado em 15 de novembro de 1906, com a função de facilitar o transporte entre os estados de São Paulo e o então Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Até este período, o único caminho para transportar o gado, a madeira e demais produtos provenientes da região e destinados aos centros urbanos do leste era feito pelo estado de Minas Gerais. A longa viagem era responsável pelo desgaste de grande parte das mercadorias e mortandade dos animais. No entanto, uma rota alternativa para escoamento das mercadorias representava um custo elevado e nenhum governo estadual estava disposto a assumir.

Foi então que o sul-matogrossense Manoel da Costa Lima idealizou uma rota comercial mais curta até São Paulo, e com recursos próprios, apoio de parentes e autorização do governo estadual de Mato Grosso abriu uma estrada de Campo Grande até a foz do Rio Pardo no Rio Paraná. Atualmente a BR-267 que carrega o nome do desbravador.

Em 1904, ao chegar às margens do Rio Paraná povoada então por índios das tribos Xavante, Kaiowá e Ofayé, Costa Lima se deparou com o Rio Paraná e com os seus 2.250 metros de leito. Percebeu a necessidade de um porto com capacidade para atravessar boiadas até a margem paulista.

A Carmelita

Manoel da Costa Lima resolveu seguir para Concepción, Paraguai, com todo seu gado, vendeu-no e adquiriu uma grande embarcação a vapor nomeada *Carmelita*. A enorme barca atravessou todo o estado de Mato Grosso do Sul com destino a foz do Rio Pardo, onde o desbravador idealizava construir o porto.

Em 1905, a *Carmelita* já estava subindo os rios Paraguai, Miranda e Aquidauana. E foi na povoação de Aquidauana que ancorou. Com poucos meios, desembarcou os carretões e, com a força dos homens e dos bois, desmontou a embarcação e a levou até Campo Grande, puxado por duzentos bois, ocasião em que abriu a estrada Campo Grande-Aquidauana, cortando a Serra de Maracajú. Na chegada em Campo Grande, causou grande alvoroço, já que o tamanho das peças e da comitiva era enorme para a época. Ficaram nas ruas centrais da cidade por três dias. (...) Depois da saída de Campo Grande, rumo ao leste, a comitiva chega ao pontal dos rios *Lontra* e *Anhanduizinho*. Neste ponto, a embarcação é remontada, desce as águas do rio *Anhanduí* e Pardo até as do rio Paraná, no Porto Quinze de Novembro. (...) Em 8 de outubro de 1906, iniciou-se a primeira navegação a vapor do Rio Paraná. *Manuel da Costa Lima* ainda conseguiu trazer mais duas chatas de São Paulo, construiu balsas-currais, mangueiros, embarcadouros com brete e outras obras rústicas tanto em Mato Grosso do Sul, como na margem paulista do rio Paraná (atual Presidente Epitácio e Porto Tibiriçá). (OLIVEIRA LIMA, 2000).

O porto foi ganhando importância econômica e ao longo dos anos diferentes empresas assumiram o controle do transporte até o Porto Tibiriçá no lado paulista. Por ali passaram importantes aventureiros a caminho do oeste; marinheiros e navegantes que subiam ou desciam o Rio Paraná com suas embarcações; comerciantes com mercadorias que gerariam grandes fortunas nas novas cidades; imigrantes com as economias provenientes do trabalho nas lavouras de café que entusiasmados com as terras baratas do Mato Grosso sonhavam adquirir sua propriedade; retirantes nordestinos imbuídos de esperança de trabalho e sobrevivência; fugitivos em busca de refúgio; enfim, trabalhadores de toda sorte que vinham oferecer mão de obra para a construção das estradas e das cidades, formar lavouras e pastos no cerrado e servir de peões às boiadas de Mato Grosso.

Com o passar dos anos, muitos que vinham com o intuito de seguir viagem acabaram se instalando na colônia. Esses primeiros moradores trabalhavam na pesca e no plantio. A atividade pesqueira era atrativa, pois as condições ambientais favoreciam a presença de espécies raras de pescado com bom valor comercial. A lavoura, por outro lado, possuía seus benefícios já que a rota facilitava o transporte e a presença de viajantes garantia a venda da colheita.

A vida noturna, os bailes e os bares

O Porto XV de Novembro foi ganhando status de ponto de passagem, descanso dos viajantes, solitários ou não, em sua maioria homens que ali paravam para a refeição ou para o pouso antes de seguir longas viagens a cavalo. A vila conquistou importância regional graças às pequenas casas comerciais, pousadas, bares e casas de show.

As comitivas trouxeram as melodias, os “causos” das terras, as violas, o linguajar, o sotaque, os modos que ali se misturavam com a vida do pescador, suas histórias, seu imaginário, seus devaneios provenientes das águas. O apelo do viajante por diversão e descanso estimulou a vida noturna. As boates eram as principais atrações da vila e sua fama alcançou as terras mais longínquas.

A violeira Helena Meirelles, nascida e criada nas fazendas das margens do Rio Pardo, começou sua carreira boêmia tocando nas casas noturnas do Porto XV. E em um de seus discos conta algumas histórias deste período que tocou na vila.

Eu gostava muito de tocar pra familiar também, mas eu gostava muito de tocar na zona, na casa das mulherada, porque foi o lugar mais adivertido que teve na minha vida pra mim tocá porque foi no tempo que eu já bebia. Eu comecei a bebê né! Depois de mulhé adurta, eu comecei bebê e comecei enfrentá mais tocá pras mulherada da zona do que no meio de família. Porque lá é um lugar muito adivertido, a gente toca lá, a gente vê tudo mundo bebendo, tudo mundo caindo, tudo mundo pintando e virando de ponta cabeça, dançando e brincando e conversando com as lambandaieira. Então aquilo pra mim era um prazer porque eu ficava sentada num canto tocando com meu companheiro e veno a palhaçada deles, começava a dar risada e aquilo eu passava a noite sem senti. Olha a barra de lá rapaiz, qué dizê que pra mim, nunca foi pesada, porque graças a Deus nunca fui judiada de ninguém, porque foi coisa que Deus nunca me deu é... esse apoio de vim os outros judiando de mim, Ele me deu apoio sempre e felicidade, graças a Deus. Porque a minha cumpanheirada dançava, a minha cumpanheirada às vez apanhava, às vez os nego chegava atirava... Como era no Porto XV, que era o ponto dos peão de boiadeiro da comitiva LS e da comitiva Yepê. Às vez eles chegava lá e ficava quatro, cinco comitiva lá parado. E todas noite eles iam lá onde eu tocava lá na casa das mulher, chegava lá e às vez eles cismava de dá um côro numa daquelas. Eles dava um côro, às vez eles desejava de empurá e dirrubá, se dava de arrastá pelo braço arrastava, tirava a guaiaca e surrava. E com isso eles imendava com a galopeira. Às vez eles arrastava a espora, arrastava a tolha da mesa c'á espora, às vez cutucava as pessoa c'á espora. E assim eles ia, guaxa, revólver... Como eu vi lá no Porto, nego rancá o revólver da cintura e mexê a cerveja com o

cano do 38. Uma vez eu tava tocando lá na zona do Porto XV lá e a pionada tava bebendo e gastando lá com a mulherada, com a putada lá. Então tinha uma paraguaia lá com o nome Lorença, muito minha amiga, entrou pro quarto com o amigo dela lá e acomeçaram a beber lá dentro e ele começou a surrar ela com a guaiaca e a gente escutava o barulho da guaiaca. Puló, puló! E nós saímos correndo: 'Abre a porta Lorença. Sai daí, esse homem vai te matar de bater em você aí, senão nós vamos abrir essa porta por nossa conta'. E ela falou assim: 'Não, deixa que eu gosto de apanhar' Aí nós falamos assim: 'Então surra mais essa filha da puta, já que ela gosta de apanhar memo, então que apanhe'.¹⁵

As casas de shows e a prostituição movimentaram a economia da vila por décadas, só perdendo importância quando o serviço de travessia do porto foi substituído pela ponte, em 1964. Apesar da fama das boates, a maioria da população do antigo porto via com maus olhos as atividades noturnas da vila. A forte tradição religiosa depreciava a diversão profana dos viajantes.

Em contrapartida, a população religiosa buscava criar suas alternativas de lazer e diversão, através da organização de bailes considerados familiares. Geralmente ocorriam depois das novenas, missa ou rituais religiosos.

O povo participava da casa dos vizinho. Aquele povo antigo costuma fazer o terço né? Então eles vinha: 'Vizinho, vai ter o terço lá em casa hoje, você pode comparecer no terço?' E a gente dizia: 'Vamo, é lógico'. E a gente juntava a família e levava pro terço. E ia gente, muita gente. Aqui não existe isso, mas lá existia. E depois do terço a gente fazia um bailinho, um aparecia com um violão, o outro com um pandeiro, a gente brincava pela madrugada e não acontecia nada porque era tudo família.¹⁶

Havia também bares diurnos, que serviam de pontos de encontro dos pescadores da vila e dos turistas de pesca esportiva, onde era comum os amigos se reunirem para contar histórias de pescaria e partilhar informações sobre as condições do rio.

As festas religiosas movimentavam a vila, competiam em fama com as casas de show, eram onde as pessoas se encontravam, partilhavam a vida, contavam suas façanhas e construam sua história.

¹⁵ MEIRELLES, Helena. Histórias & Causos: De boiadeiros e Bordéis (Faixa 16). In: *Helena Meirelles*. Gravadora Eldorado, 1994.

¹⁶ Entrevista com Chiquinho Lambari.

O Quinze Velho

A população de Nova Porto XV é proveniente de três espaços distintos hoje submersos: a vila de Porto XV de Novembro, a “barranca” e as ilhas.

A região próxima às margens, popularmente chamada de “barranca”, abrigava o porto e a colônia de pescadores, sendo constituída por pequenas chácaras ao longo da costa. Esta região era mais atingida no período das enchentes, fato que obrigava os ribeirinhos a se deslocarem para abrigos temporários na vila. As casas da barranca eram distantes umas das outras e ligadas por uma estrada marginal de cascalho, que também servia de acesso à vila e à rodovia Manoel da Costa Lima (BR-267).

Du Ó: *Minha casa era no alto do chão, a garage do carro era debaixo da casa, carro não carro véio, e era de tauba (táboa).*

Teresa: *Oito comodos.*

Du Ó: *Era maior. Era maior, só que era mais feinha, né? Mas ninguém tinha esse calorção não, porque ali entrava ar por todo lugar, por cima, por baixo, pelos lado. Não Chovia dentro não.*

Teresa: *Só entrava fresca.*

Du Ó: *Entrava fresca porque era de tauba, né!*

Teresa: *E a casa balançava tudo quando ventava muito. A casa balançava.*

Du Ó: *Toda casa que tá no prumo balança.*

Teresa: *É. Só que a nossa casa já tava torcida mesmo.*

Du Ó: *Mas num ia cair não.*¹⁷

Há cerca de dois quilômetros das margens do rio ficava a vila, onde existiam casas de comércio, escolas, bares, pousadas etc. A vila seguia um modelo rústico de disposição urbana: as casas de madeira ficavam próximas uma das outras sendo separadas por ruas sem pavimentação. Os vastos quintais com seus pomares e criações de animais eram sempre delimitados por cercas também de madeira. A vila ficava num terreno mais elevado e não costumava ser atingida pelas águas das enchentes, exceto no ano de 1982 quando a região assistiu a maior cheia de sua história. Neste ano a vila sofreu profundas perdas e toda a população precisou abrigar-se nas fazendas da região.

¹⁷ Entrevista com Du Ó e sua esposa Teresa.

As ilhas abrigavam um número considerável de pescadores artesanais, gente que tinha contato com a comunidade apenas em festas religiosas e no período da enchente quando precisavam se deslocar. Essa população vivia de forma bastante rústica até a mudança para a Nova Porto XV.

*A ilha era maravilhosa... Primeiro nós veio morá no XV, depois nós compramo a ilha, e descemo pra ilha. Fiquei três ano nessa ilha. Depois voltamo pro XV de novo porque minha casa era aqui. Eu morava na ilha, mas tinha a casa aqui. Continuamo a mesma vida tranqüila.*¹⁸

A população desses espaços costumava encontrar-se nos festas religiosas da vila e nos bailes. As pessoas se conheciam e se ajudavam mutuamente, principalmente nos períodos das cheias do rio, quando a comunidade precisava se deslocar para as regiões mais altas.

A pesca

*Canoeiro, canoeiro
Filho de pai pescador.
Reme depressa a canoa, canoeiro,
Para ver o seu amor.
Às margens do Rio Paraná,
Num ranchinho beira chão,
A dona do seu coração reza pra você chegar.
Seu filho chora, chora, canoeiro,
Não esqueça o peixe não.*

João Brilhante¹⁹

Os pescadores do antigo Porto XV contavam com a correnteza, com a fauna e flora adequadas para obtenção das iscas e, também, com a proximidade do rio afluyente que garantia a qualidade e diversidade das espécies. A vida da comunidade estava amarrada à vida do rio. Pelas suas vazantes se marcava o tempo e se previa os destinos, as fortunas e as misérias. A pesca era permeada de rituais e superstições que visavam conquistar a benevolência do rio, de

¹⁸ Entrevista com Chiquinho Lambari.

¹⁹ João Brilhante é compositor de Presidente Epitácio. Música: Canoeiro. Interpretes: Dinal e Dorival.

forma que todos os esforços despendidos no trabalho fossem retribuídos pelas águas ao fornecer os peixes em quantidade e qualidade.

*Ali não faltava nada, nada. Ali nós tinha o peixe, eu tinha o barco. Trabalhava com o barco, morava na ilha. A ilha era maravilhosa...*²⁰

Os dias a enfrentar a correnteza significavam uma aventura cheia de perigos e imprevistos, principalmente pela presença da densa mata ciliar e dos animais selvagens que, em busca de água e alimento, abrigavam-se às margens do rio, desafiando os pescadores. Estas condições ligadas ao cotidiano de trabalho serviam de matéria prima para as histórias e mitos que eram o entretenimento nas varandas das casas ao entardecer e recompunham seus esforços para novas empreitadas.

*Bicho tinha demais (na pescaria), a gente até acostuma encontrá capivara, anta, cateto... aqui acolá a gente escutava uma oncinha esturrano.*²¹

Além desse caráter econômico que influenciava o cotidiano de trabalho, existia o fator natural e prático: nem a lavoura, nem o rio eram capazes de sozinhos fornecerem alimento o ano todo. Tanto a água quanto a terra precisam de tempo para gerar o alimento. Por esta razão, este homem ribeirinho passou a desenvolver uma relação muito próxima com a natureza, integrando-se harmoniosamente às suas manifestações e especificidades.

*Eu pescava e tocava roça. Numa semana era três dias no rio e três na roça. A gente tinha que comê, né? E pra pagá a luz tinha que vendê o peixe.*²²

Os pescadores mantinham uma relação de respeito com o rio e com o meio, pois sabiam que dependiam deles para sobreviver. Sabiam os limites da mão do homem sobre a natureza, pois para a sabedoria popular o rio era vingativo com aqueles que o violentavam, que o provocavam. Por esta razão, era consenso cumprir o tempo do rio, principalmente no período da piracema²³. Neste período, os pescadores tiravam da terra seu sustento. Alguns

²⁰ Entrevista com Chiquinho Lambari.

²¹ Entrevista com Du Ó.

²² Entrevista com Du Ó.

²³ Piracema segundo o IBAMA. *Piracema: fenômeno da reprodução dos peixes*. Ribeirão Preto, 1995. “É uma palavra indígena que significa a subida dos cardumes de peixes pela correnteza em busca de locais para

tinham sua própria roça no quintal, outros trabalhavam como bóias-frias nas lavouras da região.

*E lá no XV não, lá era diferente. Lá tinha roça de feijão, roça de algodão, bóia fria, puxava a turma pra levá pra trabalhar nas roça de madrugada, ninguém tinha tempo lá no XV véio, aqui não.*²⁴

A harmonia do homem com o espaço garantia a prosperidade e a fartura de alimento e recursos.

*Aquele tempo lá era bão. Cê saía... Às vezes ocê saía pra acampá, cê chegava, armava e com dois dia cê tinha que vim embora... sabe por quê? Ocê não tinha onde ponhá os peixe. Se não viesse embora estragava.*²⁵

As enchentes

O período das cheias do rio, durante os meses de verão, obrigava os ribeirinhos da barranca e das ilhas a deixarem suas casas e buscarem refúgio em regiões mais altas. A vila dificilmente era atingida pelas enchentes, exceto em anos de cheias mais abundantes como a marcante enchente de 1982.

Freqüentemente, os ribeirinhos recebiam auxílio do Exército e da Marinha neste período. Os militares auxiliavam no resgate de ribeirinhos ilhados pela enchente, cediam barracas para que as famílias acampassem até que o rio voltasse ao seu leito original e comumente forneciam alimentos. Além dos militares, a comunidade local tinha uma participação importante no auxílio à população ribeirinha desabrigada pelas cheias.

Na enchente saía. A gente ia pra um lugá mais alto. Sempre tinha barraca, sempre alguém arruma. Aquele tempo o povo era bão. Às vez os fazendeiro arrumava os rancho pro povo do quinze ficá. Aquele tempo não era que nem agora não. Aquele tempo ninguém esquentava de dá alimento não,

desovarem. Os peixes de piracema percorrem distâncias até o amadurecimento dos ovários, aí desovam em águas bem oxigenadas. Este fenômeno ocorre todos os anos, durante o período das chuvas entre novembro a janeiro para a maioria das espécies da piracema”. Com a formação de barragens e lagos artificiais nos grandes rios do país, este processo natural passou a ser prejudicado em muitas regiões, em alguns casos até interrompido ocasionando a extinção de muitas espécies de peixes.

²⁴ Entrevista com Teresa do Du Ó.

²⁵ Entrevista com Teresa do Du Ó.

*porque todo mundo tinha fartura. O povo trazia, no tempo do o exército eles ajudava também. Era mais fácil, eu num achava ruim as enchente mesmo não, porque não faltava as coisas.*²⁶

As enchentes vinham de repente, junto com as chuvas. Apesar de conhecidas, vinham de sobressalto, da noite para o dia. A maioria dos pescadores não saía de suas casas até que a água já estivesse invadindo, esperavam ficar ilhados para então se refugiarem em terra firme. Isso porque, todos temiam abandonar suas casas em vão, pois era completamente impossível prever o nível que as águas alcançariam.

A vida do ribeirinho era completamente adaptada ao rio, às enchentes e ao espaço. As casas eram construídas em madeira sob altas estacas, tentando manter alguma segurança frente aos riscos de cheia do rio e do perigo de invasão de animais peçonhentos.

Du Ó: *A enchente enchia tudo, a água ia no telhado em cima. Eu perdi muita coisa.*

Teresa: *É que a gente saía antes, a gente ia pro aterro.*

Du Ó: *Perdi um guarda-roupa.*

Teresa: *Quando vinha enchente assim a gente tirava tudo de barco.*

Du Ó: *Dava tempo de tirá nada...*

Teresa: *A gente ia pro aterro lá em cima na cabeceira da ponte, eles davam barraca pra gente.*

Du Ó: *As vez quando era muita coisa eles colocava duas barraca, era daquelas do exército.*²⁷

As enchentes eram vistas com agrado pelos pescadores, pois acreditavam que quanto mais abundante fosse a quantidade de água, maior seria a fartura no ano que começava. As cheias contribuíam para tornar as terras mais férteis e favoreciam o ciclo reprodutivo dos peixes. Para os pescadores, enchentes escassas anunciavam que o ano seria de fome e penúria.

Naquela época que nós tava no Quinze Véio, todo ano tinha enchente, e nós esperava a água do rio chegá na porta da casa prá depois carregá a família embora. Eu sempre tinha a crença de esperá o rio entrá no quintal prá podê lavá o pé na água da enchente antes de deixá a casa. Às vez nós ficava ilhado e vinha os cunhecido de bote buscá a gente na casa, aí nós pegava as coisas de mais precisão, fechava a casa com as tramela, e ia armá nosso barraco aonde o rio não alcançava. E nós ficava rezano prá descer muita água, o rio encher bastante e trazê muito peixe prá nós pescá no resto do ano. O ano que a enchente era pouca ia sê ano de fome, podia

²⁶ Entrevista com Sr. Nelson.

²⁷ Entrevista com Du Ó e sua esposa Teresa.

*até iscrevê. Agora parece que o rio tá morreno, o rio tá cheio, mas não tem mais a corredera prá trazê os peixe. (...) Este ano não deu nada, tem dia que o que nós pesca serve só prá comê na janta.*²⁸

Primeiro de Maio

Durante as décadas de 30 e 40 acontecia no Porto XV e no Porto Tibiriçá uma grande festa em comemoração ao Primeiro de Maio.

Era a maior festa da região, quando os moradores desde a cidade de Assis, vinham de trem e caminhões passar o 1º de Maio nas barrancas do rio Paraná. As pessoas começavam a festa no lado paulista, mais precisamente no Parque Figueiral, que o chefe do distrito mandava limpar para receber os usuários. Inicialmente a Cia. De Viação São Paulo Mato Grosso e depois o Serviço de Navegação Bacia do Prata – SNBP, por sua vez, colocavam embarcações à disposição da população para levá-las até o Porto XV, no atual Mato Grosso do Sul, onde havia corrida de cavalo, futebol, brincadeiras, música e um grande piquenique. Era o dia todo um leva e trás de pessoas aproveitando o feriado. (GODOY, 2002, p. 315).

A partir de 1949, os moradores de Presidente Epitácio resolveram oficializar a festa no lado paulista, abandonando a travessia até o lado mato-grossense onde se realizavam os campeonatos. A Festa passou a se caracterizar como um o grande piquenique sob as grandes figueiras de Presidente Epitácio.

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é realizada tradicionalmente na vila, no dia 15 de agosto, e é caracterizada pela travessia de nove imagens de santos católicos, do Porto XV de Novembro até o Porto Tibiriçá de Presidente Epitácio: Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Graças, São Benedito, Santa Teresinha, São Judas Tadeu e Santo Antonio.

²⁸ Entrevista com pescador de isca da Reta A1, morador do antigo Porto XV. Não quis ser identificado.

Segundo a tradição oral, a procissão sobre o rio teve início em 2 de fevereiro de 1948²⁹ por conta da promessa de um morador da vila que tinha seu filho em combate na Segunda Guerra.

(...) nos fins de 1944, em reunião realizada na residência de Francisco (Quinzinho), que ficava na região do Porto XV – MS, estando presentes várias pessoas, entre elas o chefe do Distrito de Tibiriçá e funcionário do Serviço de Navegação Bacia do Prata – SNBP – Armênio Macário Ribeiro, Juca Monteiro, Dona Cota, começou-se a conversar sobre a idéia de Armênio Macário em fazer aqui na região, nas águas do rio Paraná, uma festa religiosa igual a que há muitos anos era realizada em Porto Alegre – RS, a “Festa da Padroeira dos Marítimos, N.S. dos Navegantes”. Nisso “Quinzinho lembrou os presentes que seu filho de nome Bento, pertencente à Força Expedicionária Brasileira – FEB, estava combatendo nos campos da Itália na Segunda Guerra, e que ele, “Quinzinho”, havia feito a promessa de que caso Bento retornasse com vida e saúde, construiria uma capela no Porto XV e que a padroeira seria N.S. dos Navegantes. Naquela ocasião Armênio Macário prometeu a “Quinzinho” e aos marítimos que iria dar-lhes uma padroeira. Terminada a guerra e Bento tendo voltado são e salvo, a promessa de “Quinzinho” e de Armênio Macário Ribeiro não foram esquecidas. No começo de 1947 foi iniciada a construção da capela de N.S. dos Navegantes no Porto XV. Era uma capela pequena de madeira, construída e terreno e com material pertencentes ao SNBP. Construída a capela, faltava a imagem. Armênio Macário e sua filha Maria de Lourdes fora até São Paulo e de lá, de avião, foram buscar a imagem da santa em Porto Alegre – RS, originária da Igreja Matriz de N.S. dos Navegantes. (GODOY, 2000, P. 347-8)

Com o passar dos anos, a devoção foi ganhando força e após a novena as pessoas partilhavam comidas, tocavam músicas regionais e dançavam até o raiar do dia. A novena tinha início no dia sete de agosto e os nove dias que se seguiam eram de muita comida, música e diversão. No dia quinze de agosto a festa era encerrada pela procissão de barcos que realizavam a travessia no rio. Pescadores da região e moradores das cidades próximas vinham participar da festa e pagar promessas à santa.

As festas do XV era muito boa, o pessoal acudia demais, então vinha gente de São Paulo, Campinas, Maringá, Ponta Porã... Dia 6 cê já via muito carro de turista, ônibus tá? Tudo pra assistí a procissão no rio que o povo atravessava com a balsa. Com a balsa o povo saía do porto XV até a igreja

²⁹ A data comemorativa de N.S. dos Navegantes é em 2 de fevereiro. No entanto, neste período o Porto XV de Novembro ficava praticamente inundado pelas enchentes do Rio Pardo e Rio Paraná. Para evitar riscos de afogamentos e acidentes, a travessia do rio, a partir de 1951, passou a ser realizada no dia 15 de agosto. Cf. GODOY, 2000, p. 319-320.

lá no Porto Epitácio e voltava por água. Então tinha muito turismo que freqüentava, aquilo eu me recordo muito. Aquilo enchia o salão da igreja.³⁰

Na travessia, a multidão seguia na balsa e os pescadores acompanhavam com seus barcos rezando o terço, declamando ladainhas e canções sacras. Ao longo do tempo, pescadores e moradores da vila, devotos de outros santos, foram acrescentando outras imagens ao cortejo.

No período da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, as pessoas da vila aproveitavam a presença do pároco para realizar batizados, casamentos e outros sacramentos. O rito religioso era símbolo de agradecimento do povo ribeirinho. Muitas prendas eram oferecidas em gratidão à fartura retirada da terra e do rio. Os nove dias de festa eram marcados por inúmeros rituais e costumes com as quais era selada a relação do homem com as águas e com a terra.

Antigamente a festa era feita assim: era mais o povo da comunidade que organizava, os baraqueiro, o pessoal das ilha. Todo mundo vinha e trazia frango, novilha. Não precisava comprá nada. As prenda é que era leiloada. Mas tudo era ganhado e o dinheiro das prenda ficava pra reformá a igreja. Aí um vinha comia na casa de outro. Vamo supor, o cumpadre seu Nelso digamo assim morava lá no Cantinho do Céu, lá pra Barra Preta e ele vinha de bote, ele subia de bote com a família três, quatro, cinco dias antes da festa. Então ele já trazia, por exemplo, pra doá lá na festa, duas, três leitoa. Cinco seis frango, cada um daqueles. Trazia banana pra leiloá, abóbora, mandioca, abóbora que parecia um... um museu, mandioca de dois três metro, de grande que era. Guardava o pé de mandioca três quatro ano só pra depois arrancá e trazê na festa. Porque era uma alegria leiloá uma mandioca daquela. Fazia um baita de um festão³¹.

No baile religioso, algumas práticas tentavam moralizar sentimentos e desejos inaceitáveis pela tradição religiosa do povo da vila e comuns nos bailes profanos. A Rosa da Meia Noite, por exemplo, era uma forma de redimir-se do desejo e da sensualidade exteriorizados na festa católica.

Russu: E aí tinha a chamada Rosa da meia-noite, que era uma das prenda mais cara que tinha. Aí o povo ficava esperano o último dia da festa. O sujeito, por exemplo, eu ia lá e arrematava a Rosa da meia-noite, por

³⁰ Entrevista com Chiquinho Lambari.

³¹ Entrevista com Russu.

qualqué preço, o povo brigava pra arrematá aquela rosa. Só que tinha uma coisa, por exemplo, eu passava o ano inteiro com vontade de dançá com você, e com aquela rosa se você estivesse na festa você não podia negá de dançá comigo. Era como se fosse um ritual, uma promessa. Então eu arrematava aquela rosa por qualqué preço, mas cê tinha que dançá comigo depois. Entendeu? Aí eu tinha que levantá e ia até você e te oferecia a rosa e você tinha que dançá aquela valsa comigo. Não era mais ou menos assim dona?

Helena: Quem recebia a Rosa da meia-noite tinha que dançá com o cavalheiro.

Russu: Você podia sê quem você fosse, e eu podia sê quem eu fosse, você podia sê filha de quem você fosse. Se eu arrematasse a rosa cê tinha que dançá comigo. Podia até sê casada. Só que era sempre dentro do maior respeito, as família tudo junto, os amigo todo mundo junto. Era como se fosse assim... um ritual. Você tinha por obrigação dançá com aquele cavalheiro. Geralmente, o homem por respeito não ia levá a rosa pra uma mulher casada, geralmente era pra uma moça, ou pra uma mulher que não era casada ou era viúva ou largada do marido. Mas aquela rosa era símbolo que você tinha que dançá com aquele cavalheiro. Você ficava com a rosa, mas tinha que dançá comigo. Então o sujeito... com aquilo muita gente vinha só pra vê quem que ia recebê... era uma festa... as pessoas ficava esperano, tentava descobrí quem ia ganhá. Todo mundo esperava a rosa da meia-noite.

Helena: As mulher todas queria ganhá a rosa, era uma honra. Ave Maria!

Russu: Não, e ainda muitas moça se enfeitava diferente no dia da rosa da meia noite, pra vê se ela ganhava a rosa da meia noite. Porque para a moça que também ganhava a rosa era um motivo de orgulho, era uma festa. As moça até ensaiava a valsa quase o mês inteiro para dançá aquela valsa da meia-noite se elas recebesse a rosa. O cavalheiro, às vezes era um senhor casado, mas não tinha importância porque era sempre no mais puro respeito. Tinha ano que ela (a rosa) era feita manual ou artesanal, muito bonita, muito enfeitada.

Helena: Cada ano era diferente, às vezes era natural, às vezes fazia.³²

Além da Rosa da Meia Noite, os moradores antigos contam que em alguns anos acontecia o leilão da Caixinha de Surpresas. No interior da caixa eram colocados um prêmio e uma tarefa a ser cumprida publicamente por quem a arrematasse. Era comum a caixa conter situações inusitadas, uma poesia a ser lida, uma perereca, chupar um limão, dançar com um coelho no salão.

Havia ainda o concurso da Boneca Viva no qual as meninas da comunidade vendiam votos durante os nove dias de festa. O título de Rainha era conquistado pela menina que obtivesse o maior número de votos.

³² Entrevista com Russu e sua sogra.

Na festa tinha a Rainha, chamava-se Boneca Viva, né? Que era com as criança. Então, a que ganhava em primeiro lugar era colocada como Rainha. Continua ainda isso aí. A menina que vende o maior número de voto é que é coroada Rainha da Festa. Cada uma tem seu talãozinho, e tem que vendê mais³³.

A preparação da festa começava meses antes, cada detalhe era organizado com alegria e empenho. Cada uma das nove imagens era ornamentada por seu padrinho ou madrinha, pessoas da vila ou de outras cidades próximas que vinham homenagear seus santos de devoção. A preparação envolvia a comunidade que enfeitava os barcos com bandeirolas de papel, laços de fita e flores para acompanhar a balsa na travessia no rio.

A procissão fluvial era embalada por cânticos e rezas, as pessoas participavam com profundo respeito e devoção. O longo da travessia os devotos rezavam o Rosário e cantavam repetidas vezes o tradicional Hino a Nossa Senhora dos Navegantes.

*Eia povo devoto a caminho,
Sob a vista bondosa de Deus
Vamos todos levar nosso preito
À bendita Rainha dos céus!
Salve, ó Virgem Mãe Piedosa!
Salve estrela formosa do mar!
Santa Mãe dos navegantes
Sobre nós lançai olhar.
Nossas almas desfiram ferventes
Sobre a terra e água do mar
Lindos hinos de amor procurando
A Rainha dos céus exaltar.
Nossa vida será mais tranqüila,
Toda cheia de flores e luz,
Se nós formos buscar doce abrigo
Sob o manto da Mãe de Jesus!³⁴*

A festa social, que acontecia nas nove noites após as novenas, era de responsabilidade de nove grupos de Festeiros que se organizavam por laços familiares ou de amizade. Cada grupo de moradores era encarregado de um dia da festa, arrecadavam as prendas para a quermesse, os prêmios para os leilões, as comidas, organizavam as brincadeiras e escolhiam os músicos que tocariam no baile daquela noite.

³³ Entrevista com Dona Teresa do Catatau.

³⁴ Hino a Nossa Senhora dos Navegantes. Fonte: Secretária da Cultura de Bataguassu (MS).

A construção da ponte

Du Ó: *Eu mudei pro XV em 65. Já tinha a ponte. A ponte inaugurou em 63.*

Russu: *63 não.*

Du Ó: *64.*

Russu: *Porque quem inaugurou foi o Castelo Branco.*

Du Ó: *Foi o Castelo Branco, exatamente.*

Russu: *E o Golpe Militar também foi em 64.*³⁵

A construção da ponte Maurício Joppert sobre o Rio Paraná teve início em 1963, e foi concluída no ano seguinte. A ponte com 2550 metros de comprimento foi a mais extensa do Brasil até 1974 quando foi inaugurada a ponte Rio-Niterói. O empreendimento foi projetado e construído pela empresa Sergio Marques de Souza S. A. Engenharia e Comércio, sendo considerado um marco da tecnologia de construção civil. As técnicas utilizadas eram modernas para a época, principalmente, a estratégia de jatos de gás comprimido para construção dos pilares e as vigas pré-moldadas de concreto protendido.

O fundo do rio é constituído por uma camada de areia e cascalho de grande espessura, alcançando até 20m. Abaixo dessa camada está a rocha natural que é um arenito. A solução que se mostrou mais natural para execução das fundações foi com tubulões pré-moldados de concreto armado com diâmetro de 2 m cravados com auxílio de ar comprimido. As aduelas dos tubulões, com comprimentos de 4 e 6 m, foram moldadas na margem com uso de fôrmas metálicas. Essas aduelas foram transportadas até o local de cravação por meio de flutuadores. As bases dos tubulões foram alargadas até o diâmetro de 4 m, em dependência das cargas atuantes, de tal maneira que a tensão de borda não ultrapassasse 1,2 MPa no solo. Nos pontos de maior profundidade, a pressão de ar necessário, para se efetuar esse alargamento, atingiu 3 atm, valor limite admissível para execução deste tipo de serviço. (...) Com as enchentes do rio e com a grande profundidade da lâmina d'água, não seria possível a construção pelos processos usuais com escoramentos apoiados no leito do rio. Daí ter sido adotado o processo construtivo dos balanços sucessivos sobre pilares ocios executados com fôrmas deslizantes.³⁶

³⁵ Entrevista com Du Ó e Russu.

³⁶ Ponte Maurício Joppert: Sítio do Ministério dos Transportes. Secretaria Executiva. Banco de Informações de Transportes. Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/bit/pontes/pt_divisa/br-267-pt_mauricio-joppert/info-ptmauriciojoppert.htm>

O acompanhamento da construção da ponte é lembrado como um período de completo encantamento e êxtase. Ao povo simples da vila, a grandiosidade das obras, o número de pessoas, o barulho das explosões dos jatos de gás comprimido pareciam desafiar a ordem natural do espaço e da vida cotidiana.

Para a realização da ponte, inúmeros trabalhadores foram trazidos da região nordeste para Presidente Epitácio. É consensual na região, a informação de que muitos desses trabalhadores morreram em acidentes durante as obras. Uma série de fatos tornou controversa a relação dos ribeirinhos com esse marco do progresso regional.

A inauguração da ponte datou o primeiro declínio da vila. A obra que representava o progresso tecnológico do país desativou o serviço de travessia da balsa e a vila deixou de servir de abrigo, descanso e diversão para viajantes. Esta função passou a ser exercida pelo povoado de Bataguassu, recém emancipado, que possuía alguns estabelecimentos comerciais com um pouco mais de infra-estrutura para estadia e pouso. Por esta razão, o tempo da balsa costuma ser lembrado como um período de glória, quando o ribeirinho sentia orgulho de morar no Porto XV.

Depois que inaugurô a ponte mudô muita coisa, porque aí ela (a vila) entrô em decadência. Aí começô crescer mais Bataguassu, por quê? Porque o movimento foi pra lá. Começô a saí o posto de gasolina lá e uns hotel melhor que os daqui. Na época só tinha uma pensão, e um restaurante só em Bataguassu. Depois foi abrino mais.

Este ressentimento do povo do Quinze com a cidade de Bataguassu é muito forte e costuma vir associado à construção da ponte. Para os ribeirinhos, a emancipação de Bataguassu, em 1953, foi uma injustiça inaceitável, pois foram transformados em distrito, apesar da importância do porto e do surgimento muito anterior da vila.

A presença militar

Durante o Regime Militar, toda a extensão do rio Paraná, por pertencer a Bacia do Prata e dar acesso direto aos países vizinhos, representava um ponto estratégico e foi incluída entre as áreas de atuação da Marinha e do Exército, este com menor força.

No período da linha dura, entre 68 e 75, era muito comum a presença de oficiais na região. Cogita-se que essa ação militar na Ponte Maurício Joppert tivesse ligação com a busca de perseguidos políticos de esquerda, já que representava uma possível rota de saída do estado de São Paulo. O Exército mantinha oficiais no Posto Fiscal da fronteira, inspecionando ocasionalmente veículos e pedestres que passavam pela ponte rumo ao então Mato Grosso.

Russu: *E o Golpe Militar também foi em 64.*

Du Ó: *Em 62 eu tava no Exército. Eu servi em Bela Vista.*

Russu: *Tinha um exército aí, mas que vinha de lá.*

Du Ó: *Eles vinha pra cá tirar serviço.*

Russu: *Não, os cara que tava servindo lá, por exemplo, em Nioaque, ou então lá em Campo Grande.*

Du Ó: *Aí ele vinha tirar serviço...*

Russu: *É ele vinha tirá serviço aqui, mas ele servia era lá.³⁷*

A Marinha, por outro lado, percorria os rios Paraná e Pardo controlando o fluxo de embarcações, inclusive pesqueiras. A presença de marinheiros sempre foi mais marcante e mais natural em virtude, inclusive, de haver uma Delegacia Fluvial da Marinha instalada em Presidente Epitácio.

As Forças Armadas ofereciam benefícios aos ribeirinhos, inclusive apoio humanitário no período das enchentes. Todos os anos, os oficiais garantiam resgate, alimentação e moradia temporária às famílias desabrigadas, conquistando a simpatia do povo. Em agradecimento, os ribeirinhos apoiavam a presença e as ações militares, auxiliando os oficiais em questões e necessidades corriqueiras.

³⁷ Entrevista com Du Ó e Russu.

A notícia

Quando eu vim não se sabia que ia enchê isso tudo aí, isso foi uma surpresa. Eu num sabia não. Aí era baixo, o Rio Pardo por exemplo tinha parte que se atravessava a pé, a gente pescava no Pardo a pé, tinha uns lugar mais alto, mas a gente atravessava sem barco, dava. Mas em 70 ninguém adivinhava uma coisa dessas que essa barrage ia saí. Num era publicado. Só foi publicado bem depois, quando a gente veio num sabia.³⁸

No início dos anos 70 foi aprovado o projeto de construção da Usina Hidrelétrica em Porto Primavera, São Paulo, que aumentaria em nove vezes o leito do rio Paraná. O destino do Distrito, da Colônia e do porto estava decretado, mas não havia informação sobre qualquer tipo de garantia às 280 famílias que aí viviam. A população recebeu a notícia com pesar e assombro, mas o longo tempo de execução das obras ia tornando a espera controversa. A ausência de informações oficiais e a intimidade do homem com o espaço favoreciam as mais diferentes previsões e especulações sobre o destino dos ribeirinhos. Muitos desacreditavam que um dia as promessas se concretizariam e o rio submergiria a vila, ainda que as alterações no leito do rio evidenciassem o inevitável.

Nelson: Que ia enchê? Isso aí eu sabia desde que eu era moleque.

Russu: Não seu Nelson. Desde de 66 começô essa história.

Nelson: Eles falavam que ia tê uma barrage aí prá riba e que isso aqui ia alagá tudo de água. Mas eles falava, falava diferentes. Uns dizia que um dia ia tê que mudá pra Bataguassu. “Você num vai pode ficá aqui no Quinze que isso tudo vai ficá debaixo d’água”. Outros dizia que ia vir pra Reta A-1. Eu acreditava. Muitos num acreditava não. Sabe por quê eu acreditava? Porque aquele tempo não tinha nada, dava aquelas enchente, água vinha e descia, depois a água começô a vir até na reta V e demorava.

Russu: Pra você entendê, depois que fez as barragem lá pra baixo a água começô a represar. Antes não. Tá entendeno? Antes a água vinha e ia embora, lotava tudo o que tinha que enchê nos varjão e com trinta quarenta dia num tinha mais água. Depois começô a ficá diferente as enchente, demorava mais.

Nelson: Dava a época da chuva e a gente já começava vê as mudança das água, aí as água vinha.³⁹

No período de espera da formação do reservatório, a CESP realizou um cadastramento de todos os ribeirinhos do Porto XV que seriam indenizados com casas na nova zona urbana.

³⁸ Entrevista com Chiquinho Lambari.

³⁹ Entrevista com Russu e seu sogro Sr. Nelson.

No entanto, a notícia a indenização se espalhou pela região e muitas pessoas se instalaram na vila com o intuito de tirar proveito da situação. Este fato teve repercussões profundas nas relações entre os moradores da nova vila.

As negociações e a mudança

Vir pra cá? Foi assim... Não tinha como gostá ou disgostá, a água ia vim e a gente não podia ficá esperano morrê afogado. Porque não era enchente que depois de dois meses você voltava e tava tudo sequinho. Não era não. Agora a gente vê que não tinha outro jeito, de lá de baixo até aqui dá dez quilômetro.⁴⁰

O reassentamento urbano de Nova Porto XV foi concluído em 1994, quatro anos antes do início da cheia do reservatório. As negociações foram tensas, não apenas com a CESP, mas também entre os próprios ribeirinhos. Não houve qualquer ação ou medida coletiva organizada, as negociações e acordos foram tratados isolada e individualmente. As formas de cálculo e concessão das indenizações foram diferentes. Alguns, temerosos, aceitaram as primeiras ofertas, outros brigaram por mais tempo e conseguiram valores maiores. Em alguns casos, ribeirinhos recusaram a proposta inicial da empresa e depois receberam menos do que a empresa oferecia, ou não receberam nada.

Enquanto não negociava, num saía. Tinha nego que veio até com coxão nas costas de lá aqui só pra mudá, mas era os nego que num tinha casa lá e aí quando viu essas casa aqui vinha correno pra pegá. Eu tinha um boteco lá e num me deram boteco aqui. Eu perdi muita coisa.⁴¹

Assim que a nova vila foi concluída e as terras ribeirinhas que seriam atingidas passaram a ser propriedade da CESP, todo o território foi fechado e a entrada era proibida. A região foi desmatada, as casas foram demolidas e havia uma fiscalização para que não houvesse novas apropriações no local. No entanto, muitos pescadores precisaram continuar

⁴⁰ Entrevista com Sr. Nelson.

⁴¹ Entrevista com Du Ô.

acampados nestas terras ou nas ilhas, em virtude do exercício da pesca. A insistência dos pescadores em permanecer nas margens do rio foi causa de muitos conflitos. Mas a impossibilidade de sobreviver na vila, a cerca de dez quilômetros do rio e qualquer outra alternativa de renda, já antecipava a situação que seria vivenciada no futuro após a barragem.

Os pescadores e outros ribeirinhos eram totalmente desinformados a respeito de seus direitos ou das medidas necessárias para exigí-los. A ausência de uma organização comunitária representativa e forte, aliada à falta de critérios eficazes na negociação das indenizações, fez com que o conflito entre os pescadores fosse profundo e tivesse reflexos nas relações até hoje.

Esses conflitos de interesses e a desorganização dos pescadores enquanto categoria impediu que fossem exigidas da CESP medidas que garantissem a sustentação econômica das famílias ribeirinhas, com seu próprio trabalho, após a cheia do lago.

Capítulo 4

HISTÓRIAS COTIDIANAS: REVELANDO O PRESENTE

A Cidade no Mar

*Olhai! a Morte edificou seu trono
 numa estranha cidade solitária
 por entre as sombras do longínquo oeste.
 Lá, os bons, os maus, os piores e os melhores,
 foram todos buscar repouso eterno.
 Seus monumentos, catedrais e torres
 (torres que o tempo rói e não vacilam!)
 em nada se parecem com os humanos.
 E em volta, pelos ventos olvidadas,
 olhando o firmamento, silenciosas
 e calmas, dormem águas melancólicas. (...)
 pois, ai! nem leve movimento ondula
 esse imenso deserto cristalino!
 Nem ondas falam de possíveis ventos
 sobre mares distantes, mais felizes;
 ondas não contam que existiram ventos
 em mar de menos espantosa calma.
 Mas, vede! Um frêmito percorre os ares.
 Uma onda... Fez-se ali um movimento! (...)
 As ondas têm, agora, luz mais rubra,
 as horas fluem, lânguidas e fracas.
 E quando, entre gemidos sobre-humanos,
 a cidade submersa for fixar-se no fundo,
 o Inferno, erguido de mil tronos,
 curvar-se-á, reverente.
 Edgar Allan Poe⁴²*

A descrição do espaço atual com suas controvérsias é fundamental para entender como o pensamento e o imaginário do pescador acontece. Nessa história do cotidiano e do presente, partimos para a descrição das minúcias e das insignificâncias da cidade, seus costumes e práticas. Lançamos nosso olhar para a realidade sutil dos eventos corriqueiros que dizem sobre a relação do homem com o espaço e com a história.

⁴² (1831) POE, Edgar Allan. *The Complete Poetry of Edgar Allan Poe*. New York: Penguin, 1996. p. 69.

O Tereré e as histórias

O *tereré*⁴³ é uma bebida semelhante ao chimarrão, mas servido com água gelada ou em temperatura ambiente com a erva-mate mais espessa. A bebida surgiu nas tribos indígenas da região sul do estado de Mato Grosso do Sul e depois passou a ser consumida em diversas outras regiões do estado. O surgimento da erva-mate é rodeado por lendas. A principal delas está relacionada à relação do homem com o espaço e sua capacidade de criar narrativas entre seus pares.

Certa vez o índio Uni, chefe dos Itabaeté, viu seu povo partir por causa da guerra, ficando somente sua filha, Yari. Muitos dias sozinhos os dois permaneceram na mata, até que apareceu um viajante que cruzava a região e pedia pouso. Uni recebeu o errante, deu-lhe comida, contou-lhe histórias de sua tribo, suas aventuras de caça e pesca, falou sobre bichos e espíritos das matas e das águas, depois deu-lhe sua rede para dormir. No outro dia, o viajante, agradecido pela hospedagem, revelou a Uni que era um enviado dos deuses e por isso lhe realizaria um desejo. O cacique não pensou duas vezes e disse que nunca mais queria viver só. O viajante entregou a ele uma planta com folhas bem verdes e de um perfume inebriante, recomendou a Uni deixar a planta crescer e depois beber das folhas. Ainda disse que a planta iria se espalhar por toda mata e que sua filha seria a deusa protetora. Por conseguinte, a bebida faria com que as pessoas se aproximassem e, à medida que a sorvessem, também trocariam suas experiências, as lutas seriam menos sangrentas, os dias mais alegres e cheios de esperança.⁴⁴

O *tereré* é uma bebida que não se toma só, ela é permeada por rituais de grupo. Além de ser servida numa “cuia” e sorvida por meio da “bomba”, ainda precisa ser passada, vez-a-vez, a todos os membros da roda. Aquele que serve a cuia conduz a conversa e oferece a cada um no sentido horário. A roda é percorrida pela cuia ininterruptamente e apenas um “obrigado” permite que alguém se retire da roda ou da conversa. A bebida faz parte do cotidiano da vila, inspira as narrativas, facilita a comunhão dos fatos da vida, dos anseios e frustrações dos pescadores.

⁴³ Tereré

⁴⁴ FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa. UNESP/Assis, 1998. p.15. Escrito a partir de “Lenda da erva-mate” In: SEREJO, Helio. *Lendas da erva-mate*, 1978, p.20-26. Ver também: CASCUDO, Luis da Câmara. *Tradição, ciência do povo*, 1971.

Os grupos se acomodam em bancos sob a sombra das árvores ou de coberturas improvisadas. Quem passa na rua pára também e compõe a conversa. A família toda sai da casa para receber aqueles que chegam, as crianças chamam os vizinhos, e aos poucos, a intimidade das casas vai sendo integrada ao espaço e à vida da rua.

Este cenário não apenas abrigou a pesquisa, mas representa um espaço importante da vida dos pescadores. Junto à erva-mate é comum ser servido outras ervas medicinais.

Du Ó: *Eh... eu não queria esse mijo agora não... Ô Russu e agora?*

Teresa: *Eh... não é mijo não, é remédio.*

Du Ó: *Tá da cor da brusa da minina lá! (risos)*

Teresa: *Tem picão, tem aquele... ah, tem um monte de remédio... aquele chapéu de couro... af... tem um monte de coisera.*

Russu: *Ah... isso não é muito bão não, isso aqui pra véio é meio perigoso.*

Teresa: *Ué. Mas não é bão por quê?*

Du Ó: *Então pra véio é meio perigoso?*

Russu: *Véio não pode tomá muito disso não.*

Teresa: *Não? Mas por quê? Morre?*

Russu: *Óia, eu fiz um remédio desse um dia. Deixa eu falá pro cê..*

Teresa: *Num morre não.*

Russu: *Não, mas num é isso não. Eu fiz um remédio desse aqui e dei prum véio tomá, e o véio já tava meio capenga. Menina, daqui um pouco esse véio sumiu...*

Teresa: *Ave Maria!*

Russu: *Daí a gente foi caçá esse véio. O véio desapareceu.*

Teresa: *Uiá...*

Russu: *Falei pra mulhé: “Vamo chamá a policia pra nós achá esse véio”. Daqui a pouco começô aquele griteiro ali no... como é que chama? naquele pasto na frente da minha casa? Corremo lá e tava o véio correno atrás das cabrita. (risos)*

Teresa: *Ah... Mas é verdade mesmo?*

Russu: *É, uai. Isso aqui?*

Teresa: *Ave Maria!*

Russu: *Isso aqui é um perigo, Teresa. Pra muié não, mas pra hôme. E ainda mais véio que nem eu.*

Teresa: *Eu gosto assim, de ponhá os remédio caseiro pra tomá no tereré.*

Russu: *Não, mas remédio caseiro é bão. Seu Aparecido chamô pra nós ir busca cancorosa...*

Russu: *Ê, Ceará. Cê toma?*

Ceará: *Tomo.*

Russu: *Cuidado!*

Teresa: *Não dá nada não. O Ceará toma faiz tempo com nós aqui, né Ceará? Eu cozinho tudo os meus remédio, e ponho no tereré.*

Russu: *Qué vê boa mesmo é a cancorosa.*

Teresa: *Cancorosa também tem aí dentro.*

Russu: *Eh, é um remedião, hein? Ah, eu vou buscar pra minha véia lá no Quebracho.*

Teresa: *Ah... nós vai num mato lá e cê acha tudo quanto é remédio. Eu gosto de cozinhá para tomá no tereré. É bom, eu faço o exame preventivo e não dá nada, nada, nada...*

Russu: *Mas a cancorosa é boa mesmo.*

Teresa: *Mas não dá nada mesmo. Eu fiquei doze ano sem fazê o exame. Aí eu fui lá fazê e num deu nada.*

Russu: *É como eu falei pro cê quem usa mais mesmo é mulhé.*

Teresa: *O médico falô assim: 'Meus parabéns dona Teresa. Quanto tempo a senhora não faiz este exame?' Eu falei assim: 'Doze ano'. Aí ele falô assim: 'Nossa... Tem nada. Nossa, nem precisa tomá nem remédio nenhum'.*

Russu: *É, mais esses remédio, e essa cancorosa é muito boa. Mas muito boa. E você sabe como é fácil de guardá ela?*

Teresa: *Ah...*

Russu: *Você descasca ela da raiz, e aí pega a casca dela e depois deixa secá, aí depois cê mói e faiz o pó.*

Teresa: *É mesmo?*

Russu: *É. É melhor do que as folha.*

Teresa: *Óia. Eu uso é as folha. Eu pego as folha dela.*

Russu: *Não... A raiz.*

Teresa: *Ah, é a raiz?*

Russu: *Tudo dela é bã.*⁴⁵

A vida urbana

O projeto urbanístico da nova vila privilegiou subsídios inacessíveis aos ribeirinhos anteriormente: casas de alvenaria, ruas pavimentadas, redes de água e energia elétrica, um novo paisagismo com arborização, praças e áreas de lazer, prédios comerciais estrategicamente localizados, igrejas, complexo industrial e a infra-estrutura para emancipação política do distrito.

O projeto foi claramente direcionado à urbanização dos ribeirinhos, fortemente influenciados pela cultura rural e pelo vínculo com a fauna e a flora das margens do rio. Um rápido olhar pelas vias públicas da nova cidade – ruas, praças e construções – revela uma calma própria dos lugares desabitados. Algumas salas comerciais e prédios públicos destinados ao funcionamento de serviços básicos jamais entraram em atividade efetivamente.

⁴⁵ Entrevista com Du Ó, sua esposa Teresa, Russu e Ceará.

A tradição rural inviabilizou a implantação desses serviços e favoreceu que continuassem a depender das cidades vizinhas: Presidente Epitácio e Bataguassu.

Ao percorrer a pequena cidade rapidamente com o olhar, capturamos particularidades da vida diária. O espaço envolve os sentidos, o calor que emana da terra é intenso e o vento ligeiro chega ardente e com sede às margens do reservatório.

As pessoas se conhecem pelo nome e partilham a vida mutuamente, compondo uma rotina comum. A chegada de estranhos não demora a ser sabida por todos. As ruas largas e planas possibilitam dimensionar a vila e facilitam o encontro do olhar com o brilho do sol refletido nas águas imóveis do reservatório. Percorrer as amplas calçadas é uma aventura cheia de desafios, pois nelas são acomodados bancos e cadeiras estrategicamente ordenados à espera de alguém que incite uma roda de prosa.

As casas possuem a mesma estrutura arquitetônica e a diferença entre elas é marcada pelo que de dentro é deixado de fora. Aos desconhecidos que chegam, as ruas são aparentemente iguais, a cada esquina dobrada se experimenta uma breve confusão espacial, o pensamento leva alguns segundos para precisar o leste onde paira o lago e, então, localizar-se. É possível perder-se na pequena cidade, que parece infinita em sua própria semelhança.

Du Ó: Agora aqui, não adianta tê um conforto, tê uma casa mais ou menos, porque isso não é uma casa boa. Boa boa não é. Porque a casa tá partino por tudo quanto é lugá, isso pra mim não é casa boa, num tem um limpa fossa.

[...]

Russu: Nós tava conversano ali com a dona Maria e cum os outro cumpanheiro. Então, a gente tava falano com referência ao Quinze Veio e o Quinze Novo é aquilo que você acabô de falá: nós lá, nós tinha, tá certo que nós não tinha o conforto que nós tem aqui.

Du Ó: Exatamente, nós num tinha conforto.

Russu: Nós num tinha asfalto, água encanada, a luz até que nós já tinha lá. Eu sei que lá até a Dona Maria, a Dona Maria do Bambu tava se referindo a uma coisa verdade, lá agente tinha frango, galinha, tinha ovo, tinha mandioca, tinha abóbora...

Du Ó: Tinha de tudo.

Russu: Tinha de tudo. Aqui ocê planta ali cedo

Teresa: Os outro passa e leva tudo.⁴⁶

⁴⁶ Entrevista com Russu, Du Ó e sua esposa Teresa.

Apesar do conforto presente na vida urbana, os ribeirinhos sentem por não ter a mesma relação de liberdade e fartura que o espaço rural permitia. A possibilidade que a terra dava de agir, produzir, lavrar e saciar-se é a principal marca da identidade do pescador ribeirinho. A cidade é árida, infértil e limitada, confrontando as possibilidades de luta por sobrevivência. Os limites que a cidade impõe ao homem castram sua potência criadora e impossibilitam que ele se aproprie de seu trabalho e de suas condições de existência.

O projeto da vila foi realizado pela empreiteira Camargo Corrêa a partir de uma suposição das necessidades da vila. Não houve qualquer tipo de preocupação em ouvir as reais necessidades ou as práticas fundamentais no cotidiano da comunidade.

A igreja... não sei se você reparô o tipo da igreja, mas eu nunca vi uma igreja de uma água só. Uma água só! Parece mais um escritório de maçonaria do que uma igreja. Então eu... Tem muita coisa errada aqui e que lá embaixo a gente recorda que não tinha. Tem hora que eu fico olhando daqui e não é como lá embaixo. Tá tudo diferente.⁴⁷

Essa arbitrariedade na execução da vila aparece constantemente nas falas dos ribeirinhos, desde os pequenos detalhes como o estilo do telhado da igreja até a situação do saneamento básico, já que não foi instalada rede de esgotos.

Teresa: Essas fossas tudo cheias aí, ó.

Du Ó: Você num pode tomá um banho bem sossegado porque senão a fossa derrama lá dentro do banheiro. Quando você faz o pedido pra vim limpá a fossa, você tem que fazer dia 1º de janeiro pra vir dia 15 de setembro.

Teresa: E tem que esperá.

Du Ó: Já tá com uns dois meses que eu fiz o pedido e até agora nada.

Teresa: Não derramô ainda, mas tá quase. Quando eles vim já tem que pedí de novo.

Du Ó: E a gente nem tá tomano banho aí. Se tivesse tomano banho aí já tinha enchido.

Teresa: A gente toma banho do lado de fora, lá no fundo. Eu ponho a mangueira e levo no quintal, pra água podê corrê no quintal. Se for deixá aí, enche muito. E como vai ficá?(...) Esses dias a gente tava falano de saúde. Eu fui na reunião que eu sou do Bolsa Família e tava falano sobre a higiene e num sei o quê e um monte de coisa, mas aí eu falei pra ele: ‘O quê que adianta a gente tê higiene dentro de casa com a família e tá a fossa soltando o fedô e depois quando a fossa escorre só os micose que cai ali. Porque os bichinho que dá terra lá. E quem tem criança pequena, eu num

⁴⁷ Entrevista com Chiquinho Lambari.

*tenho criança pequena, mas... E as pessoa de idade qualqué coisa afeta, né? É igual criança. E aqui em casa ainda bem que não tem criança pequena pra ficá pisano e quem tem criança pequena? Que brinca na terra.*⁴⁸

As políticas sociais

O processo de reassentamento priorizou o fornecimento de prédios e construções em detrimento de um planejamento efetivo para o funcionamento das atividades básicas necessárias à vida num espaço urbano. A questão econômica é a mais evidente, já que as mudanças ambientais trouxeram prejuízos às atividades exercidas na antiga vila como a agricultura familiar, a pesca e a olaria.

Não houve um projeto de desenvolvimento sustentável eficaz com capacidade de garantir aos trabalhadores condições de adaptação às possibilidades de trabalho oferecidas pelo novo espaço. A única ação realizada pela CESP neste sentido foi o fornecimento de cursos profissionalizantes e palestras voltadas ao empreendedorismo.

*Vê só o tanto de curso e de palestra que tanta gente já veio dá pra nós. O único qui deu certo foi o dos bichinho de artesanato, porque antes do rio enchê já tinha muita gente qui fazia umas pecinha e já mexia com barro, (...) Mas esses curso de doce, de conserva, de embutido, de reciclage de papel, de nada adiantô.*⁴⁹

O programa de cursos não priorizou a participação da comunidade na elaboração da ementa relativa às políticas de capacitação profissional. Foram selecionados alguns temas e oferecidos aos interessados sem escuta das expectativas sociais ou infra-estrutura necessária para que as atividades pudessem ser exercidas de forma concreta no futuro.

Com exceção do curso de artesanato em argila, alguns cursos não tinham identificação com a cultura dos ribeirinhos ou com a realidade regional. Muitos tornaram-se certificados emoldurados nas paredes das casas, sem acarretar benefícios à vida das pessoas.

⁴⁸ Entrevista com Teresa do Du Ó.

⁴⁹ Entrevista com Russu.

Aqui não tem trabalho pra ninguém. E aqui diz que tem três mil habitante. Aqui não tem como vivê.⁵⁰

A falta de autonomia financeira das famílias criou uma dependência das políticas públicas de assistência. Grande parte das famílias conta com algum tipo de auxílio do poder público ou das instituições religiosas para garantir a sobrevivência.

Habitualmente, o homem que sofre nada deseja tanto como ser auxiliado, mas duma certa maneira. Se o socorro é dado dentro da forma em que o deseja, de boa vontade o aceita. Mas num sentido bem diversamente grave, quando se trata dum socorro superior, do socorro de cima... dessa humilhação de ter de aceitá-lo sem condições, não importa como, ser como um nada na mão do 'Socorredor', a quem tudo é possível, ou que se trate apenas da obrigação de ceder ante o próximo, de renunciar a si próprio: ah! quantos sofrimentos, então, ainda que longos e tormentosos, o 'eu' não acha contudo tão intoleráveis como isso, e conseqüentemente prefere, sob reserva de permanecer ele próprio (KIERKEGAARD, 1961).

Além da dependência econômica e da pobreza, ainda existem questões administrativas graves que denotam uma relação de total abandono do poder público com relação às questões fundamentais do distrito.

Du Ó: *E outra, o nosso policiamento aqui é péssimo. Porque não adianta tê um estacamento aqui e quando tem que dá queixa tem que í em Bataguassu. Manda í em Bataguassu. Pra quê serve um policiamento desse aí? Pra quê serve?*

Teresa: *Só se tiver morreno mesmo, aí eles pega.*

Du Ó: *E se você quiser tem que gastar quase dez reais pra í em Bataguassu.*

Teresa: *Uma coisa que cê podia resolvê aqui mesmo cê tem que í em Bataguassu.*

Du Ó: *Num tem um banco, num tem lotérica.*

Teresa: *Num tem nada. Tudo tem que í pra Bataguassu que aqui num paga conta.*

Du Ó: *A num sê que cê deixe aí no correio e na sexta feira eles vão levá pra pagá.*

Teresa: *Mas se tivé que cortá a energia já corta por causa que fica o dinheiro lá parado.*

Du Ó: *Só leva na sexta feira.*

Teresa: *Só leva com três ou quatro dia.⁵¹*

A relação com os políticos da região e a administração pública de uma forma geral é de descrédito e insatisfação. A comunidade manifesta um profundo ressentimento com a

⁵⁰ Entrevista com Chiquinho Lambari.

⁵¹ Entrevista com Du Ó e sua esposa Teresa.

forma com que a prefeitura de Bataguassu, ao longo dos anos, administrou a situação da vila. Para muitos, a cidade se apropriou de bens e benefícios concedidos pela CESP ao distrito. Sem garantir outras atenções básicas à população.

Nóis ganhamo (da CESP) um caminhão lixo, um limpa fossa que era pra ser aqui dentro do Quinze. Os nossos prefeito, eu num culpo tanto esse não porque foi o outro que levô pra lá e num trouxe. [...] Mas por quê faz isso? É os nossos comandante. Quem é os nossos comandante? Vereadô, prefeito. São essa turma toda aí. Porque quem tá lá em cima não vai sabê o que está passando aqui não. Quem é que sabe o que está se passano na comunidade? Presidente de bairro que tem que agí como precisa. E são essas coisa aí.⁵²

Houve pouca complementaridade entre as ações da CESP e da Prefeitura de Bataguassu. Devido à maior distância da cidade até a região atingida pelo lago, sua população não sentiu com tanta intensidade o episódio e suas conseqüências sociais. Talvez por isso o Quinze não obteve da prefeitura e da população de Bataguassu o apoio necessário desde as negociações com a CESP até políticas que viabilizariam o processo de adaptação.

Quando a CESP entregou à Bataguassu a administração da vila e deixou de responder pelas situações cotidianas, a experiência de abandono se tornou ainda mais evidente. Isso porque algumas situações foram causadas por ações da CESP ou da Camargo Corrêa e a prefeitura não se considerava responsável. Por outro lado, a comunidade não possui uma organização coletiva voltada à participação política e à busca de soluções para suas questões mais urgentes. Essa dificuldade de articulação social se arrasta desde o período das indenizações e uma das causas é a forte presença de rixas e mágoas entre membros da comunidade.

⁵² Entrevista com Du Ó.

A adaptação

As pessoas que mudô pra cá, as pessoa de mais idade morrero de desgosto de ficá nessas casa aqui. Porque logo no começo aqui num tinha nenhum pé de árvore.⁵³

A imposição de uma urbanidade, aliada aos problemas administrativos decorrentes, criou uma profunda ruptura na cultura e nos hábitos do povo, dificultando o processo de adaptação ao novo espaço.

Do XV Véio muita gente boa já morrero, muita gente não agüento essa vida aqui não. Do XV Véio tem pouca gente ainda aqui, já morrero muito, muito, muito... O que tem mais aqui é gente de fora que veio pra cá. Muita gente daquele tempo foi embora, já vendeu casa e foro embora daqui. Mas ainda tem gente aqui, deixa eu ver, acho que dá mais ou menos pra calculá. Tem umas quarenta no máximo umas cem casa que ainda é de gente lá de baixo, ou dos filho deles. O resto é tudo gente de fora. Feito uma pesquisa aqui e dissero que setenta por cento das pessoa do XV é de fora. Mas morreu muita gente, os velho mesmo, não resistiro, Deus já levô. Valdemá, Carrapato e Carrapata, Isaías, Antonia, Maria Coringa, Zé Coringa, Pedro Barbosa, Isaías, mais velho de lá que morreram... Jorjão, Paulo, Paulo Major, Carlão Major, pessoas que tavam lá e era fixado. Povo velho no XV que já morrero. Era tudo amigo bão, bão mesmo. Gente muito boa que Deus levô. (...) E tem muita gente que adoeceu depois que veio pra cá.⁵⁴

O sofrimento é decorrente, principalmente, da perda do poder sobre si e da posse transformadora sobre o espaço. Na nova vida imposta ao homem, ele é impedido de atuar e se torna vulnerável e impotente.

Essa dificuldade de familiarização com o espaço e com a nova situação das águas é expresso através das imagens que o pescador lhes atribui. A água deixa de ser a mãe-amorosa e torna-se uma ameaça à vida e à sobrevivência do pescador.

Aqui é um lugar muito doentio. Aqui é um lugar doentio demais. (...) Essa água é contaminada. Essa água é contaminada. Aí tem ó, cemitério enterrado, lagoa enterrada, erva braba, veneno de fazenda, raiz braba, aí tem de tudo. Aquele veneno de fazenda que tinha, fossa, tudo ficou debaixo dessa água aí. Se você for examiná essa água cê acha doença, pode olhá que cê acha doença. Você vê um lodo verde que fica por cima da água. Aí, é por baixo daquele lodo que tá os micróbio da doença: fogo-selvagem é uma, é doença que dá na pele também, que descasca que nem ferida. E tem

⁵³ Entrevista com Teresa do Du Ó.

⁵⁴ Entrevista com Chiquinho Lambari.

*aí, nessas água aí. Já morrero vários das doença que pega aí nessas água podre. Tem doença que não tem cura.*⁵⁵

O ribeirão manifesta uma resistência ao espaço, uma ausência de lar. O sentimento é de desalento, pois a água do lago manifesta uma natureza mortífera enquanto a terra da cidade é cada vez mais estéril. Quando indagados sobre como gostariam de ser indenizados pela CESP a resposta é sempre semelhante:

*Eu num queria nada. Eu queria só na beira do rio isso assim. Eu não queria nem tudo que eu tinha antes. Eu queria que eles me desse... Eu queria nem que fosse assim uns 30, não uns 50 m de largura com... uns 100 de comprimento. Na barranca de um rio. Só a barranca. Só, porque aí só com um pedacinho de terra perto do rio eu plantava mais umas coisa, eu sobrevivia. Dava até pra eu plantar uns pé de mandioca, e comia. E ainda pescava sem saí de casa. Nem precisava saí de casa não...*⁵⁶

A pesca no lago

Du Ó: O que eu te falo é o seguinte que lá era melhor que aqui. Haveno qualque coisa, era melhor que aqui. Porque cê ia lá e trazia o peixe, aqui você vai e num traz, só traz despesa. Num adianta tê um motor bom e não trazê nada. Lá nós tinha um motorzinho ruim, mas nós ia e trazia. Era barco de madeira, motor de 100.

Teresa: Todo mundo tinha barco assim, e todo mundo sobrevivia assim né? Mas aqui... (...)

Du Ó: A gente sente falta de tanta coisa... lá num tinha os ladrão que nem tem aqui. Aqui você põe uma tralha na água e quando volta num acha. Mas isso aí eu num condeno não, eu condeno os nossos administradô, porque a administração deles é fajuta.

*Teresa: Aqui a fome é brava, rouba porque num pode comprá uma rede, num pode comprá um nada.*⁵⁷

Os pescadores estão por toda a vila, frequentemente, circulam pelas ruas com bicicletas carregando na garupa a grande caixa coberta com uma tela fina onde são transportados os peixes recém tirados do lago. É comum o encontro de bicicletas nas esquinas e nas praças. Os pescadores trocam informações sobre as condições do lago e do clima,

⁵⁵ Entrevista com Chiquinho Lambari.

⁵⁶ Entrevista com Du Ó.

⁵⁷ Entrevista com Du Ó e sua esposa Teresa.

relatam fatos corriqueiros, expõem o sucesso ou fracasso da pescaria e os locais onde a pesca parece melhor.

A bicicleta é o veículo mais característico do pescador de Nova Porto XV, em seguida vêm as embarcações. Isso se deve à distância da vila até o lago e ao custo de manutenção de um barco, que nem sempre é acessível à grande parte da população.

A extensão do lago é nove vezes maior que o leito original do rio. Logo as distâncias percorridas em água foram ampliadas também. Há ainda os fortes ventos que formam ondas na superfície da água. Essas condições encarecem a pesca, pois exigem que as embarcações cumpram as medidas de segurança. Há ainda a necessidade de um cadastro de todas as embarcações pesqueiras na delegacia da Marinha com sede em Presidente Epitácio. As embarcações sem este cadastro são consideradas clandestinas, podendo ser autuadas, multadas ou apreendidas.

Esses procedimentos de adequação dos barcos pesqueiros, embora necessários, possuem um custo extremamente elevado para uma grande parte dos pescadores. A necessidade de embarcação própria para se dirigir às áreas com melhores condições de pesca favorece o uso de embarcações inadequadas e clandestinas, acarretando sérios riscos.

Hoje cê fica uma semana e não pesca nada. Não pesca nada, nada. Hoje não dá, nem que fô pra comprá gasolina... [...] Meu barco é a motor, mas eu comprei um a remo. Eu uso o remo porque não compensa gastá a gasolina. Hoje mêmo eu saí, só voltei porque acabô a gasolina. Quase que ocê não me achô aqui. [...] O rio tá mais perigoso agora. Tem mais maré. É muito vento, a maré é muito forte. [...] E vô te falá uma coisa: esses mexilhón é uma praga também. E não tem bicho nenhum que come. Ele é que nem um caramujo, só que é fechado. Num abre de jeito nenhum. [...] O caramujo os peixe come, mas pra aquele a CESP ainda não achô predadô pra ele ainda não. [...] Antes do lago num tinha não, num tinha nada disso. Subiro depois de sete queda. Então depois que fizeram a barrage de... coisa lá. Eles subiro mais. Arraia também não tinha. [...] A arraia vem do lado do mar, desse lado de lá do mundo. (pausa) Não tinha tucunaré agora tem. Não tinha corvina e agora tem. [...] O tucunaré um pouco mais caro, corvina também. É tudo peixe de lago e peixe de criame também. Pode criá eles em tanque. [...] Aqui só compensava pescá mesmo é pintado. Só que é bem difícil de pegá.

As condições de venda do pescado são complexas. Apesar da CESP ter construído um mercado para os pescadores próximo à rodovia, o prédio jamais foi utilizado. As causas apontadas são a falta de uma câmara frigorífica para resfriar o pescado e o alto custo de manutenção de um ponto comercial. Afinal, a renda tirada da pesca não permite que o pescador contrate alguém para permanecer no comércio enquanto dedica-se à pesca. Por esta razão, a comercialização é feita pelos familiares nas próprias casas dos pescadores, identificadas freqüentemente por placas.

Em virtude da presença de espécies de peixes de água parada no lago – tucunaré, corvina, tilápia, piau –, os pescadores acabam por enfrentar a concorrência direta dos piscicultores da região. Segundo os ribeirinhos, a alta produtividade dos tanques diminui o valor do pescado, obrigando-os a vender aos atravessadores por preços que não cobrem o custo da pesca no lago. Para esses ribeirinhos a pesca deixou de ser rentável, pois se obtém pouca quantidade de peixes com baixo valor comercial.

Como alternativa, alguns pescadores investem na pescaria no Rio Pardo onde é possível encontrar água corrente após navegar algumas dezenas de quilômetros. Os pescadores permanecem alguns dias nas margens do rio em busca de espécies mais valorizadas como o Pintado. Ainda que o resultado da pesca não seja o suficiente para pagar o custo da viagem, os pescadores se arriscam a fim de reviver as aventuras da pescaria em rio.

Du Ó: Lá de baixo dá saudade é de tudo. Menina quando eu subo lá pra cima (Rio Pardo) pra mim é um prazê, num quero nem vim embora. Lá tem natureza, cê vê aquelas árvore daquela altura que nem tinha aí no Paranázão antigamente. Cê vê os rebanho de capivara nadano, às vezes passa assim...

Teresa: Anta, né Duo?

Du Ó: Anta. Encontra peixe bom. Aqui não encontra mais nada, porque o lago num deixa mais.

Teresa: Lá tem a natureza nativa.

Du Ó: Lá onde nós pesca sempre, lá tem. O problema é que gasta muito, quando chega aqui os filho da puta num qué dá nada pelos peixe.

A Festa do Quinze

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na nova vila perdeu muito de seu caráter comunitário, rústico e religioso. A festa ganhou um caráter mais comercial e menos popular.

As festa lá era boa. As festa lá acontece o seguinte, ninguém pagava barraca. Todo mundo colocava barraca e ninguém cobrava. E aqui para cê colocá barraca cê tem que pagar 300 conto, 400. Só para colocá a barraca. Não sabe nem se dá ou se não dá, entendeu? E isso aí acaba. E nas festa de lá, os que tocava era nós mesmo... Então, lá os que tocava a festa todo mês tinha reunião e aquele dinheiro tava em caixa, só gastava na igreja ou então em algum serviço que pertencia a igreja né? E agora virou comércio. Tem até briga nas festa. Era nós mesmo que tocava lá.⁵⁸

As festas atuais foram desvinculadas do sentido original de gratidão à divindade pela pesca e pela colheita do ano. A festa é organizada separadamente e sem participação ampla da comunidade. Os mais antigos limitam-se a participar da novena e da travessia, mas não acompanham a festa durante as quatro noites.

Aqui já mudô, aqui você faz um baile e sai briga e safadeza. Aqui sai sempre briga. Tem um caso que aconteceu por último que por uma coisa de nada qualquer já saiu briga. Um sai com a cabeça rachada, o outro com a cabeça partida... Não tem jeito. Mudô, mudô completamente. (...) As festas de lá eram muito melhor, era muito bõ. Porque aqui ó, só esse ano passado aí veio quatro conjunto, cada dia de festa veio um conjunto, mas nenhum toca música sertaneja verdadeira. Lá era o povo do XV mesmo que tocava, que cantava, era o povo lá debaixo mesmo que se preparava pra fazê a festa. Eu todo ano me pintava de palhaço pra divertí a criançada da festa, fazia as brincadeira. Mas acabô tudo. Hoje eu não quero sabê mais de me pintá pra essa festa não. Se precisá me vestí pra í numa escola, numa creche, eu vô. Mas na festa aqui não. Lá eu tinha gosto de me pintar, aqui não. É até difícil eu participá da festa. É difícil.⁵⁹

As festas se tornaram grandes shows com bandas e duplas de outras regiões, alguns empresários compram barracas para vender seus produtos, descaracterizando o sentido inicial de partilha e confraternização.

A festa denota a diferença também na relação do homem com o espaço. Antes o rito marcava a alegria do homem com a natureza que trazia fartura e prazer, marcava a relação do

⁵⁸ Entrevista com Du Ó.

⁵⁹ Entrevista com Chiquinho Lambari.

pescador com as águas repletas de peixes e ricas de aventuras. A frustração do ribeirinho com o novo espaço é evidenciada nesta relação com o sagrado marcada nos rituais religiosos pela desesperança e descrença.

Sobre a CESP

*A CESP? Péssima, péssima. Cadê a prainha que prometero? Prometero e não fez. Antes do povo mudá ia fazê e acontecê, ia fazê um campo com arquibancada cadê?*⁶⁰

A relação com a CESP é de revolta e indignação. Os pescadores não imaginavam que as conseqüências da barragem pudessem devastar com tanta intensidade a vida, o trabalho e as relações da comunidade. Manifestam uma frustração por terem sido enganados e levados a aceitar, sem qualquer garantia, trocar sua terra farta pela miséria e a escassez da nova vila.

Para o pescador a CESP violou um ciclo sagrado da natureza e do homem, tomou para si a posse de algo sagrado. Interrompeu o ciclo planejado desde sempre por Deus para garantir a prosperidade e a sobrevivência dos homens na terra.

Eu acho que eles tão explorano o rio, o que ainda resta do rio. Mas o hôme carece do rio, e quem feiz o rio foi Deus. Eu acho que ninguém pode mandá nisso aí. Eu acho que é a mesma coisa que vendê água. Não se deve vendê água, porque água é dada por Deus pra todos. Quem feiz a água foi Deus, não foi nós. Então, eu acho que tem muita coisa errada. (...) Porque eu... eu digo sinceramente, eu preferia morá no XV até hoje, tá lá até hoje no XV Véio do que tá aqui nesse Novo XV. E tem outra, num fui indenizado, num me dero casa. Minha mãe morreu antes de saí essas casa aqui e não dero casa pros filho dela. O que era da minha mãe não foi indenizado, fui na CESP e eles queria pagá trinta centavos o metro quadrado da terra com mangueira, pé de fruta, tinha muita, muita, muita fruta no terreno... Não recebi nada. E depois não adianta mais í lá porque cabô, cabô. Já encheu de água e não adianta mais. Eu falei com um advogado e ele falô: ‘Cê foi na CESP’. Eu falei: ‘Fui, fui. Mostrei os documento tudo e não valeu de nada’. Não adianta mexe, que a CESP agora é... E não é só eu não. Aquela casa verde lá ó, na esquina, tá com cinco ano que ela tá mexeno com advogado contra CESP, e até hoje não pagô. Ela ganhô só aquela casa lá ó, aquela casa verde. (...) Eu morei quarenta ano no XV, na época que entregava casa eu tava em Campo Grande em tratamento, mas eu tinha feito a inscrição. Mas como o mundo político é muito ingrato, e eu era contra os político daqui, como ainda sô. Aí eles não me dero a casa quando

⁶⁰ Entrevista com Du Ó

*eu voltei do tratamento. Não me dero a casa. A minha casa foi dada pra outra pessoa.*⁶¹

São comuns relatos de situações de ribeirinhos que não foram indenizados ou foram de forma inadequada. No entanto, a relação atual com a CESP é praticamente inexistente, pois a empresa considera as negociações encerradas e não responde mais pela vila entregue à Prefeitura de Bataguassu desde a conclusão das obras de mitigação no município.

Além disso, a CESP Rio Paraná, que responde pela geração de energia das usinas hidrelétricas instaladas na bacia deste rio, passou pelo processo de privatização e tornou-se trabalhoso responsabilizá-la judicialmente pelas suas ações durante a fase estatal. Há inúmeros processos judiciais de ribeirinhos contra a empresa que correm sem grandes sucessos. Alguns estão em andamento há mais de quinze anos sem grandes resultados.

Por situações como essa, a empresa assumiu uma imagem personificada no imaginário popular. Além das conseqüências objetivas da barragem, é comum as pessoas atribuírem à CESP a responsabilidade por muitos outros problemas presentes na vila, inclusive aqueles que possuem causas indefinidas e polêmicas.

O futuro

Du Ó: *Aqui no XV não tem, não tem progressão nenhuma. A progressão daqui é igual a cantiga da perua: cada vez mais pior. É isso aí. Não tem esperança.*

Teresa: *A esperança daqui é só se você fô embora.*

Du Ó: *É igual perua: “pió, pió, pió, pió...”*

Teresa: *Os filho vai crescono e qué um futuro melhor, tem que saí de casa, í pra São Paulo, pra Prudente, pra tentá pegá um emprego melhor.*

Du Ó: *Aqui ficô igual a uma curva de rio, toda tranqueira encosta aqui, toda tranqueira.*⁶²

Os pescadores manifestam uma descrença com relação as possibilidade de vida e desenvolvimento na nova vila. Não conseguem vislumbrar no futuro o resgate de uma relação de equilíbrio com o novo espaço.

⁶¹ Entrevista com Chiquinho Lambari.

⁶² Entrevista com Du Ó e sua esposa Teresa.

Capítulo 5

HISTÓRIAS DA VIDA: SONHANDO ACORDADO

Entre o lá e o cá, mudaram as condições de existência. O tempo passado e o tempo presente, que dão forma as narrativas, representam uma luta feroz para manter a vida, sobreviver, viver sobre ou apesar das circunstâncias, sempre tão adversas. O 'antes' é uma forma de organizar o 'agora', de colocar em dia uma visão de mundo [...] Quando um projeto para o futuro imiscui-se nesse cotidiano atado à sobrevivência, ele é um projeto para os filhos.
Sílvia Leser de Mello⁶³

Cada uma das prosas que compõe a pesquisa possuiu sua singularidade. Cada uma teve seu ambiente, sua melodia, seu acolhimento, sua dramaticidade, seu humor. Claro que muito desse cenário e desse enredo dependia do narrador, em parte da pesquisadora, mas muito também das pessoas presentes que frequentemente eram entusiasmadas e participativas.

Relato quatro conversas com pescadores que abordam situações diferentes e impressões diferentes da história. Além dessas narrativas houve muitos outros encontros e prosas, mas algumas gravações de conversas estavam inaudíveis.

Primeiramente, transcrevo as narrativas de Dona Teresa uma mulher cheia de fé e defensora das tradições religiosas da vila. Em seguida, as memórias de Dona Vicença uma velha senhora que sempre lutou para sobreviver e hoje convive com a cegueira causada pelo diabetes. Também uma conversa entre três pescadores, Marisa, Mangabinha e Paulinho, sobre as questões políticas e econômicas da nova vila. Por último, apresento algumas reflexões e algumas histórias do Russu, um pescador de fala persuasiva e divertida, conhecido de todos.

As narrativas são dramatizadas e frequentemente compostas por cenas, onde aparecem as falas dos personagens de forma direta. Esse recurso, comum entre os ribeirinhos, nos aproxima do passado e dá veracidade ao fato narrado. É possível perceber as idas e vindas do pensamento, as hesitações, as contradições, o exagero, o humor, a imaginação.

⁶³ MELLO, Sílvia Leser de. **Trabalho e sobrevivência**. São Paulo, Ática, 1988.

Os ribeirinhos falam uma linguagem ritmada e coloquial, alguns definem seu modo de falar como próprio do liguajar caboclo. Conforme diz Mello (1988) em seu estudo com trabalhadoras domésticas vindas do interior:

Falam como aprenderam a falar, como ouvem falar ao seu redor. A fala é um instrumento eficaz de comunicação e isso basta. O uso diário da liguagem suprime o que não é necessário ao entendimento: as concordâncias complicadas, o arremate final dos erres e dos esses e outras letras cujo som não é muito claro, muito nítido (MELLO, 1988, p.26).

Ao transcrever as narrativas a partir das gravações procurei manter o ritmo da fala dos pescadores, sendo o mais fiel possível ao que ouvia. O intuito era aproximar-se ao máximo da linguagem cotidiana do ribeirinho.

Vale ressaltar ainda que, nas transcrições dos trechos das conversas foram eliminadas algumas interferências de pessoas presentes para garantir objetividade aos relatos, bem como, críticas pessoais que envolviam nomes de outros moradores da vila ou políticos. O intuito é preservar os entrevistados e evitar constrangimentos futuros em virtude da pesquisa.

Cedo, então, a palavra aos narradores de Nova Porto XV:

Histórias de Fé: Dona Teresa do Catatau

Dona Teresa é uma senhora prestativa e simpática, de semblante sereno e afetuoso. Católica praticante, há muitos anos tem papel importante na manutenção da tradição da Novena a Nossa Senhora dos Navegantes, da Procissão Fluvial e da Festa.

Até janeiro de 2006 quando a entrevista foi realizada, eu não havia participado de nenhuma Festa. Portanto, os detalhes da tradição me eram desconhecidos e seus relatos enchiam-me de curiosidade.

Quando cheguei, sua casa estava cheia de familiares e vizinhos que conversavam animadamente. Fui apresentada e rapidamente aceita no círculo de amigos. Dona Teresa foi buscar uma caixa cheia de fotos e distribuiu sobre a mesa. Todos observavam-nas enquanto ouviam a amável senhora contar suas histórias.

Dona Teresa manifesta o desejo por manter vivas as tradições religiosas do lugar, mas revolta-se por não encontrar muitos com o mesmo intuito. Fala da saudade do marido falecido, que amava o rio e a pescaria, nas memórias ele aparece sempre associado ao rio e ao tempo perdido em que foi muito feliz.

Teresa: *As primeira festa de antigamente, anos 50 60 e 70, era assim: tinha apenas um barracão coberto com folha de coqueiro. Então, primeiro era o barracão. Nós não tinha energia elétrica. Então era casa tudo com lampião. Lampião de carbureto, né? Cê deve conhecê isso aí. Então, Andréia, era tocado assim. Não tinha conjuntos, não tinha bandas. Era o pessoal mesmo com uma sanfona, um réco-réco, pandeiro, viola... Esse tipo de música que tocava. Era forró mesmo. E tudo iluminado com lampião de carbureto. Com o decorrer do tempo, foi indo, foi indo... E quando Seu Aildo foi prefeito pela primeira vez, a primeira coisa que ele fez foi pôr energia elétrica no Porto XV. Aí formaro outra comissão, e então todo ano mudava. Um ano foi Maçarico que tocô festa, aquele do restaurante. Outro ano foi Sebastião Tabóca que tocô festa. O Toninho tocô festa. Então, Andréia, com o tempo foi evoluindo, evoluindo... Aí fizeram o barracão. Construíro o barracão coberto com telha, fizeram cozinha e colocaro água encanada que antes não tinha. Até que teve um ano que montaro uma comissão boa, as festas já era mais animada, não era mais só de sanfona essas coisa. Esse tempo já contratava conjunto pra tocá né! Aí esse tempo já foi mudano... Tinha as barraca que os barraqueiro colocava. E todo mundo que podia por barraca colocava. Não era cobrado nada. E se vendia qualquer coisa, tudo... doce, bolo, tudo! Cada um fazia uma coisinha e colocava ali pra ganhá um dinheirinho, né! Antes tinha a Dona Maria Baiana, esta que faleceu há pouco tempo, não sei se cê já ficou sabeno, ela era muito conhecida. A Dona Maria era uma das pioneira. Quando eu cheguei no Quinze, eu fui morá mesmo lá em 83. Antes eu sempre vinha, mas como visita. Eu já tinha um sítio lá na barranca em frente lá da igrejinha quase. Então, Andréia, nas férias e nas festas eu sempre vinha com as criança pra cá, final de ano tudo. Aí eu comecei a me enturmar, eu já conhecia todo mundo. Na época meu marido era pescador, mas não profissional. Primeiro*

ele era pescador amador, né! Mas depois que nós mudamo pra cá ele passou a ser pescador profissional.

Andréia: *Como se chamava o marido da senhora, Dona Teresa?*

Teresa: *Meu marido se chamava Orlando, mas ninguém conhecia ele por esse nome, todo mundo só chamava de Catatau.*

Andréia: *Por isso que na foto do barco está Catatau.*

Teresa: *Aquele barco foi ele mesmo que construiu né! Aí ele pôs o nome dele no barco. Então, Andréia, a festa foi mudano, foi mudano. E aí... Sempre tinha batizado, tinha curso dois dias antes. Tinha o curso e era sempre com 100 a 200 pessoas para batizar no dia da Nossa Senhora dos Navegantes. Quando a procissão chegava o padre já começava a fazê os batizado. Tinha dia que era quatro hora da tarde e não tinha acabado os batizado ainda. Porque era gente demais, Andréia. Era gente de todo esse mundo, era gente de todos os lugares que sabiam da festa e vinham batizar as criança aqui no dia 15 de Agosto né! Aí acabou. Proibiu os batizado. O bispo disse que não podia mais batizá aqui na festa do dia 15 de Agosto. Acabou os curso também. Porque começou assim o pessoal que ia fazê, enquanto a equipe que vinha de Bataguassu dava o curso lá, o pessoal ficava nas barraca bebendo. Porque era nove dias e nove noite de festa sem pará, não tinha essa história que de dia vamo descansá não. Que nem agora, é quatro noite só. Então por causa das bebedeira do pessoal que vinha fazê o curso, o bispo proibiu. Porque muita gente passava os dia bêbedo, batizava os filho bêbedo e nem sabia o significado daquilo. Num sabia nada, se fizesse uma pergunta ele não sabia te respondê. Aí foi ino, foi ino que o bispo proibiu. Não existe mais. No dia 15 de Agosto agora só tem a procissão e a missa de encerramento lá em Epitácio. Uma missa é celebrada aqui no dia 7 quando começa a novena, que é a abertura da festa, aí no dia 15 que é o último dia da novena leva as image na travessia com os barco e reza a missa campal de encerramento lá em Presidente Epitácio. Antes era na capela, agora a missa lá é campal. Aí ficô assim... Aí acabou. E algumas tradição foi se acabando depois. As barraca, aí já começou assim, quem quer por uma barraca tem que pagá. Começou de 100 reais, depois foi pra 150, 300. E muita gente, filho daqui mesmo do Quinze não pode por barraca. Aqui o povo não tem dinheiro pra isso, hoje tá 400 real, Andréia. 400 real é muito dinheiro. E tá isso de tanto que choraro, choraro, choraro, esperniaro que deixaro por 300. Então acaba que vem mais gente de fora, assim. Porque o pessoal antigo mesmo daqui acabou a tradição.*

Andréia: *E o pessoal ainda ajuda na festa como antes? Além da senhora muita gente antiga que continua ajudando?*

Teresa: *O pessoal que organiza a parte da igreja, a novena e a procissão, continua as mesmas pessoa, só a parte da rua, as festa e os show, não é mais o povo antigo. Na rua é a comissão, que eu faço parte também. Mas na igreja todo ano vem o povo do Quinze que é*

ligado a essa tradição pra enfeitá os andor, prepará tudo. Eu sempre deixo tudo arrumadinho. Lá na igreja tem tudo, tudo lá guardado. Tudo, tudo, tudo.

Andréia: *Então até as flores ficam guardadas lá na igreja?*

Teresa: *Tudo, tudo, tudo. É tecido, é tule, é flor, é coisa antiga, coisa nova. Tem coisa lá que foi usada há mais de vinte ano que tá guardado. A gente nunca joga nada dos enfeite da procissão, tudo tá guardado. Todo ano a gente coloca coisa nova também, algumas coisa a gente aproveita para outras atividade né! Mas são os enfeite dos nove andor.*

Andréia: *Quais são, D. Teresa?*

Teresa: *Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Graças, São José, São Judas, Santo Antonio e Santa Teresinha.*

Andréia: *E São Benedito também?*

Teresa: *São Benedito também. São nove. São Benedito é o principal, né fia! Nossa Senhora dos Navegantes e ele.*

Andréia: *São Sebastião não tem?*

Teresa: *Não. É da capelinha da Reta, mas não tem nada a vê com a festa não. Então, São Benedito sempre vai na frente de Nossa Senhora dos Navegantes.*

Andréia: *Ele não vai depois dela?*

Teresa: *Não, é ele que vai na frente. Um ano tentaro, uns incrívelulo aí que não acredita em nada dos mistérios de Deus, colocaro ele pra trás e a balsa ficou 39 minutos sem saí do lugar. Quem lembra? Não é comadre? Ela era criança mais ainda lembra.*

Lívia: *É, foi mesmo.*

Teresa: *Aí todo mundo vai, num vai, vai, num vai. Aí anunciou...*

Lívia: *Ficou parado na frente da Igreja lá. Foi agosto de 78 né?*

Teresa: *Aí falaro, é o São Benedito que tem que í na frente não é Nossa Senhora dos Navegantes. Aí mudaro ele de lugar, aí a balsa conseguiu sair. Aí chegou atrasado em Epitácio. O povo já tava nervoso lá de tanto esperá, a gente tinha chegado muito atrasado né?*

Andréia: *Quantos filhos a senhora têm, D.Teresa?*

Teresa: *Meu e do meu marido eu tenho dois, mas dele que eu criei da primeira mulher são mais três.*

Andréia: *E de histórias de lá o que a senhora lembra?*

Teresa: *Do Quinze? Ah... Lá eu tinha uma chacinha, lá a gente plantava de tudo, nós fizemo uma casinha perto do rio com banheiro, forro de madeira, assoalho, água encanada, varanda, tudo direitinho. A primeira era menorzinha, depois nós construimo essa maior da foto.*

Andréia: *E energia já tinha quando a senhora mudou?*

Teresa: *Não. Quando eu mudei não tinha não, veio bem depois.*

Lívia: *Tá vendo aqui na foto da procissão, aqui ainda era a balsa boiadeira que o povo ia em cima.*

Teresa: *Tinha ano que vinha de mil a mil e quinhentas pessoa, aquele monte de barco, de balsa, de bote, tudo seguindo no rio. Coisa mais bonita!*

Andréia: *E hoje?*

Teresa: *Hoje continua vindo gente de fora, mas não é como antes não. É mais o povo antigo mesmo. A maioria vem só pros baile mesmo. Pros baile e pros show, não participa das reza. No dia da procissão. Os barco vem bem cedo trazendo o povo de lá pra acompanhá a procissão, depois faz a travessia com as imagem, espera a missa e depois volta trazendo o povo pra cá de volta. Então, Andréia, muita gente volta junto nos barco pra ficá pro baile a noite.*

Andréia: *Então daqui pra lá vai quase vazio?*

Teresa: *Não, vai bastante gente também, mas na volta sempre vem bem mais gente de lá. É que tem muita gente que quer aproveitá a viagem para ficá aqui o resto do dia e esperá os show da noite.*

Andréia: *Que tipo de gente participa?*

Teresa: *Participa todo o tipo de gente, fia. Muita gente paga promessa. Tem muitos testemunho de gente que já alcançaro muitas graça nessas novena e na procissão.*

Andréia: *E tem algum registro dessas histórias, D.Teresa? Dessas graças recebidas?*

Teresa: *Sabe o quê que acontece, Andréia? É que esse povo atual agora... O dinheiro acaba tudo. Não fica mais pra igreja. Era pra gente já tê ampliado essa capela. Tê mudado porque ela não tem assim um formato de uma capela. Mas acontece que acaba a festa, vai pagá as banda, vai pagá isso, vai pagá aquilo, e não sobra nada. Aí faz as conta e diz que não sobrô nada. Aí dá a comissão do padre lá de Bataguassu. Isso tem que dá. O dizimo é sagrado né?*

Andréia: *Sempre deu ou vocês dão agora?*

Teresa: *Toda a vida dero né! Isso começô desde os primeiro até a data de hoje. Aí dá aquela comissão pro padre, dá tanto pro padre e o resto paga as conta, paga as banda, paga as despesa todas. Mas realmente, são poucas coisas que são pago porque o pessoal sempre ajuda muito. Novilha...*

Andréia: *Continuam ajudando?*

Teresa: *Muitos continua. Tem gente que dá cinco, seis novilha. Eu sei que naquela avenidona de Epitácio todos os comércio ajuda, é bicicleta, é jogo de panela, é perfume, móveis, tudo, tudo...*

Lívia: *Ganha prenda de todo tipo. Cê falou que é pra festa de Nossa Senhora dos Navegantes e todo mundo sempre ajuda.*

Teresa: *É verdade mesmo. Caixas de frango, de calabresa... Nos mercados. Os mercado sempre ajuda com muita coisa, menos a bebida. A bebida toda a vida a gente teve que comprá.*

Andréia: *Os frangos vocês não precisam comprar?*

Teresa: *Frango ganha de montão. Ganha muito mesmo. Algumas coisa às vezes precisa comprar também né! Porque não pode faltá nada. Mas na realidade, são muito poucas coisa que precisa ser comprado né! Principalmente as prenda das rifas e dos leilão é tudo ganhado. Só a bebida que é sempre comprada mesmo. Bebida ninguém nunca pede não. Bebida não tem choro e nem vela, como diz o outro. Mas o resto não. Só que aí as pessoa ao invés de ser honesto, eles são desonesto. Eu já sofri muito, muito, muito, muito... Só que como eu sei que Deus me deu essa missão de manter viva a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de muitos e muitos anos... Muitas vezes eu tenho vontade de me afastá, eu fico cansada de ver tanta coisa errada. Mas meu coração bate mais forte, eu não posso deixá essa tradição morrê. O amor a Deus e à tradição sempre fala mais forte do que as minhas angústia e as minhas revolta. Porque quase todo ano... Teve uns anos atrás aí que um cara falou: 'Vamos trocá os piso, vamo compra os piso'. Aí trocamos, mas fico metade ainda pra trás.*

Andréia: *Então a CESP não deu ela pronta não?*

Teresa: *Deu pronta assim, do jeito que tá as parede. Agora os piso... É igual essa aqui grande também. A comunidade que tá colocano. Aqui nós colocamos piso agora também.*

Andréia: *E banco a CESP colocou?*

Teresa: *Aqui na grande ela pôs, mas na capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes ainda é os antigo lá do Quinze Véio. Daquela época, os que sobrado das enchente. Cê precisa vê, Andréia. Todo ano se fala nisso, e todo ano quem assume de tocá essa festa se compromete de trocá. Né não comadre? Depois que acaba a festa 'O ano que vem nós vai fazê os banco, ano que vem nós vai fazê os banco'. E aí vai passano, vai passano... E aí passa pra outro e aquele embolsa o resto do dinheiro que sobra. Aí dá briga, dá confusão. E é isso, é aquilo, é aquilo outro. Mas sempre fica do mesmo tamanho. Então esse ano que passô, esse ano agora passado, teve outra comissão, mudamos a comissão tudinho. E nós pusemos uma fé no hôme, todo mundo colocô uma fé, menina. Até o padre, o sargento, um pessoal lá de Bataguassu, todo mundo colocaro uma fé tão grande no hôme, cem por cento. A gente sentia assim como uma certeza nele, aquela firmeza.*

Lívia: *Aqui mais uma foto, ó.*

Teresa: *Ó essa já é aqui na frente da capelinha ali.*

Andréia: *E as imagens ficam guardadas aonde?*

Teresa: *Fica tudo na capela. Nossa Senhora dos Navegantes fica na frente. Nós fizemos um lugarzinho para as nove imagens. Antes elas ficavam tudo lá no fundo na sacristia né! Agora elas têm o lugarzinho.*

Lívia: *Essa mulher aqui no canto da foto, tá veno? Desde que eu me entendo por gente ela vem pagar promessa. Todo ano vem ela e o filho dela. Já faz uns trinta e poucos ano que ela vem.*

Andréia: *E ela é daqui?*

Lívia: *E ela nem é daqui, acredita? Ela é de Epitácio ou de Prudente não sei.*

Teresa: *Ela é de Epitácio, mas a família dela mora tudo lá pro Tocantins.*

Lívia: *Desde que eu me entendo por gente ela vem. Essa mulher do canto aí. É viúva ela, sabe?*

Teresa: *Ela é muda, ela não fala direito. Ela fala meio atrapalhado. Meu Deus, como é o sobrenome dessa família? Ela tem uns parente aí pra dentro do Mato Grosso, e quando ela viaja pra onde tá eles e tá chegando a época da festa, menina, ela fica doida. Ela fica louca, ela pode está aonde estivé que ela vem. Ela é madrinha do Santo Antonio.*

Andréia: *Ela vem para enfeitar o andor ou só vem para carregar?*

Teresa: *Não. Ela vem, traz as flores, ela mesmo que enfeita. Ela é madrinha do Santo Antonio, ela já tem devoção com ele há 38 ano. Cada santo tem seu padrinho ou a sua madrinha.*

Lívia: *Essa foto aqui é do Presépio Vivo de 93 lá no Quinze Véio também. Quem arrumava os presépio era sempre a Dona Edna, uma professora que tinha lá agora ela mora em Prudente, né? Ela organizava as coisas tudo no Natal. Era muito lindo...*

Teresa: *Aqui nunca teve isso. Aqui não tem é nada. Aqui mesmo só tem missa duas vez por mês. Uma vez é lá na Igreja da Reta e outra aqui na Igreja grande do Quinze. Lá na Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida é só uma vez por ano, na abertura da novena. Deveria ter mais missa, mas é um padre só em Bataguassu pra todas essas capela aí. [...]*

Andréia: *No tempo da balsa a senhora já vinha pra cá nas férias?*

Teresa: *Já. Eu já vinha no tempo da balsa.*

Andréia: *O que a senhora lembra daquele tempo?*

Teresa: *Eu lembro só coisas boa. À noite a gente sentava assim... Digamos que hoje é dia 14, e a gente via aquela gente jovem na beira do rio. O povo que vinha pra festa. E aqueles jovens enfeitano tudo com bandeirinhas coloridas. Enfeitava tudo, enfeitava os barcos tudo no dia 14. Ficava tudo tão lindo naquele fim de tarde. Tudo arrumadinho, tudo bonitinho... A balsa já encostava no porto no dia 14. Toda a vida vinha a marinha, o corpo de bombeiro. Eles continua vindo.*

Lívia: *Eles são obrigado a vir né!*

Teresa: *Então, Andréia, era uma coisa linda de vê. O povo todo enfeitano tudo bonitinho para fazê a procissão no outro dia. Depois já foi modificano, já não vinha tanta gente. Aí os mais antigo vão partino. Então cada ano vai se perdeno alguma coisa. E depois que veio aqui pra cima, mudou mais ainda. Lá a gente fazia aquela queima de fogos, aquela coisa mais linda no céu. A gente aclamava a Nossa Senhora dos Navegantes, todo mundo aplaudia. Era muito emocionante, era a coisa mais linda... As pessoa chorava, nossa! Era tudo tão maravilhoso... Acabou tudo.*

Andréia: *Aquele tempo o povo tinha mais devoção?*

Teresa: *O povo tinha mais fé, o povo era mais feliz. E as pessoa não ia pela ganância, pensano em ganhá dinheiro, entendeu? Então era assim: o que dava, dava. Prejuízo nunca dava. Mas o*

que desse usava pra arrumá a igreja. Aquele tempo a maioria era pescadô, que vinha agradecerê pela pesca e pedí a proteção da padroeira dos pescadô. Hoje cê não encontra mais pescadô na procissão não. É difícil. Nem na missa não tem mais nenhum pescadô. Parece que o povo perdeu a fé, perdeu a esperança em Deus. Hoje pescadô não vai, não vai mesmo. E no início começou como uma festa dos pescadô. Essa festa é uma tradição marítima que trouxeram pra cá. É uma festa que é feita por pescadores em muitos lugares. Tanto que se acabô a tradição dos pescadô na festa. Só não acabô tudo ainda, eu vou falá pra você, porque ainda tem devoto vivo daquele tempo. Porque se dependê dos mais novo, já tinha acabado. É igual esse ano agora com essa sujeirada que esse sujeito que eu tava falano feiz aqui com a gente. Depois do que esse sujeito fez o padre falou que se não acabá com essa sem-vergonhice, ele não vem mais rezá missa aqui, nem vai deixá fazê novena, nem procissão. Ele já foi bem claro nessa última reunião que houve agora.

Andréia: *Então o bispo não deve gostar muito da festa?*

Teresa: *Claro que não. Qué dizê, não é que não gosta. É que o povo está desviano, não tá participano mais com respeito e com devoção. Muita gente quer ganhar dinheiro com a festa. E outra, quem vai tocá a festa só tá pensano no seu bem-estar, em ganhar dinheiro pra pôr no seu bolso. Não é mais uma festa de fé, perdeu o espírito de religiosidade. É o espírito do dinheiro, da ganância, de ganhá, de ganhá, de ganhá...*

Andréia: *Dá muita briga durante a festa?*

Teresa: *Não, até que não. Dá aquelas briguinha de bêbado, mas briga feia mesmo não. De saí morte essas coisa, nunca aconteceu. Graças a Deus. Tragédia mesmo, nunca houve. Nem na travessia do rio, nunca houve acidente nada. Nunca ninguém caiu, nada. Nisso a festa é uma benção. Graças a Deus. Nessas coisa continua sendo uma benção, mas na festa da rua, Andréia. É uma loucura! É o povo que dita o quanto qué ganhá. Fica contano quanto vai ganhá. Então esses dois último que tocaro essa festa foi pior do que todos, porque tava tudo na mão do prefeito né! O prefeito tava bancano tudo. Tirava da prefeitura o dinheiro pra pagar alguma coisa que precisava. E o resto ninguém via. Tirava só a porcentagem do padre e cabô. É assim, aparece um e diz: ‘Ah, nós vai tocá!’ Aí junta mais quatro ou cinco pessoa. E fala vamo, vamo trabalhá, isso e aquilo outro. Mas é só o tempo de acabá a festa, pagá o que tem que pagá e o resto desaparece. Vê a diferença, na igreja grande aqui nós também tamo reformano. Um tempo atrás nós fizemo um bingo pra arrecadá fundo. Assim que terminô nós juntamo o dinheiro e fomo lá em Bataguassu comprá as tintas e mais algumas coisinha que precisava pra igreja. Então eu acho que deveria sê assim na festa também. Acabou a festa, vamo vê quanto arrecadô e o quê que pode sê feito pela comunidade. Esse ano eu não agüentei, eu dei uma de louca, mas falei. [...] Quando tinha a comissão lá embaixo, tinha essa mulher que era de Prudente e tinha rancho lá, ela começou a dá aula lá no Quinze né! Ela se aposentou lá em Prudente e aí o prefeito pediu pra ela dá*

aula no Quinze. Então ela tinha o rancho lá, eles era muito amigo nosso. Os filho dela é tudo formado, tudo adeogado, gente muito importante lá em Prudente né! Então ela adorava o Quinze, sempre gostou do Quinze né! Então até hoje ela vem todo ano enfeitá as imagem de São Judas e São José. E ela vem de Prudente. Então, Andréia, eles fizeram uma comissão que foi muito boa. Em dois ano que eles tocaro a festa eles compraro dois fogão industrial, compraro quatro fríze, até aquele tempo não tinha, era tudo alugado, compraro uma geladeira, compraro uma caixa de som grande assim e bonita, compraro panela, tudo o que precisava eles compraro. Tudo, tudo, tudo. Foi a melhor comissão que já teve aqui. Só que quando ela desfez a comissão. Ela chamou o pessoal que trabalhava... Eu só mexia com as preparação das coisa da igreja, não mexia com nada da festa. Aí ela chamou o pessoal da comissão, reuniu todo, chamou o padre e disse: 'O negócio é o seguinte'. Aí ela doou dois fríze para a paróquia de Bataguassu, um fríze ficou na Nossa Senhora dos Navegantes e outro com a Igreja aí de Nossa Senhora Aparecida, esse tem até hoje. E deixou o fogão e as outra coisas pra escola né! A escolinha lá. Ficou pra Nossa Senhora dos Navegantes, um fríze, a geladeira e o fogão, mas deixou na escola né! Porque a professora morava lá. Então ficou na escola também. E quando a CESP mudou lá e subiu nós pra cá, nós não sabemo até hoje aonde é que foi pará o fríze, o fogão e a geladeira. E as panela também. Aquelas panelona grande, 50 60 litro. E os fogão, Andréia. Precisava vê que coisa chique, fogão de seis boca industrial.

Andréia: *Aqueles grandes de restaurante, Dona Teresa?*

Teresa: *É. Era com forno e com tudo que tinha direito. Aí, depois que sumiu todo ano quem tocava festa teve que pedi fogão emprestado das escola. Até que o ano passado eu falei: 'Sabe de uma coisa: compra um fogão, uma máquina de assar frango, compra umas panela'. Aí eles: 'É mesmo Teresa, vamo fazê isso'. Não tem cabimento ficá emprestano tudo das escola. Eu sei que eu fui lá, peguei o ônibus e fui lá. Comprei o fogão, comprei a máquina de assar frango, as panela...*

Andréia: *Isso foi o ano passado, Dona Teresa? Desde lá debaixo não tinha fogão e nem panelas?*

Teresa: *Não tinha, fia. Não tinha. Qué dizê, a gente tinha, mas era emprestado das escola. E eu fui burra. Bem burrinha ainda. Mas não é que eu fui burra, eu confiei, como o padre também. Porque o padre também colocô muita fé no cara também né! Porque as proposta dele, Andréia, cê precisava vê. Bem, é que nem fala mesmo: 'De boa intenção o inferno tá cheio'. Aí, Andréia, aí que eu deveria ter pedido mais... Eu deveria ter exigido dele um aparelho de som bom, uma caixa de som, pra o ano que vem a gente não precisá pegá emprestado da igreja. E com o dinheiro que arrecada aí dá pra comprar tudo, Andréia. Dá pra comprá tudo que precisa. Já podia ter feito muita coisa pelo Quinze, muita coisa. Já dava pra tê feito uma Igreja bem grande, acolhedora, pra cabê todo mundo. Porque no dia da festa não dá pra fazê a missa ali dentro né! Tem que fazê lá fora porque não cabe. Ainda bem que em*

todos os anos nunca choveu. Graças a Deus. Então, depois que nós já tava aqui a CESP fez esse barracão ali, que não tinha. O ano passado já fizeram uma puxada no telhado, porque ele tava pequeno. Pra esse ano o prefeito já falou que vai aumentar pro lado de lá também, vai fechar as laterais porque são abertas também. Que metade é aberta e outra metade é com aqueles tijolinhos furados né! Esses tempo teve uma formatura lá, uma festa muito bonita e ele veio, e eu converso com ele sobre as coisas aqui. Aí eu falei que precisava fechar, pra quando tivesse esses tipo de festa aqui. Porque o povo procura pra fazer festa, fazer baile, aniversário de criança, aniversário de casamento, festa de Quinze Anos, essas festinha que acontece né! Porque aí dá pra cobrar uma taxinha pra fazer um caixa pra igreja. Ele se comprometeu que vai fazer isso né! Não sei. Eu penso que a gente deve chamar alguém que a gente conhece, gente que já participa da igreja, pra assumir isso aí, porque eu não quero. Eu não tenho mais idade, não tenho mais saúde, pra ficar aí correndo atrás.

Andréia: *Então as pessoas pedem para a senhora assumir as coisas da igreja?*

Teresa: *Pedem. Andréia, tudo. Quando chega no mês de agosto, a virada de julho para a entrada de agosto. Eu não paro, é pra cá, é pra lá. O dia inteiro vem gente aqui me procurar. Querem saber as coisas. Eu vou pra Bataguassu, volto. Vou em Prefeitura, vou em reunião. Sabe? É aquela coisa, eu já não tenho mais assim... Sabe? E depois ainda dessas coisas que acontece. Essas coisas erradas. Eu faço tudo isso por causa da minha fé, eu nunca ganhei nada. Eu trabalho e o que eu ganho é aquilo que Deus me dá. É a benção de Deus, Andréia. A família que eu tenho... 'Ah, Dona Teresa, tá um dinheirinho pra comprar alguma coisa que a senhora precise'. 'Não, eu não preciso de nada'. Quando o padre foi, já faz três anos que ele foi embora, ele falou assim: 'O certo era vocês pagarem pra ela. Quando termina a festa de Agosto, vocês darem pelo menos um salário pra ela'. E o Padre Paulino disse isso pra eles, que eu corria muito atrás dessas coisas, que eu não tinha mais idade e eu era muito responsável pelas minhas coisas. Era não, eu sô.*

Andréia: *E qual é a reação dos evangélicos com a festa, Dona Teresa? Aqui tem muitos evangélicos, né?*

Teresa: *Eles não se envolvem. Não participam de nada, mas também não implicam. Também não falam mal. Pelo menos, graças a Deus, as pessoas que eu conheço têm respeito. Eu me dou com todo mundo daqui, com todo mundo. Primeiro que eu sou ministra, né! Então eu me dou com todo mundo, graças a Deus. Então, Andréia, eu conheço muita gente que são evangélicos. O ano passado nós fizemos a campanha da fraternidade, fizemos a doação de cestas básicas e tava todo mundo junto, os católicos e os protestantes, sem diferença. É tudo uma única comunidade, não é mesmo? Cada um se reuniu separado, mas fizemos o trabalho junto. Mas com a festa eles não se envolvem, né! Eles não se envolvem, mas também não atrapalham e não criam tumulto nenhum. Nada, nada, nada. Se alguém fala de alguma coisa deles aqui, é mentira. Eles respeitam muito a fé da gente. Isso aí, graças a Deus, tem de*

monte. Às veziz tem um ou outro que é mais assim... Cê sabe né! Mas em todo lugar sempre tem né! Mas tudo muito respeitador.

Andréia: *Dona Teresa, como a senhora fazia na época de enchente? A senhora morava bem na barranca, né?*

Teresa: *Na época da enchente... Nos primeiros anos que eu morei lá, que eu morava na barranca na frente da escola, minha casa sempre pegava água.*

Andréia: *Então a senhora também saía?*

Teresa: *Saia, tinha que saí. Todo mundo saía. Sempre tinha aquelas barraca do exército. Colocava todas as barracas ali na marginal. Nós não ficava na barraca porque nós tinha casa em Prudente. Então, nós ia pra lá.*

Andréia: *E os móveis? As coisas todas?*

Teresa: *A casa ficava montada, não trazia nada. Isso antes de eu mudá definitivo pro Quinze né! Quando meu marido aposentô a gente veio. A vida do meu marido era aqui, a vida dele era esse rio. O sonho dele era terminá os últimos dia de vida dele nesse lugá, como pescadô.*

Andréia: *Quando ele morreu vocês já estavam aqui, ou foi antes da mudança?*

Teresa: *Já tava aqui já, vai fazê cinco ano.*

Andréia: *E ele que gostava tanto do rio, Dona Teresa, sofreu com a mudança?*

Teresa: *Sabe que até que não. Qué dizê, sofreu assim como todo mundo, mas não tinha o quê fazê. Ele tinha base. O que podia era tentá continuá levano a sua vidinha. Ele continuou pescano, saía pra acampá. O que modificou mesmo foi o trabalho que ele gostava, ele adorava mexê com terra, com plantação. Isso aí acabou-se, porque aqui não dava. Então, Andréia, mas quando enchia, a gente colocava o que podia pô em cima das coisas, aí esperava as água passá, e depois nós voltava.*

Andréia: *A senhora perdeu muita coisa nas enchente?*

Teresa: *Não. Os pessoal assim que não tinha muito cuidado, ou que morava nessas casinha no chão assim, perdia as coisa miúda. Mas eu não perdia muita coisa não, eu preparava tudo certinho. Eu perdi foi pouca coisa. Aí quando... Aí depois que nós mudamo, que ele construiu este barco. Ele mesmo que fez, Andréia.*

Andréia: *De madeira, Dona Teresa?*

Teresa: *Não. Era de ferro e de chapa.*

Andréia: *Nossa, Dona Teresa, ele era caprichoso então né?*

Teresa: *Era. Ele era mecânico industrial aposentado, Andréia. Ele já trabalhava fazendo as coisa de ferro.*

Andréia: *Ele fez muitos barcos, Dona Teresa?*

Teresa: *Fez não, Andréia. Fez só o dele mesmo. Veio foi muita gente aí atrás dele para ele fazê, mas ele nunca quis não. Esse barco grande dele aí agora tá em Aquidauana. Eu vendi né! Porque a Marinha começou com muita polêmica sabe? Eles começaram a exigir um monte*

de coisas de mim né! Um monte de documento. Aí eu falei: 'Sabe de uma coisa: eu não preciso mais desse barco não!' Eu tinha muito amor, muita lembrança... Mas ia fazer o quê? Deixá ele aí encostado para se acabar de ferrugem né? Esse barco era grande, Andréia. Ele fez cama, era aquelas cama de abri e fecha igual aquelas mesinha, sabe? Ele fez três camas, durante o dia fechava, tinha um banheiro, tinha uma caixa d'água. Ele colocou pia dentro, banheiro, tinha fogão, tinha mesa, tinha uma arezinha assim. Isso aqui é uma área né! Tinha uma área na frente e aqui pra trás também tinha. Ele fez uns banquinhos de madeira também. Então, Andréia, o pessoal sentava ali pra pescá, pra conversá, tomá sua cervejinha. Quando a gente ia acampá assim cinco, seis, sete, oito dia...

Andréia: *A senhora também pescava bastante?*

Teresa: *Eu pescava. Depois disso eu nunca mais entrei num barco, fia. Então, era muito bom, era bom demais... aí quando começava as enchente. A gente pegava as roupa, colocava tudo no barco, deixava amarrado lá na barranca. Aí na marginal ficava todo o povo acampado, de um lado e do outro. Aquele mundo de gente que esperava a enchente passá. Ficava pra cá da ponte, esperano as água baixá.*

Andréia: *E quando chegava de volta, dona Teresa? Encontrava muita sujeira?*

Teresa: *Nossa, Andréia, achava muita lama só. Mas sujeira mesmo não. A gente costumava deixar a casa toda aberta, para escoá a água mais rápido. Então, nessa casinha que eu tinha, enquanto a água tava subindo e não tinha chegado na casa ainda, a gente ficava em casa mesmo. Fazia comida tudo. A gente pescava com varinha lambari e fazia fritinho na panela. Já fritano mesmo e já comeno, tomamo cerveja ou caipirinha. Olha, Andréia, não dá pra falá tudo... Era ótimo, era bom demais!*

Andréia: *Então a senhora não achava a enchente ruim, né?*

Teresa: *Não, de forma nenhuma. O povo todo adorava, sabe? Era tão divertido, acampava aquele mundo de família tudo assim perto. O que vinha de gente para ajudá, o que vinha de turista. Vinha aquele povo pra visitá nós, pra cunhecê, a gente sentava pra conversá, fazia tanta amizade... Vinha aquelas repórter pra filmá, aquele tempo era difícil alguém saí em filme, então era legal... Aquilo pro povo era um divertimento, era uma coisa fora de série. Vinha muito turista, então, aquele povo que tinha barraca pra vendê coisa assim ganhava dinheiro, fia! Ninguém passava necessidade, não, todo mundo que tivesse vontade de trabalhá, vivia bem. Então, Andréia, era um tempo bom demais... Muito bom mesmo! Então é uma coisa que a gente nunca, nunca mais vai esquecer.*

Andréia: *Desde quando a senhora sabia que ia encher?*

Teresa: *Vixe... Desde a primeira vez que eu vim no Quinze. Só que ninguém acreditava, ninguém imaginava que alguém ia tê coragem de fazê isso aí. Não dava pra acreditá numa coisa dessa. A primeira vez que eu vim no Quinze ainda era tudo estrada de terra, de Prudente até Epitácio. Aqui quando chegava em Epitácio, deixava o carro do lado de lá e*

atravessava de barco. Tinha umas embarcação que pegava os boi para atravessá né! Eu lembro que a primeira vez que nós viemo tinha uma barraquinha com uma senhora chamada Dona Emília. Uma barraquinha assim, né! Lá ela fritava peixe pro povo que chegava.

Andréia: *Isso em que ano, Dona Teresa?*

Teresa: *Em 62. Ainda não tava nem construindo a ponte ainda. Já tinha o projeto já, o povo já falava que iam fazê uma ponte muito bonita aqui, mas ainda não tinha começado. Você só via os material encostado, aquele mundo de coisa. Essa foi a primeira vez que eu vim no Quinze. Aí, meu marido gostô. Nossa... achou a coisa mais linda. Aí a gente começô a vim sempre pra pescá. Esse tempo eu já tinha meus filho tudo pequeno. Eu vou fazê 74 ano já, fia... Aí ele sempre vinha pescá com o pessoal da firma né! Sábado e domingo, arrumava os carro e vinha todo mundo pescá. Quanto que nós pescamo nesses acampamento. Aí certa vez o véio tava vendendo essa chacinha né! Mas era coisa muito feia, tudo abandonada. Tinha só um ranchinho coberto de capim, feita com as paredes de barro... Ah, mas ele achou bom... Tinha um cantinho pra dormir. Ele foi vê e gostô daquele lugá, sabe? Essa casinha da foto aí, não tava lá ainda. A gente fez depois. Aí ele falou pro véio: ‘O senhor qué vendê mesmo? Quanto o senhor tá pedino?’ Aí o véio falou assim: ‘Dá qualqué coisa aí, eu sô sozinho mesmo!’ Aí o véio pegô um pedaço de terra atrás do lote assim e um dinheiro lá. Ele era boa gente, minha finada sogra também gostava muito dele. Aí nós fez outro ranchinho lá, cercamo de balaustre assim o terreno de fora a fora, todos os quatro canto. E deixamo alguém pra cuida do rancho pra nós. Depois mais pra frente a gente desmanchô aquele rancho e fez um. Mas também não era ainda essa casa da foto. Fez um ranchinho com fogão de lenha, tinha um pezinho de manga aí ele foi plantano mais fruta, foi plantano as coisa, foi plantano... Até que minha finada sogra pediu pra morá lá, e ele falou: ‘Então a senhora cuida da casinha lá!’ Aí ele fez uma casinha lá pra minha sogra e ela ficou morano lá né! Ela e meu cunhado que ficava aí, depois viajava, depois voltava.*

Andréia: *O Seu Chiquinho que eu conversei?*

Teresa: *Isso, ele é meu cunhado. Aí eles ficaro morano lá e todo final de ano nós vinha. Nesse tempo aí, já tinha construído a ponte aí as coisa já modificô. Não precisava mais atravessá mais rio pra chegá lá. Aí um dia ele falou assim, Andréia: ‘Ah, um dia eu ainda vô morá ali’. Eu disse: ‘Deus me livre de mora ali. Eu gostava de lá só pra passeá’. Mas as minha criança tudo gostava. Ninguém queria í pra lugar nenhum mais, só pro rancho na beira do rio.*

Andréia: *Só a senhora que gostava da cidade?*

Teresa: *Não, não era por isso. Era porque sempre tinha aquele monte de amigo dele, aquela gentarada danada. Aí eu trabalhava muito né! Eu mais a minha sogra. Então, vixe Maria. Só de pensá naquele trabalhadeira... Aí depois eu comecei a gostá. Depois eu comecei a me*

envolver com as coisa, conhecê as pessoa da igreja. Aí pronto, eu já me sentia em casa aqui. Aí foi quando nós construímo a casa. Aí ele sempre dizia: 'O dia que eu me aposentá a gente vai mudá pra lá'. Vamo deixá essa casa fechada, por enquanto. Foi aí que nós construímo a casa, mas ainda não é essa da foto não. Aí ele feiz a casa, comprou viga, feiz uma casa bem feitinha. Ele era caprichoso, com banheiro, com tudo. Aí quando ele aposentô, nós mudamo. Aí eu aluguei a casa lá, e deixei meus móveis em dois cômodos. Eu pensei: 'Nem vou levar esses móveis pra lá porque não tem onde colocá'. E as minha coisa era tudo coisinha boa, sabe? Aí resolvemo morar lá, as criança já tava tudo crescida, cada um cuidano da sua vida. Eles já tava tudo estudano pra longe e só tava eu e ele. Então a minha finada sogra morava num ranchinho assim e nós morava na nossa casinha. E depois que nós compramo essa daí na barranca. Aí no tempo das água ilhava tudo. Aí ele falou: 'vamo mudá mais pra cima'. Aí fizemo as estaca em baixo da casa com sete metros de altura na barranca. Essa daí da foto, né! Aí ficamo lá até o dia que não teve mais jeito e tivemo que saí. Essa aí ele forrou, fez tudo com forro de madeira, com tela nas porta para não entrá mosquito, era assoalhada, tudo enceradinho, tudo bonitinho.

Andréia: *Essa não pegava enchente, Dona Teresa?*

Teresa: *Essa não. Era bem alta. Nunca pegou água. Os pescadô vinha pescá bem na minha área. Eles vinham pra cá no sábado e domingo pra pescá da minha casa. Aí essa aí, tinha dois quarto, ele feiz dois quarto. Aí os pescadô que vinha pousava lá. Aí ele alugava os bote também. A gente fazia as comida pr'aquele povo que vinha. As veiz eles vinham comê em casa, às veiz eu levava... Era um tempo muito bom, Andréia. Muito bom... Muita saudade... Quando a gente vinha da procissão no dia da procissão, o povo parava tudo ali perto de casa, pra tomá água, toma uma cervejinha, um café... Ele tinha o bar lá também.*

Andréia: *A senhora ajudava no bar?*

Teresa: *Não, era só ele mesmo. Ele já tinha os pescadô que era freguês dele. Sempre tinha muita gente lá que vinha conversá com ele. Gente de Campo Grande, de São Paulo, do Rio de Janeiro. Tudo vinha pra pescá aqui. Nas férias assim, nos feriado, a gente nunca ficava só. Era sempre cheio de conhecido. Depois que a gente já tava nessa última casa aí, a casa era sempre cheia do começo de dezembro até depois do carnaval. Durante a semana toda, sempre era cheio de gente pra pescá.*

Andréia: *E hoje ainda tem muito turista?*

Teresa: *Nada. Hoje tem muito menos, não tem nem comparação. Nem comparação. Os pescador profissional gosta de pescá em rio mesmo, e não vêm mais pra cá. Eles vão pra fora, onde tem rio com corredera. Aqui não fica mais ninguém, porque não tem mais condições de pescá. O povo vai tudo lá pras banda de cima do Rio Pardo.*

Andréia: *E a CESP, Dona Teresa? O que a senhora acha da CESP?*

Teresa: *Olha, Andréia, vô te dizê. Pra muita gente aí que não tinha nenhum conforto, né!, pra muita gente deve ter sido bom. Mas pra muita gente ela foi péssima.*

Andréia: *E pra senhora?*

Teresa: *Pra mim ela foi péssima, Andréia. Pra mim ela foi péssima. Eu tenho uma ação contra a CESP já faiz oito ano. Eu tô com o adevogado, esperando para receber esse dinheiro e não recebi nada da CESP ainda. Eu recebi só essa casa. Eu tinha muita coisa lá, tinha o rancho, eu tinha casa da minha finada sogra também, tinha a chácara do terreno, tinha o bar. E na época eles quisero dá só 200 real do terreno. Eu falei: ‘Não’. ‘Então põe na justiça’. Aí eu coloquei. Olha, Andréia, já vai fazê oito ano. Já fez oito ano já. Isso que eu quero é o dinheiro da indenização da chácara. Porque nós ganhamo essa casa, mas vale como indenização da casa de lá.*

Andréia: *Esta é menor?*

Teresa: *Vixe... toda a vida! Lá era bem maior.*

Nora de D.Teresa: *Só que aqui é melhor, né?*

Teresa: *É melhor só pelo que eu te falei, pelo conforto. Só que pra mim não fez muita diferença porque lá eu já tinha água encanada, já tinha energia, minha casa era forrada, era mais espaçosa, não precisava saí nas enchente. Só não era de alvenaria. A única diferença era essa. Mas também ninguém ligava pra fazê casa de alvenaria lá. Porque aqueles que tinha só fazia metade de alvenaria e outra metade de madeira. Porque com o decorrê dos ano a água ia acabano com a casa né! Então não compensava tê casa de alvenaria. Por causa da umidade.*

Andréia: *Como que foi mudá pra cá, Dona Teresa?*

Teresa: *Foi difícil, fia. No começo nós chorava, só de pensá a gente chorava. Mas como nós chorava. Nós chorava tanto, Andréia, que eu mesmo acho que chorei uns três dia sem pará.*

Andréia: *Como foi feita a mudança da senhora?*

Teresa: *Foi a CESP mesmo que fez.*

Andréia: *Como era? Eles chegava e falava: ‘Viemos fazer a mudança’?*

Teresa: *Eles passava primeiro avisano o dia que ia vim buscá a mudança. Essa aí mesmo tava viajano quando foi pra mudá aqui.*

Andréia: *Já tava enchendo o lago quando a senhora veio?*

Teresa: *Já. Já tava perto de casa já. Eu fui uma das última daqui a desocupá a casa. Eu não queria vir de jeito nenhum... Aqui ninguém queria vim. Com tudo, com tudo, com as água chegando, mas ninguém queria vim.*

Andréia: *A senhora já sabia qual casa seria da senhora aqui?*

Teresa: *Já, fia. Eu já conhecia aqui. Mas não gostava de jeito nenhum. Quando eles terminaro, eles chamaro as pessoa tudo pra vim conhecê né! Aí cada casa tinha um nome, né! Mas meu*

marido fez de tudo pra escolhê aqui por causa das duas, né! Assim ficava perto do meu filho.

Andréia: *Já eram juntas assim?*

Teresa: *Não, essa cobertura foi ele que fez. Esse quartinho foi ele que fez. Essa copa foi ele que fez. Ele foi aumentano tudo.*

Nora de D.Teresa: *Aí ela teve que ficá vizinha da nora, né? (risos)*

Andréia: *É companhia, né Dona Teresa?*

Histórias de Luta: Dona Vicença

Cheguei à casa de Dona Vicença num final de tarde nublado e a encontrei sentada na porta da casa com um copo de café numa mão e um cigarro na outra. Sentei ao seu lado e me apresentei. Sua voz gravemente rouca e a fala ritmada, obrigaram uma escuta atenta.

Dona Vicença é uma velha de corpo franzino, mãos calejadas, pele ressecada pelo sol e marcada pelo sofrimento. O olhar distante e quase cego pelo diabetes fazem sua narrativa parecer pesada e imensa, ainda que em alguns momentos a rouquidão impeça a compreensão de algumas palavras. Sua filha, Dorotéia, acompanhou-a na reconstrução de algumas memórias com muita simpatia e cordialidade.

A mulher de corpo frágil teve uma vida dura, criou sete filhos praticamente sozinha trabalhando na terra, no rio e como empregada em ranchos e restaurantes. Dona Vicença é uma mulher destemida, audaciosa e forte, não tem receios de dizer o pensa e sente. Seus relatos revelam uma vida construída sobre tribulações e muita luta, sempre com poucas expectativas além do direito de exercer seu trabalho. Hoje lamenta não poder gozar na velhice os prazeres que na mocidade apreciava, principalmente por causa das penúrias da doença.

Vicença: *No dia da mudança eu vim pra cá com as duas menina e dois filho meu ainda ficaro lá embaixo. Veio as mulhé e os hôme ficaro lá ainda. Eles ficaro lá enquanto pode, as água já tava subino e eles ainda ficaro lá.*

Andréia: *Agora a senhora é aposentada?*

Vicença: *Sô.*

Andréia: *Quando veio pra cá a senhora já era?*

Vicença: *Era nada.*

Andréia: *E como vocês faziam?*

Vicença: *Meu menino que sustentava todo mundo. Só que quando ele veio pra cá, quando eu mudei pra cá que eu não tinha, eu trabalhava num rancho lá. E o rancheiro que eu cuidava morava em Prudente, depois que eu mudei pra cá com oito dia, ele fez uma compra grande em Prudente e veio trazê aqui em casa e depois me levou pra limpá o rancho. Só que ele não me procurava quanto que era, como que era nada. Mas se for ponhá na ponta da caneta, não dava pra comprá nem metade do que ele me dava. E aí depois a CESP chamou pra podê pagá pelos pé de fruta, aí fui lá e peguei o dinheiro. Fiz uma compra no mercado pra passá dois ano.*

Andréia: *E onde a senhora guardou tudo isso?*

Vicença: *Eu deixava tudo nas caixa, guardava no armário. Tirava o que ia comê e o resto deixava nas caixa.*

Andréia: *E a CESP pagou bem pelos pés de frutas, dona Vicença?*

Vicença: *Pagaro... Não pagaro muito bem não, mas também não deu pra perder.*

Andréia: *Pagaram quanto por pé de fruta?*

Vicença: *Cem reais cada um.*

Andréia: *E vocês tinham bastante lá?*

Vicença: *Tinha. Meu menino pegou mais dinheiro das minha planta do que eu peguei. Tinha que sê pé de fruta com mais de três ano. Com menos que isso eles não pagava. Tinha que sê pé que já tivesse dado produto. Eu sei que eu peguei o dinheiro, fiz uma compra e pus uma mixaria banco. Só comprei um som pra mim que eu não tinha. O povo falava e eu respondia: 'Não, isso aqui é o comprovante do meu brejo. Quando eu chegá a fechá os óio todo mundo tá sabeno que foi com o dinheiro do meu brejo porque nunca ninguém me deu nada'. A antena e a televisão foi comprada com a aposentadoria, não foi com dinheiro dado pela CESP não.*

Andréia: *Quando a senhora conseguiu a aposentadoria?*

Vicença: *Depois de quatro ano que eu já tava aqui. Quatro ano, fia. O rio já tinha enchido e eu já tava aqui fazia muitos ano.*

Andréia: *Teve muita gente que veio pra cá bem antes de enchê, né?*

Vicença: *Teve muita gente que veio antes de tê água aí no vazante. Eu vim na primeira cheia, quando a água ainda tava mais pra baixo. Depois que eu tava aqui foi que encher o resto.*

Andréia: *A senhora estranhou?*

Vicença: *Não porque a gente tava acostumado com as enchente, no começo a gente sentia como se fosse outra enchente. O duro era o calor dessa cidade aqui. Menina, mais era um calor... Num tinha uma sombra, não tinha uma árvore, não tinha um pé de fruta... Era um deserto sem planta nenhuma, só essas casa de concreto quente pra diabo! Não tinha uma sombra nessas ruas, cê não achava um pé de sombra. Não dava pra ficar dentro dessas casa, que entrava aquele bafo quente! Agora ainda é quente, mais já é menos, porque já tem uns pé de árvore nos quintal. Aqui eu até já cortei uns pé de fruta que eu tinha plantado, eu andei cortando muito. Os que tava muito perto das parede da casa eu cortei tudo. Cortei quatro pé de manga, um pé de caju, um pé de jaca. Se eu não tivesse cortado já era pra gente tá comendo jaca há uns três ano. Mas eu fui obrigada a cortar*

Andréia: *Por que a senhora cortou os pés de fruta?*

Vicença: *Tava muito perto assim das paredes, e começou a dar rachadura. Aí eu falei: 'Ah não, a casa já é fraca, não dá certo não'. Ia acabá com as parede.*

Andréia: *O que a senhora mais lembra daquele tempo?*

Vicença: *Eu lembro das enchente. A gente apoiava as coisa no tijolo, a água vinha e quebrava tudo. A gente apoiava as porta com tijolo de novo. Mas a menina não gostava de ajudá no serviço, ela saía de casa pra podê não ajudá. Ela não gostava. Ela dizia que não gostava dessa coisa de tirá as coisa, levá as coisa, carregá as coisa, largá as coisa... Juntava a mais velha, os filho dos vizinho, o rapaz que mora ali e os três irmão dele, eles era que nem um filho pra mim dentro de casa. Quando eu via que liquidava tudo, que não tinha jeito de ficá mais, aí eu saía com os menino. Quando era de noite vinha olhá se tinha água já tinha entrado dentro de casa. Aí ficava sempre cuidano pra quando a água vazasse a gente podê voltá pra lá outra vez. Mas não tinha jeito, precisava saí e precisava carregá as coisa. Era que nem duas mudança, primeiro saía e depois voltava. Todo ano. Mas a gente não achava ruim, não. Porque quanto maior era a enchente, maior era a fartura. Cansei de arrancá mandioca antes das enchente. Eu fiz farinha quatro ano na época da enchente. Arrancava mandioca quase dentro da água no terreiro de casa. Sozinha e Deus. A menina mais velha não entrava porque tinha medo de lacraia, a lacraia mordida assim e ficava cheia de sangue. O único que às veiz ajudava a arrancá e colocá na carroça era o Neno, esse que mora na Reta A-1.*

Andréia: *A senhora vendia a farinha?*

Vicença: *Nada. Fazia só pro povo de casa. E pra dá pros'otro. Nunca cobreí um tostão pela farinha. Aí foi ino que nós desanimamo e não plantamo mais nada. Mas no segundo ano que eu fiz, eu fiz um saco e meio só. Gente pegava dezesseis quilo de mandioca, descascava, cortava, secava... Mas depois que já tinha farinha fácil pra comprá aqui ninguém mais ligô pra plantá. Porque quando a gente mudô pr'aqui a gente ainda levô mandioca lá do Quinze. E*

a mandioca tem uma coisa, o povo falava e eu não acreditava, a mandioca você pode deixá a vida toda dentro do fríze, se você tira e esperar o gelo derretê ela fica novinha outra vez. Se ocê pô pra cozinhá fica igualzinha.

Andréia: *Só não vai dá pra faze farinha, né dona Vicença?*

Vicença: *É. (risos) Farinha não dá mesmo não. Mas dá pra cozinhá que fica boazinha. Só que a mandioca você tinha que arrancá antes de a água da enchente chegá, porque se pegasse água perdia porque ficava dura. Não tinha quem cozinhasse. Cê põe na panela, cozinha, cozinha, cozinha, vai ver ainda tá duro que nem mocotó de boi.*

Andréia: *Agora tem que comprá tudo, dona Vicença?*

Vicença: *Só compro o que não dá pra plantá no fundo do quintal. Aqui o vizinho também planta, a gente reparte. Só que demorô até a gente consegui plantá as coisa nessa terra, foi mais de um ano. Essas mandioca aí foi o vizinho que veio plantá aqui. E quando alguém pede pra ele, ele fala: 'Vê lá com a dona Vicença. É com ela'. Até os irmão dele quando quer rancá um pé de mandioca vem aqui falá é comigo. Cê acredita? Eu falo: 'Ave, isso é muita baixaria. Ele é teu irmão, foi ele que plantou. Não precisa pedi pra mim'.*

Andréia: *E a senhora ainda arranca?*

Vicença: *Ás vez quando eu posso comê eu arranco. Mas é muito esforço, e eu não agüento mais não. E essa terra aqui desse lugá é muito dura. É uma terra dura por demais.*

Dorotéia: *Só aqui na frente que é dura lá no fundo é mais molinha.*

Vicença: *Lá no fundo a gente pôs terra boa. Só que aqui na frente é terra de aterro, uma terra ruim que a CESP arrumou. Aqui na frente pra arrancá esses pé de mandioca é sofrido, sai a mandioca tudo machucada, quando quebra é um sacrifício terminá de arrancá. Aí tem que cavucá mais ainda.*

Andréia: *A senhora tem saudade daquele tempo?*

Vicença: *Vixe... tem dia que eu pego a enxada aí pra carpi e fico lembrando daquele tempo, da luta nossa lá. Vê minhas mão, já faiz dez ano que eu mudei pra cá e minha mão como ainda tá de calo daquela época... Os calo não passa não. Eu vejo os calo e lembro daquele tempo lá. Vê as mão das menina, não tem calo mais não.*

Andréia: *A senhora tem algum sonho?*

Vicença: *Sonho de quê? Tenho mais sonho e nem esperança de nada mais não. Aqui não vai melhorar nada mais pra mim, pode até sê que pra alguns mais novo ainda tenha alguma esperança, mas pra mim eu acho que não melhora mais nada não.*

Andréia: *Não há mais nada que a senhora ainda queira?*

Vicença: *Eu queria a aposentadoria, mas graças a Deus, eu já consegui. Agora eu já tenho o meu padrinho, né!*

Dorotéia: *Sabe qual é o sonho dela, Andréia? Mudá daqui. Ela queria era saí do Quinze. Ela não gosta daqui.*

Andréia: *A senhora queria ir pra onde, Dona Vicença?*

Vicença: *Ah... Eu não gosto daqui não. De jeito nenhum. Mas eu sei que isso não dá. Porque se eu for vendê essa aqui não dá pra comprar outra de material em nenhum outro lugar. Porque aqui essas casa vale tudo mixaria. Eu sei, porque teve uma vizinha aí que vendeu e não conseguiu comprar outra em Epitácio, tá pagano aluguel.*

Andréia: *Não dá?*

Vicença: *Dá nada.*

Dorotéia: *Aqui ninguém dá mais do que 10 mil reais numa casa dessa aqui. E se tivé reformada ainda.*

Andréia: *A senhora acha que a CESP deu prejuízo para a senhora?*

Vicença: *Olha, pra falá a verdade, perdeno eu não saí não. Na casa tudo que eu fazia num ano se acabava porque a enchente comia.*

Andréia: *O que a senhora pensa da CESP?*

Vicença: *Pra mim o que eles fizeram foi uma boa esmola. Eu acho que se não fosse a CESP pra construí isso aqui o que seria de nós agora? Tinha tudo morrido afogado.*

Dorotéia: *A CESP pelo menos fez casa pro povo, né? E se não fosse isso? Vendê lá a gente não ia conseguí. Por que quem ia querê comprá um sítio que ia alagá?*

Vicença: *Tem muita gente aí que xinga a CESP, eu não xingo não. O que eu sempre falo aqui quando algum tá estragano as parede: 'Não estraga a casa não, porque a CESP não vai dá outra casa pr'ocês quebrá não'. A que eu tinha lá não ia dá pra comprá outra não. A única desvantage que eu vejo aqui é que eu não tenho condições de arrumá a casa do jeito que ela merece. Essa casa merece uma tinta, eu não posso. Ainda mais agora que eu to condenada das vista.*

Andréia: *O que a senhora tem nas vistas?*

Dorotéia: *Por causa da diabete as veia dela tá tudo dilatano.*

Vicença: *Eu já fiz empréstimo no banco, pra descontá da aposentadoria pra podê mexê com as vista.*

Andréia: *Só cirurgia mesmo, né?*

Vicença: *Cirurgia só, fã. Mais é cirurgia, viu? Fala que não dói, mas pra agüentá tem que tê sangue de cavalo. Mas dói, viu.*

Andréia: *Então a senhora já fez a cirurgia?*

Vicença: *Já fiz é muitas.*

Dorotéia: *Ela fez duas a laser, mas vai ter que fazê mais, o doutor já falô. É lá em Prudente, essa cirurgia só faz particular.*

Andréia: *A senhora enxerga melhor de longe?*

Vicença: *De longe eu enxergo, mas de perto eu não enxergo nada. O que é miúdo não enxergo nada. Tem uma vista que se eu tira o óculos eu já vejo um monte de cabelo. Teve uns tempo que não tinha, mas já tá criano cabelo de novo. Pra onde eu olho os cabelo acompanha. É*

dentro dos óio que parece que tá cheio de cabelo. Eu acho que é as veia que já tá estorano outra veiz. Eu acho que elas estóra e aí parece cabelo. E eu só enxergo um pouco melhor com um, fia. Porque se eu tampá esse eu vejo tudo anuviado, não dá pra ver nada. Esse já tá quase perdido. Antes eu ia pra Prudente com a ambulância de Bataguassu, porque aqui não tem. Agora nem a ambulância de Bataguassu eles tão quereno emprestá.

Andréia: *E como a senhora faz? Vai de ônibus mesmo?*

Vicença: *De ônibus não dá porque quando a gente sai de lá, tá ceguinha. Não enxerga coisa nenhuma.*

Andréia: *Então tem que ir com alguém?*

Vicença: *A gente precisa pagá carro particular pra levá, é os olho da cara. Mas a gente precisa de arguém pra leva nós, porque tem que saí de lá carregado, fia.*

Andréia: *E quando a senhora vai de novo?*

Vicença: *Tá marcado para semana que vem. Mas agora nem a passage eles não dá mais.*

Dorotéia: *Terça-feira que vem.*

Vicença: *Já tá marcado, mas agora tá correno o boato que a ambulância lá de Bataguassu não pode levá. Tinha um vereador aí que sempre me ajudava, mas fui falá com ele e ele disse que não pode. Dá outra vez foi esse aí que me levou. Eu não sei como fiz aquele dia, só por Deus. Porque Deus é pai. Eu passei a noite toda sem dormi que os olho ardia e queimava que nem pimenta. E o nervoso. Aí quando deu meio-dia a mulhé chego e aí foro me leva. Cheguei lá falei lá com a moça. Ela falou: ‘Tô veno, mas não vai acontecê nada não, dona Vicença’. Cheguei falei pra ele: ‘Se dá tempo de recuperá cê faiz, se não dá deixa pra lá’. Depois de véia, ficá passano isso tudo? As coisa é difícil, a gente tenta alguma ajuda pra consegu pagá. Agora, então não vai dá mais pra tratá. Meu menino que antes me ajudava agora não pode mais, foi obrigado a pedi um encostamento da CESP porque não pode trabaiá. Só vai resolvê do mês que vem em diante. E eu também já falei: ‘Eles vão tê que se virá por lá, porque eu comprano os meus remédio também não posso ajudá’. Aí já começou fala das coisa que tão difícil, mas aí falou: ‘Não vou mais falá nada, porque a senhora não pode passá nervoso’. ‘Então agora é que eu tô vendo que é verdade’. Por que ele ia escondê uma coisa que não fosse verdade? E tem o outro. O mais velho de todos é o mais impulsivo de todos. Ele veio aqui e falou: ‘Eu vim dá 200 reais pra senhora’. Eu falei: ‘Muito obrigado! Dinheiro seu eu não quero um centavo’. Ele falô: ‘Mãe o quê que é isso?’ Falei: ‘Dinheiro seu eu não quero nem um centavo. Quem já se viu? Se fô pra vivê de dinheiro seu, eu prefiro morrê. [...] Eu não quero’. Disse que ia comprá tinta, eu disse: ‘Pode comprá o que ocê quisé, que pra mim eu não quero nada’. Ele saiu resmungando, que isso, que aquilo... Mas pode falá o que ele quisé, que eu não gosto que fale tudo o que vem na boca. Não é porque eu posso morrê qualqué hora que... Porque o médico falô que diabete tem que tomá todos os cuidado que pode dá um negócio qualqué hora e aí morre.*

Andréia: *Tem que tomar os cuidados, Dona Vicença.*

Vicença: *O médico falô que é uma doença traiçoeira. Se atacá pode matá dentro de 24 hora.*

Andréia: *Tem que controlar o tempo todo.*

Vicença: *Tem que tá controlado. Eu sempre vô no postinho medí e pegá os remédio de diabete.*

Andréia: *A senhora toma as injeções?*

Dorotéia: *Não, o dela é comprimido. Ela tem pressão alta também. É um monte de remédio dela.*

Andréia: *Todos os filhos da senhora pegaram casa da CESP?*

Vicença: *Todos só não esse que morava na Reta A-1, porque ele não teve direito. Mas os outro mora tudo aqui por perto. Só tem um que mora em Epitácio.*

Andréia: *Mas eles já tinham casa lá no Quinze?*

Vicença: *Não, ele trabalhava e a CESP pagava pra ele. Aí no tempo ele foi guardano e quando o hôme foi vendê ele comprô a casa. O outro a mulhé trabalhava na olaria, aí entrô com um processo contra a CESP. Aí saiu o dinheiro e ela comprô a casa. Então pode se dizê que foi a CESP também que deu, né? Porque foi com o dinheiro que ela recebeu da CESP. Foi assim com minha nora e com os irmãos dela. Um ganhô uma dessas também só que das mais pequena.*

Andréia: *Tem outras menores também? Tem dois tipos?*

Vicença: *Tem dois tipos.*

Dorotéia: *As menor que tem aí foro feitas pela prefeitura.*

Vicença: *Tem o mesmo tanto de quarto, mas os cômodo são ainda mais pequenininho. Essas foro feita depois que a gente já tava aqui. Bem na entrada da Reta A-1, tudo é dada pela prefeitura.*

Andréia: *E as festas lá, dona Vicença?*

Vicença: *Ah, as festa lá era bacana. Não chega nem aos pé dessa daqui.*

Dorotéia: *Mãe, como era aquelas corrida de cavalo que tinha antigamente?*

Andréia: *Tinha corrida de cavalo, dona Vicença? Como era?*

Vicença: *Tinha. Lá em baixo tinha um barracão onde fazia as corrida de cavalo. Tinha sempre corrida de animal. Tinha prêmio. O povo dava os prêmio, né! E vinha o povo de fora corrê. E sempre lotava de gente aquelas corrida. E a festa lá embaixo era bonito... E tinha a Festa. A festa durava nove dia e nove noite. E eu trabalhava de empregada e gastava meu dinheiro todinho. Tudo o que eu gozei naquele tempo eu não posso mais goza hoje. Eu trabalhava, cuidava de um senhor velho pai da mulher do Maçarico. Você conhece o Maçarico do restaurante, né? Cuidei do pai dela que morreu nos meus braço. Comecei a cuidar dele e com três mês eu já tava é cuidano de tudo. Passei no primeiro lugá lá. Trabaiei lá muitos ano. Depois saí de lá e fui trabaiaí no restaurante. Eu cozinhava. O maçarico me chamava de vaca véia escondedera de leite. Uma vez ele saiu e tava precisano de gente pra cozinhá, aí me chamaro pra ajudá na cozinha. Aí quando ele chegou eu falei:*

'Seu Maçarico o dinheiro tá na gaveta'. Ele foi vê, aí contou, contou, contou e falô: 'É... De onde eu não esperava que tá saino. A vaca véia escondedera de leite. Em um dia deu mais renda que na semana toda'. Aí eu falei: 'O resultado é seu, eu tô aqui mas tô veno como é que se faiz as coisa. Mas agora eu vô volta a aprendê fazê meus peixe'. Aí ele: 'Parabéns Vicença, cê ganhou em primeiro lugar!' Depois disso as outra mulherada acharo ruim comigo.

Andréia: *As outras cozinheiras?*

Vicença: *É... Elas resmungava, e eu falava: 'Eu não tenho curpa, eu não tenho concurso de comida. Agora quando cê tá num lugar veno as pessoa fazê tudo, fazê um arroz, fazê um peixe, e ainda assim cê não aprendê, aí é burra'. Não é estudo que faiz a gente aprendê as coisa. É a cabeça, é a vontade. Enquanto elas reclamava, chegava o Seu Maçarico e falava: 'Tem num sei quantos freguês hoje que prefereu a baiana da senhora, o arroz, o ensopado, o peixe frito e o peixe assado'. Aí eu falava: 'Não, seu Maçarico, as cozinheira aqui são elas. Eu aqui só tô de quebra-galho. Eu não sei não'. Aí pra acabá com a confusão a mãe dela me levou pra trabalhá na casa, lá eu fiquei ajudano ela por três mês. Aí eu completei sete mês de gravidez dessa minha filha aí, a caçula. Aí eu falei que ia saí. E ela falô assim: 'Já sei por que a senhora vai saí daqui. A senhora vai saí pra trabalhá lá no Zé Alvarenga ou no Chicão'. Eu falei: 'Eu não vô trabaia em lugá nenhum. Porque se eu quisesse trabaia fora eu ia ficá aqui. Eu não tenho por causa de quê mentí pra senhora. Agora eu vô descansá um pouco'. E ela falava: 'Cê num vai saí não'. E num vai e num vai e num vai. Aí perguntou assim pra mim: 'Escuta Vicença, cê já falô pra minha filha que cê vai saí?' Aí eu falei pra filha dela: 'Ó eu vou pará de trabaia, que eu preciso descansá um pouco que eu já cansei de trabaia'. Também não contei que tava grávida e nem nada, porque ninguém sabia. Aí eu saí e ainda deixei dois mês de pagamento lá porque eu nunca cobrei. Eu trabalhava igual louca, eu não comia. Era só café e cigarro, café e cigarro, café e cigarro. Às vez tinha hora que alguém falava comigo assim na distância que ocê tá assim, mas eu escutava como se a voz viesse lá de lonjão. Um dia Dona Elza olhô pra mim e falô assim: 'Dona Vicença, Dona Vicença, a senhora tem que fazê o favô de í no médico porque a senhora é o homem e a mulher da casa. A senhora tem filho ainda pra senhora cuidá'. 'Eu não tô doente. Eu não tô doente pra senhora me mandá pro médico. Não tô doente, Dona Elza'. 'Se não tá então deixa, que cê já tá ficano igual eu. Cê tá com os sentido muito longe'. Eu disse: 'Eu não to veno nada disso'. E eu pra mim, eu falava que eu tava boa.*

Andréia: *Quantos anos a senhora tinha nessa época?*

Vicença: *Eu tinha 49. Aí eles pegaro e me levaro no médico. Foi a dona Elza Maçarico, a minha filha e o meu genro me levá no médico. Chegô lá veio o médico e receitô os remédio. Eu não queria toma de jeito nenhum. Aí passamo e compramo os remédio. Aí depois de quatro dia*

eu voltei a trabalhá. Aí eu levava os remédio pro serviço. Quando acabou aquele, a dona Elza troce outro.

Andréia: *Aí a senhora foi melhorando?*

Vicença: *Aí eu fui melhorano, mas não tinha fome. Minha pressão era baixa. Era só torresminho com café. Eu bebia só café, o dia inteiro. Quanto mais café eu bebia, mais vontade eu tinha. Café e cigarro. Aí aquela zonzera foi melhorano. E eu caio na bebedeira. Eu comecei a bebê tudo os remédio. Lasquei tomá dois vidro do mesmo remédio. Porque eu pensava: ‘Se eu tivé grávida, eu vô perdê né!’ Aí a Dona Elza me trouxe mais dois vidro de remédio e falou assim: ‘Esse remédio é bom, Vicença, é o mesmo do meu pai. É vitamina e não faiz mal pra ninguém. Cê precisa tomá’. E ela não sabia que eu tinha bebido tudo aqueles vidro. E aí quando eu tava pra completá os oito mês de gravidez, a menina nasceu de uma vez. Quando eu tive a menina eles ficaro admirado. Perguntaro onde é que eu tava com a menina escondida. ‘Ah, não sei’. E ela ainda pesou 4 quilo e 200 grama.*

Andréia: *E ninguém tinha percebido que a senhora tava grávida, dona Vicença?*

Vicença: *Não, fia. Eu enfaixava a barriga pra ninguém percebê.*

Andréia: *A senhora enfaixava?*

Vicença: *Eu enfaixava. (risos) Eu só tirava pra tomá banho e pra dormi. E a nenê ainda pesou quase 4 quilo e meio.*

Andréia: *Mas a senhora ficava com as faixa o tempo todo? Não machucava?*

Vicença: *Eu tirava só bem tarde da noite, depois de uma hora quando já tinha tudo ido dormi. Ninguém nem desconfiava.*

Andréia: *E a senhora teve ela sozinha?*

Vicença: *Eu mandei chamá a parteira, mas quando ela chegou com menos de dois minutos a menina nasceu. Era oito e meia da noite. Ela nasceu oito e meia. O dono do bar de quem eu comprei a casa minha, só acreditô quando viu a menina. ‘Mas onde é que a senhora carregô essa menina que ninguém viu a senhora grávida?’ ‘Não sei’.*

Andréia: *E a senhora...?*

Vicença: *Eu não falava nada. Eu não queria ficá dano satisfação da minha vida pro povo. Ninguém me dava nada, ninguém ia fazê nada pra me ajudá. Por que é que queria sabê da minha vida? Ninguém ia me ajudá criá. Quem tinha que sabê era o pai dela e mais ninguém.*

Andréia: *E a senhora já tinha 50 anos?*

Vicença: *Eu tinha 50 ano quando eu tive a Dorotéia, essa minha filha aí. E eu não tive dor nenhuma. Nenhuma. Quando eu senti a dor dela, não custô muito e ela já nasceu. Eu tinha lavado roupa o dia inteiro, o dia inteirinho. Puxando água do poço na mão. Não tinha caixa, não tinha torneira, não tinha nada. Passei o dia inteiro trabalhano e não senti dor nenhuma.*

Andréia: *E esse foi o parto mais fácil da senhora?*

Vicença: *De todos foi o parto mais fácil. Quando ela nasceu eu falei pra parteira: ‘Olha direito na nenê pra ver se ela não tem nenhum machucado?’ Eu tinha medo que ela tivesse algum problema, né? Mas qui... ela num tinha nenhum arranhão. Nenhuma marquinha de arranhão ela num tinha. Nesse dia, eu tava puxano a água do poço e quando eu fui pegá o balde, me deu um torcicolo que eu não conseguia virá. Aí o balde escorregô da minha mão e aquela água escorreu, que eu desequilibrei e fui rolano de barriga no chão. Isso um pouco antes de ela nascê. Eu só senti ela virano na barriga. Aí já encaixô a cabeça pra nascê. Aí a hora que a parteira pegô ela eu já falei: ‘Me dá ela aí que eu quero vê se ela não tá machucada mesmo’. Ela me disse: ‘Por que, Vicença?’ ‘Por causa da queda’. E na minha casa lá era morro e o poço ficava lá em baixo da descida. E era um barro escurreguento.*

Andréia: *E os outros filhos da senhora?*

Vicença: *Eu já era vó nessa época, fia. Já tinha neto grande, eu já tava ino quase pra bisavó já. Meus filho já tinha tudo a vida deles. Hoje meu bisneto mais velho já tá com 15 ano. Essa aí é minha netinha mais nova.*

Andréia: *Essa é o xodozinho da senhora?*

Vicença: *Nossa... Ela não fica longe de mim.*

Andréia: *Com quantos anos a senhora teve o primeiro filho?*

Vicença: *Eu tinha 19 ano. Meu filho mais velho hoje tá com 59 ano. O segundo eu demorei bastante tempo pra tê. Meus filho é tudo um longe do outro. Não tive filho pertinho não. Um ajudava a cuidar dos outro. Quando eu casei, meu marido fazia as conta que até os 40 ano eu podia tê 24 filho. Mas eu falava: ‘Eu não sou rato’. Eu casei e demorei pra tê filho. Eu tinha um filho aí demorava mais de quatro ano pra tê outro.*

Andréia: *Mas a senhora tinha algum jeito pra evitar?*

Vicença: *Não, fia. Eu nunca tomei nada, nada, nada. Era a natureza mesmo que não mandava. Eu nunca tomei nada. Nenhum chá eu tomava. O remédio que eu tomava era depois que eu tinha filho. Eu ficava 30 dia tomano pinga curtida na arruda, na rosa, num monte de coisera. Até hoje eu ainda carrego isso, esse remédio daquela planta ali. Os meus primeiros banhos era com as folha desse remédio aí.*

Andréia: *E serve pra quê?*

Vicença: *Esse aí é pra não dar problema na mulher, né? Inflamação essas coisera toda. Até hoje eu carrego. Eu tinha essa planta lá embaixo e quando eu vim pra cá eu trouxe também. O povo aqui não se incomoda de plantá as coisa. É pouco os que ainda planta um pé de remédio ou um pé de flor no quintal.*

Andréia: *E essa planta é para tomar banho?*

Vicença: *É pra toma o banho ou pra bebê o chá. Isso é aí é tão bom pra mulher que sente cólica. É só bebê um copo do chá das folha e não sente cólica nenhuma. Cólica eu nunca soube o que é isso, desde pequena eu sempre tomei o chá dessa planta.*

[...]

Vicença: *Teve dois irmão aí que vendoro uma casa dessa por 6 mil, cada um ficô com 3 milhão.*

Andréia: *Venderam uma casa dessa por 6 mil, dona Vicença?*

Vicença: *Na hora da precisão foi por 6 mil que vendoro. Dessa mesminha aqui. Até mais mió, porque a deles lá até já tinha sido pintada. E a minha aqui nunca foi pintada na vida.*

Andréia: *Uma casa dessa às vezes é trabalho de uma vida inteira lá em baixo.*

Vicença: *Pois é fia, e aí se ocê precisa vendê só te dão 6 mil real. Onde que cê compra outra casa por essa quantia?*

Andréia: *E a senhora, além de cozinheira, também plantava roça?*

Vicença: *Minha vida inteira foi trabalhano na terra. Lá embaixo um tempo a gente arrendava terra pra fazê lavoura de feijão de corda, arroz... Mas depois que colhia cê tira pra pagá o povo e num fica com nada. Cê tira só mesmo o trabáio.*

Andréia: *E pelo prazer de mexer com a terra, né?*

Vicença: *Isso é verdade. Porque eu gosto de plantá, de vê as plantação crescê, de rancá os produto. É um prazer. Agora cê vê, eu fui criada na terra, comecei a pegá no cabo da enxada com 9 ano, saí com 17 ano e 19 dia. Eu larguei a cabo da enxada no sábado pra fugí no domingo, porque eu casei fugida, né!*

Andréia: *A senhora casou quantas vezes, dona Vicença?*

Vicença: *É pra falá a verdade? (pausa)*

Andréia: *A senhora é viúva?*

Vicença: *Agora eu fiquei. Agora eu sou separada, divorciada, desquitada e viúva. Eu desquitei, mas quem pagou o desquite foi a CESP, porque eles não dava indenização para quem não era separado no papel. Isso porque eles não queria pagá duas vez. Então eles pagaro o desquite de um monte de gente que era separado. Aí depois que saía os documento tudo certinho, aí eles fazia o pagamento.*

Andréia: *Então depois disso é que o ex-marido da senhora faleceu?*

Vicença: *Depois de uns quatro, cinco ano que eu já tinha mudado pra cá ele morreu. Morreu lá em Coxim. Acharo ele morto no meio da rua. Aí um povo da CESP é que veio falá que ele tinha morrido.*

Andréia: *A Dorotéia então nem lembra dele?*

Vicença: *A Dora lembra porque ela era pequena quando ele morava aqui. Ela já conversou com ele. Mas a Dora não é filha dele não. Ele é pai só dos outro. Essa daí é irmã dos outro só por parte de mãe. Só que tem seis tudo de um pai só.*

Andréia: *Ao todo quantos filhos são?*

Vicença: *Sete, mais era pra sê oito. Um morreu.*

Andréia: *Mas chegou a nascer?*

Vicença: *Nasceu, mas depois de três hora morreu. Morreu por falta de socorro. Porque eu perdi ele tomano aquele reguladô. Aí ele nasceu e não durô nem quatro hora e morreu. Ele gemia, mexia. Eu deixei ele enroladinho assim na cama. Eu dormi quando acordei que fui vê ele já tava geladinho já. Ele era prematuro, mas era perfeitinho. Só cabelo que num tinha, o resto era perfeitinho. O corpo era todo cabeludo. E a moleira era bem grande. Ele nasceu eu tava com quatro mês e dezenove dia de gravidez.*

Andréia: *Era muito prematuro, então dona Vicença? Nem cinco mês de gravidez a senhora tinha.*

Vicença: *Num tinha não. Mas ele tava formadinho, só a cabeça que era bem molinha em cima.*

Andréia: *E era menino?*

Vicença: *Menino. E ele ia ficá bem moreno. Aí a parteira passô e eu chamei ela lá em casa pra vê. E ela falô assim pra mim: ‘Ele morreu ainda há pouco, porque ainda tá meio quente. Agora não tem mais o que fazê, Vicença’.*

Andréia: *E suas outras crianças viram?*

Vicença: *Não, tava dormino. Mas o pai deles ficô com rixa comigo porque eu chamava ele de assassino. Eu falei: ‘Você que é o assassino. Seu criminoso, você que matô seu filho’. ‘Calma, mulhé, eu não fiz isso que cê tá falano não. Você andava fraca demais, eu achei que era fraqueza no sangue. Eu falei lá pro Seu Toninho e ele mandou esse vidro de remédio’. ‘Só que na hora que eu vi eu falei pr’ocê que eu não ia bebê. Foi ocê que falô pra eu bebê pra você não perder o dinheiro’. Só que era pra tê uma mulher e tinha era um hôme. Nunca vi ao invés de mulhé tê um hôme. Eu comecei a bebê na terça feira de noite, tomei na quarta, na quinta, na sexta, no sábado eu comecei a senti mal e no domingo nove hora eu perdi ele.*

Andréia: *Ele comprou o remédio pra quê?*

Vicença: *Ele diz que pediu um remédio para engrossá o sangue, porque achava que meu sangue tava sumino porque eu trabalhava demais. Eu trabalhava demais mesmo. Ele achou que por causa do esforço tava me faltano sangue.*

Andréia: *E já era gravidez?*

Vicença: *Já era gravidez. Esse era o segundo. Eu andava desconfiada, mas não tinha certeza. E eu falava pra ele e ele falava que num era. Falava que era fraqueza no sangue.*

[...]

Vicença: *E eu te digo: tem gente aqui que xinga a CESP, mas eu não xingo não. Tem gente aí que tinha casa muito pior do que a minha. Chegaro aqui, entraro nessas casa e já viraro as cara.*

Andréia: *Teve muita briga quando o povo veio pra cá?*

Vicença: *Não, não deu muita briga não. Tinha um povo que já tava doidinho pra vir pra cá. Quem não queria sair de lá era eu. Eu não queria não, queria tá vivo lá até hoje*
[...]

Andréia: *Os filhos da senhora mora tudo por aqui?*

Vicença: *Tudo. O mais longe, mora em Epitácio. Tem dois que se demora pra vir aqui é porque tão acampado por aí. Os dois são pescadô. Só tem um que é aposentado que sempre tá por aqui. É o mais véio.*

Andréia: *Quantos anos a senhora tem?*

Vicença: *Eu tô com 77.*

Andréia: *Os filhos da senhora já eram pescador lá embaixo?*

Vicença: *Já. Mas todos costuma pescá. Tem um que sempre vai com os irmão por divertimento. Só que ele tá afastado da CESP. Tá com problema no coração. É o que mora na Reta A-1.*
[...]

Andréia: *A senhora pescava?*

Vicença: *Vixe... pescava muito. Eu gostava de pescá hein?*

Andréia: *E a senhora disse que nem gosta de peixe.*

Vicença: *Pro cô vê. Num gostava de peixe, mas gostava de pesca e de cozinha peixe. (risos) Cô precisa de vê quando cô joga a rede na água e quando olha ela cheia de peixe... mais cô fica tão contente. É muito bão. Dependendo do dia que cô vai voltá se não embalá tudo... Peixe, eu vô te falá, dava gosto lá embaixo. Quando cô ia subino de bote e começava a pulá os peixe dentro do bote, já subia todo mundo animado. Mas pescadô é assim se um desanimá já desanima todo mundo. Um vai desanimano o outro.*

Andréia: *Chegava a perder peixe?*

Vicença: *Tinha gente que perdia. Eu não perdia não porque eu charqueava tudo. Mas se não charqueasse perdia. Eu nunca perdi nenhum peixe. Eu charqueava os peixe de casa, charqueava os peixe do Du Ó, charqueava pro Zé Alvarenga. Eu pegava de todo pescadô aí. Eu charqueava de quinze em quinze dia. Tinha vez que o peixe já tava morto e assim mesmo eu charqueava. O peixe pode tá morto, mas se ele não criá aquela pelinha nos óio, cô pode come que ele tá a mesma coisa que um novo. Agora se ele esbranquejá os óio, aí o peixe já começou a virá carniça.*

Andréia: *E era só a senhora que charqueava peixe no Quinze?*

Vicença: *Só eu que charqueava. Lá no maçarico mesmo, às vez perdia tanto peixe. Um dia eu falei: 'Não é melhor nós charqueá esse peixe aí, não?' A primeira que inventô esse negócio de charqueadera lá no Maçarico fui eu. (risos) Depois disso não tinha um peixe que começava a secá no fríze que ele não mandava charqueá.*

Andréia: *E muita gente procurava pra comprar?*

Vicença: *Na semana santa era demais. O povo procurava muito. Pintado que eu deixo charqueado por dois mês não tem quem não coma e não fale que é bacalhau. Só pensava quem fez ele mesmo e que sabe, né? Tinha gente que vinha em casa e eu fazia e ainda teimava comigo que era bacalhau. E era pintado. Tinha gente que pedia pra eu fazê ensopado de peixe seco. Todo mundo comia aquele peixe lá como se era bacalhau, mas era pintado seco. O pintado é o único peixe de rio que charqueado dá o gosto do bacalhau. Os outro peixe não, o gosto já muda. E depois de dois mês que ele tá charqueado até na vista ele parece o bacalhau. E eles vende as vez em peixaria como bacalhau, porque eu já vi lá em mercado como bacalhau, mas eu sei que não é bacalhau. Eu olho lá e já conheço se é ou se não é. Eles cobra barato porque não é bacalhau.*

[...]

Andréia: *E os bailes de antigamente a senhora ia, dona Vicença?*

Vicença: *Mas nem... Eu dançava muito. Eu gostava dos baile do Quinze...*

Andréia: *E as filha da senhora todas gostam de dançar?*

Vicença: *Todos eles gosta. Todos. Antigamente eu vinha nos baile com os filho tudo de bicicleta. Eu vinha de bicicleta e trazia todos. Eu acho que todo mundo daquela época gostava mais de lá do que daqui, lá era bem mais divertido. Até os baile de lá era bem melhor do que os daqui. Lá quando se fazia um baile não tinha briga. Lá era só divertimento, não é Toco? Lá ninguém xingava, ninguém caçava confusão. Nada disso. Os bêbado que embebedava dormia lá nos salão mesmo. Eu vô te dize, bêbado não arruma confusão, quem arruma confusão é quem mexe com bêbado. Se ocê deixa um bêbado quieto, ele pode até demora, mas uma hora ele vai caí.*

Andréia: *E na Festa dos Navegantes a senhora participava todos os dias?*

Vicença: *Todos os dias. E ainda nos dia que leiloava a vaca. Eles matavam e me dava a barrigada e os mocotó. Aquilo enquanto eu não cuidava de tudo eu não dormia. Às vez chegava tarde da noite e eu ainda tava acordada cuidano dos mocotó. Agora com a barrigada eu sempre fazia sabão.*

Andréia: *A senhora levava tudo embora pra aproveitar?*

Vicença: *É. Eu levava tudo embora.*

Andréia: *O que a senhora fazia com o mocotó?*

Vicença: *Os mocotó eu limpava, charqueava e cozinhava. Aí depois descobriro que eu limpava bem e começaram a pedi pra eu limpa pra eles fazê geléia. 'Olha só o que eu fui caçá pra minha cabeça!' Aí começaram a me trazê mocotó.*

Andréia: *E geléia a senhora fazia?*

Vicença: *Ah, geléia não. Geléia gasta muito tempo, menina. Se eu fosse fazê geléia com os mocotó que eu ganhava na festa, eu perdia a festa toda. (risos) Antes a festa era nove dia continuado, não é Toco?*

Toco: *Era as nove noite e nove dia sem pará, ninguém descansava não.*

Vicença: *E vô te dizê, não faltava ninguém não. Todo o povo conhecido de todo o canto vinha. Gente que morava nas ilha mais longe não perdia nenhum ano. Era muita gente!*

Prosa de Pescador: Marisa, Mangabinha e Paulinho

Em frente à casa de Marisa, sob a sombra da árvore na calçada, Mangabinha, Marisa e eu iniciamos a conversa sobre as lembranças do Quinze Velho. Em pouco tempo outro pescador, Paulinho, passa de bicicleta e sabendo da pesquisa se integra à discussão. Os três pescadores debatem as questões políticas e administrativas do distrito, a questão da emancipação e as políticas assistenciais.

Marisa é uma pescadora cativante, de olhar astuto e afável. Conheci-a na minha primeira visita à vila em 2004. Sua conversa melodiosa e a simpatia convidam os que passam a pararem para uma prosa.

Mangabinha é presidente de bairro, foi oleiro no antigo Porto Quinze e atualmente define-se como pescador profissional. Sempre muito envolvido com as questões políticas da vila, costuma ser aplaudido por muitos e criticado por outros. No início da conversa mostrou-se receoso e formal, mas rapidamente, mostrou-se bastante amável e prestativo.

Paulinho é um pescador simpático e falante, seu jeito simples mostra inteligência e ponderação. Chegou de bicicleta, encostou no meio fio, e apesar do pouco tempo que permaneceu ali, sua presença trouxe contribuições importantes à conversa.

O ambiente é agradável e a conversa é animada, em alguns momentos a indignação toma conta dos pescadores e é declarada pelo tom de voz e a expressão facial. A conversa durou horas e frequentemente vizinhos e conhecidos passavam por ali para dar sua pequena contribuição à prosa. Devido à longa duração da gravação foi preciso excluir diversas partes, assuntos pessoais que desviavam do objetivo da pesquisa e interferências de pouca relevância.

Mangabinha: *Aqui modificô muito, modificô muito. Aqui é o seguinte, igual a vida lá no Porto Quinze não é. Ah, não é... Porque aqui a CESP colocô todo mundo aqui e essa área do Porto Quinze que eles pretendia fazê... nossa praia, que nós tinha o direito. E aqui nada disso foi feito. O Porto Quinze era rico no papel, tinha o projeto de uma praia aí, ó. Ia sê aí... E hoje se alguém quer entrar na água, tem que entrar no lodo, na lama. Não existe mais aquela areia na beira d'água que nem antes tinha. Lá era uma água corrente e uma água limpa. E hoje aqui não. Eles represô essa água e inveiz de colocá umas tubulação aí nesse aterro do asfalto para podê escorrê essa água, pra dá vazante. Não. Então assim ela vem e ela represa. Ai ela só pode sair lá no canal, é por isso aí que fica todo esse lodo cheio de doença. Uma água morta. O que acaba mais com a vida da gente é isso aí. O conforto do Quinze véio era outra vida. Principalmente na barranca do rio. [...] Pra nós que era oleiro era bão também. Eu não tenho nada o que falá de olaria porque minha vida toda eu construí no Quinze por conta da olaria. Pra olaria era uma maravilha porque tinha argila lá à vontade. Aqui já não tem. Eles colocaram material pros cara aí, então eles até tem um pouquinho de barro, mas não existe mais lenha. Hoje é difícil achá.*

Andréia: *Quando você veio pra cá?*

Mangabinha: *Eu vim pro Quinze novo em 95. Mas no Quinze véio eu cheguei com 11 ano hoje eu já tenho 53 ano. Foi em 63, tava construindo a ponte ainda... A gente passava de balsa. Esse Porto Quinze aqui quando era a CESP que cuidava ainda tinha um pouco de limpeza, era até mais ou menos. Mas agora que ficou pra prefeitura... tem muita sujeira, lixo em boca de lobo, é coisa podre jogado, não tem fiscalização... Hoje isso aqui tá meio jogado a tranco e a barranco. Aqui antes da CESP ir embora a limpeza era outra. Até uns quatro anos atrás a CESP ainda tomava conta das coisa aqui, mas depois entregô pro prefeito de Bataguassu. Agora tá essa coisa que você vê aí.*

Marisa: *Eles falava de um projeto de uma prainha e de um bosque aí, ó. Era um projeto de reflorestamento. Mas agora que a CESP entregou tinha que sê o prefeito pra fazê, né? [...] O nosso porto é aquilo ali que você vê. O projeto era pra ser um porto de verdade, com atracadouro pra atracá os barco e com uma praia igual de Epitácio era a CESP que ia fazê mas não fizeram. O porto foi feito lá em Bataguassu, mas tá parado.*

Mangabinha: *Aquilo é o tal de elefante branco.*

Marisa: *E era pra aquele porto lá de Bataguassu ser aqui. Eles levarô pra lá.*

Mangabinha: *Sabe o que virô esse Quinze aqui? Pasto para gado de fazendeiro. Olha lá. Eles larga o gado aí quebrano as arvinha, acabano com tudo. E o prefeito não toma providência. A gente já falou, já fez abaixo assinado pra tirarem este gado daí, mas ninguém toma providência. E não é gado de moradô não, é de fazendeiro. É tanto carrapato brabo aqui que já tá até dano doença no povo.[...] É esse gado véio que tá empestiado.*

Marisa: *Andréia você sabia que aqui num pode vir nem posto de gasolina e indústria nenhuma? Tudo por causa desse lençol freático. Diz que isso aqui tá tudo condenado.*

Mangabinha: *Eu não acredito nessa história de lençol freático, não. Cada um que vem fala uma coisa. Você conhece a empresa Regina lá de Prudente? Ela tem em vários lugares, né? Ela era pra ter vindo ser instalada aqui no Porto XV, a empresa toda. Tem uma área de terra aí que lês iam dá, já tinham acertado tudo. Aí o que eles fizeram? Aí eles trucérou um tal de engenheiro da CESP aí, um tal de Dr. Celso, pra fazê o levantamento né? Aí ele fez o levantamento e disse que aí tem um tal de lençol freático que por isso ela não pode ser construída aí. E agora ela tá querendo ir embora pra Três Lagoa. [...] Sabe qual é negócio do Porto Quinze aqui. Um amigo meu tá fazeno poço em uma olaria aí e já cavou uns 30 metro de fundura e ainda não achou água. [...] Como é que pode ter lençol freático que nem eles fala? Os nossos político tinha que fazê uma pesquisa para verificá o nível do nosso lençol freático porque tão falano que aqui no Quinze não pode instalá nenhuma indústria por causa do lençol freático. Como é que pode? Agora me diz: como é que uma comunidade vai viver numa área de terra que está sendo condenada? [...] O prefeito depois que veio esse engenheiro Dr. Celso aí fazê os levantamento. E sabe quando é que nós fomo sabê que tava com esse problema aí? Depois de uns vinte dia. Aí eu fui ali falá com o vereador e falei: ‘Eu tô sabendo que o Quinze aqui tá seno uma área condenada devido a que não pode se instalá indústria por causa do lençol freático’. Aí ele falou: ‘É verdade’. Aí eu falei: ‘Só que tem uma coisa, moço. É bom a gente sabê disso aí pra nós trazê a imprensa aí, por causa quê a gente não vai podê continuá morano num lugá desse aqui. Então, vô atrás de trazê a imprensa aí pra dizê que a Regina não vai sê instalada aqui por causa disso’. Aí ele falô pra mim: ‘Eu vou trazê o dono da Regina aí, eu vou falá com o dono da Regina e nós vai conversá’. Depois diz que ele foi lá na Prefeitura e falaro que não tem nada de lençol freático aqui não, o problema é que a Regina não qué ficá aqui no Quinze, qué í embora pra Três Lagoas. Por isso que eu acho que esse lençol freático é só desculpa. [...] Eu já falei que nós precisa de uma reunião com o prefeito pra vê e decidi se aqui vai podê tê indústria. Ele vai tê que dizê sim ou não. Eu falei pra ele: ‘Como é que pode um cabra morá num lugar desse condenado que não pode construí nada, nem um posto de gasolina’.*

Marisa: *Era pra vim um hotel pra cá, mas não pode também. Tudo por causa dessa história de lençol freático. Diz que nada pode.*

Mangabinha: *E tem mais, diz que a Prefeitura só assumiu as casas e que aqueles lote de terra que diz que é pra instalá indústria pertence a CESP. Aqui é um rolo tão danado que ninguém entende, ninguém sabe quem é dono do quê. Então nunca a gente senta o povo, com o prefeito e a CESP para decidí esse jogo de cintura. Isso porque em 2003 eu tive numa reunião com o prefeito e eu tenho os documento tudo protocolado que nós tivemo no escritório da CESP. E o que a CESP falou? A CESP falou que dentro do Porto XV ela não*

tinha mais nada que fazê, e que tudo que ainda tinha pra sê feito aqui no Porto XV foi negociado e repassado em verba para a Prefeitura fazê. Então a CESP só ficô de fazê os dois cais dos pescadô que foi prometido. Agora a prainha foi passada a verba pra Prefeitura de Bataguassu fazê. E se dependê da prefeitura nunca vão fazê. Na terra da CESP aqui eles vão fazê o reflorestamento, pelo menos eles dissero. Agora ali era pra fazê a prainha e dois ancoradouro, um pra cá e outro pra lá do posto fiscal. Eu tenho a ata que diz isso aí. Cada vereadô fala uma coisa, uns diz que a verba já foi passada pra prefeitura, outros diz que não que a CESP não quis terminá. Tem vereador dizendo que a CESP também já repasso o dinheiro pra prefeitura construí os dois cais. A gente fica sem sabê o que é verdade. E cê vê: isso aqui já tem onze ano, não é onze dia. E dentro de onze ano o que é que foi feito aqui? Nada, só tem o que a CESP fez antes de enchê tudo isso aí. Esses prefeito de Bataguassu nunca colocô uma agulha aqui no quinze, só aparece pra fazê comício. Não dá pra contá com político não. [...]

Marisa: *Acho que o povo acostumou a esperá dos outro, não deveria ser assim.*

Mangabinha: *Num é Marisa, é que eles só qué sentá na cadeira de político. Depois que tão lá fica rino dos bobo que acreditaro neles. [...]*

Marisa: *Ah, era tão lindo aquele rio, tinha a praia do Quero-quero... Andréia, era a coisa mais linda desse mundo!*

Mangabinha: *Então muda pra lá, Marisa. Volta. (risos)*

Marisa: *Só se eu virá peixe... ou se eu fô de submarino. (risos)*

Mangabinha: *O Quinze lá era outra vida. Hoje nós tá dentro de uma podreira, desce nessa beira de rio pra você vê que água podre. A cidade que mais levô prejuízo e foi mais abandonada neste mundo se chama Nova Porto XV de Novembro. Isso eu falo pra quem quisé ouvi. Eu subo em beira de palanque até, porque não tenho medo de hôme nenhum.*

Marisa: *É uma cidade fantasma, Andréia.*

Mangabinha: *Foi a cidade que foi mais massacrada, foi a Nova Porto XV. Hoje vive abandonada. Nós não tem nada aqui, nós só tem o que a CESP ponhô, nós não tem um mínimo de conforto, nós não tem um cais pra encostá barco, nós não temo nada. A gente chega à noite, antes lá nossa rampa era iluminada. Hoje nós chega aí numa escuridão danada, falta uma cascavel matá um cabra aí. Naquela escuridão danada. Cê tem que ficá alumiano com a lanterninha.*

Marisa: *Sem contá que você não pode nem deixá os barco lá embaixo, ou cê traz pra casa ou quando cê volta não tá mais.*

Mangabinha: *É o que sempre eu falo, mas tem gente que fala que eu falo demais. Mas hoje nós aqui... cê tem que rezá pra não precisa de médico. Esse posto de saúde aí, num tem nem ambulância, se precisá cê morre esperano. Isso porque a CESP deu uma ambulância pra nós e cadê? Se tem que pedí pros vizinho que tem carro levantá a noite para levá em*

Epitácio, e as veiz não tem nem gasolina. Tem vez que falta cê tê que carregá numa carriola.

Marisa: *Verdade mesmo, a gente depende da boa vontade dos vizinho.*

Mangabinha: *A secretária social lá de Campo Grande falava pro povo, ocês não muda da casa de vocês antes de consegui tudo da CESP, vocês não muda. Mas o povo ficou num desespero de perdê as casinha daqui, que não quisero nem sabê. Eles não era nem louco de matá alguém afogado. Ninguém ia afogá não. Eles queria era pressioná o povo pra saí de lá.*

Marisa: *Aqui do Porto XV de verdade só restô o nome porque o resto não tem mais nada a vê.*

Mangabinha: *Porto XV eu vô te fala, é uma cidadezinha infeliz...*

Marisa: *E era uma cidade tão antiga, né? Não era pra ser assim.*

Mangabinha: *O porto XV quando eu entrei ali era muito bom, vinha gente de todo canto pra pescá no rio, ficava nos rancho. Isso dava emprego, dava renda pras pessoa, porque tinha que alugá embarcação, alugá rancho, pilotage... Então ia aumentano, desenvolvono. Aí foi quando surgiu a maldita dessa barrage aí, destruiu a vida do Porto XV, destruiu o lazer, a diversão, o turismo.*

Marisa: *Andréia, cê acredita que a CESP não deixa os pescadô acampá nas terra dela nas marge do lago? Agora pescadô tem que ficá acampado dentro do barco. Se você armá os barraco nas terra deles e eles encontrá, eles expulsa tudo. Faiz desarmá tudo. Subindo aí pelo Rio Pardo umas duas horas pra frente, onde nós acampa pra pescá a gente põe as cozinha e as coisa, eles chega e tira tudo. Esses dia eu falei pra eles: ‘Agora nós também não pode mais pescá? Cê qué que nós faiz o quê?’ Eles notifica você, aí cê ranca, eles fala que cê tá invadindo as terra da CESP e obriga cê í embora. A gente põe a lona e as coisa de cozinha assim na beira do rio pra podê pescá, mas nem isso eles não deixa. A própria CESP tira você e manda cê pro fórum responder por invasão. A gente não tá ali pra desmatá, nem pra caçá, nem pra destruí nada, a gente tá lá trabalhano no rio. Mas eles trata que nem se fosse vagabundo. A gente num fica mais do que três ou quatro dia no mesmo lugar, depois já acampa em outro lugar. E a gente não faz casa, a gente só põe uma lona assim tipo sem-terra. A gente faz a barraca da cozinha e outra pra gente dormir e aí eles chega com os helicóptero e manda tirá tudo.*

Mangabinha: *Deixa mesmo não, se pegá pescadô acampado eles notifica.*

Marisa: *Que nem eu falei pro jurídico da CESP no dia que eles veio notificá a gente aqui: ‘Então a gente agora vai tê que acampá dentro do barco? Como é que nós vai cozinhá, pescá e dormi tudo no barco? Tem cabimento?’ Aí ele falou: ‘É a lei’. ‘Mas que lei é essa? Me diz, eu falei, que lei é essa que deixa a CESP tirá a gente do lugar que nós tava na beira do rio, onde nem precisava saí de casa pra pescá e agora nós num pode nem parar o barco na beira do rio?’. Já não tem peixe aí, e como eles ainda qué que a gente viage duas hora de*

barco todo dia e volte pra dormir em casa toda noite? Você vai tirá dinheiro de onde pra podê í e voltá todo dia?

Mangabinha: *E se dá uma maré? Cê não pode pará?*

Marisa: *Vai pescá só pra pagá a gasolina, não come e nem vive, só paga a gasolina. É isso que eles qué, que nós morre. É o mesmo que falá que cê não pode mais trabalhá.*

Mangabinha: *E aí eles começa com esse papelão em cima da turma. E ninguém reclama nada. Aí é que eles vão abusando do povo mesmo.*

Marisa: *Agora os rancheiro rico que construíro rancho irregular aí na terra deles, eles num tira. Se nós tivesse destruíno a natureza, desmatano, tudo bem. Eu até concordo que eles expulse, mas nós somo os primeiro a defendê a natureza porque nós vive dela. Se a natureza se acabá nós vai vivê do quê? Se hoje cê acampa e daqui a pouco o helicóptero da CESP passa e vê, no dia seguinte você pode esperá que a lanchona da CESP chega, chega e mete a caneta n'ocê. Pega teu nome e caneta! Aí passa três ou quatro mês cê é chamado lá no fórum. É um inferno.*

Mangabinha: *Eles faiz isso com quem já pegô as fraqueza.*

Marisa: *Eu falei pra eles, esses dia o jurídico deles veio aí com uma caminhoneta, cê precisava vê, parou aí. 'Eu vim notificá vocês porque cêis têm um barraco em tal lugar assim, assim'. 'O barraco é nosso sim, mas e daí, cê já viu alguma coisa destruída, nós alguma vez deu algum prejuízo pra CESP. A CESP é que deu prejuízo pra nós'. 'É mais não pode, a terra é da CESP'. 'Então a CESP qué a gente acampe no barco?' Eu falei: 'E agora?' Aí ele falou: 'Faiz assim, deixa lá por enquanto, mas na próxima vez cê vai tê que rancá'. Eu penso assim, se eu tivesse morando lá, se eu tivesse desmatano, destruíno, construíno casa, ou até se divertino, essas coisa, mas nós tá lá trabalhano, é nosso ganha pão. Eles qué que nós coloque colchão, acenda fogareiro, panela, cobertô, tudo dentro do barco...*

Mangabinha: *Como eles qué que alguém acampe dentro de um bote pequenininho assim? E se vem uma chuva de noite? Uma ventania? Eles nunca pescaro pra sabê o que estão falano. Eles faiz isso porque sabe que nós não conhece a lei. Então eles fica botano medo.*

Marisa: *Se era pra ser assim, porque então eles não dero terreno na beira do rio pra nós ficá? Porque colocaro nós longe do rio? [...] Se você vê a faixa de terra que nós acampa lá, cê fica besta. A área é tipo uma ilha, uma faixa pequena de terra, a água chegô de um lado e do outro e ficô um beco de mato. Só tem ali pr'ocê ficá, eles chega e toca você também. Cê vai trabalhá aonde? Nas fazenda mais pra cima não pode porque os fazendeiro não deixa. A gente aqui precisa se uní logo, aqui o povo tem muita desavença. Mas precisa fazê alguma coisa antes que eles coloque cerca em tudo aí, porque aí eles acaba de vez com os pescadô. Lá no Quinze Véio cê podia acampá em qualqué lugar que cê quisesse, ninguém mexia c'ocê, as pessoa respeitava o trabalho dos pescadô. Até os fazendeiro não esquentava*

de vê os pescadô acampado na beira do rio. Agora que encheu a gente não pode pará o barco em lugar nenhum.

(Paulinho passa de bicicleta na rua, pára na calçada e entra na conversa).

Marisa: *Paulinho, conta aí, não é verdade que a CESP tá expulsando os pescadô que acampa aí nas terra dela?*

Paulinho: *Ah, Marisa, eu não acho ruim não. Eles notifica e cê tem o prazo de um ano pra saí. Em um ano cê tem que tirá e mudá pra mais de cem metro pra cima ou pra baixo. Mas eu não acho ruim não, eu acho que isso tá certo. Sabe por quê? Porque se não daqui um pouco o povo tá fazeno rancho, Marisa, vai tá fazeno casa na beira do rio. A CESP tá fazeno certo, porque senão daqui uns tempo vira bagunça.*

Marisa: *Mas com que dinheiro é que pescado vai construí rancho, Paulinho? Quem vive de pesca não pode tê rancho. Os rancho que tem aí é de gente rico e vê se eles tira?*

Paulinho: *Não tiraro ainda, mas vão tirá. E quem construiu vai perdê as casa. Eu não tenho medo, se eles vêm eu acampo cem metro pra cima ou cem metro pra baixo e eles não pode fazê mais nada. Pensa bem Marisa isso não é ruim não. Isso é bom. Porque senão vira uma bagunça, cê sabe como esse povo são. Vira, cê sabe que vira. Só numa ilha que tem ali pra cima, tem uns sete rancho. E tudo é rancho de gente que pode comprá terra, gente que não precisa vivê de pesca feito nós. E quando a pesca tá aberta eles fica no rancho e pesca igual nós, mas por diversão.*

Marisa: *Mas esses a CESP não tira não, a CESP só tira os pescadô que são pobre e vive de pesca.*

Paulinho: *Tira sim, Marisa, já veio notificação pra todo mundo, vão tirá. A CESP não quer nem sabê, não tem preto, não tem branco, não tem nada. Ela vai expulsá todo mundo. Vai todo mundo pro pau. Eu to falano pr'ocê. Eu sei que tinha que resolve essa situação, porque os pescadô tão no rio pra trabalhá, não é que nem esses rancheiro rico que faiz a terra pra passá veraneio. Mas aqui já teve tanta reunião com representante disso, representante daquilo, tanta conversa com a CESP, com IBAMA, com Prefeitura, e nunca se chega a lugar nenhum. Nunca resolve nada, fica só nas conversa. Eu já participei de tanta runião nessa minha vida que Deus me livre... E é verdade, ó. Eu já fui pra Campo Grande, pra tudo quanto é lugar participano de reunião com a CESP e o caramba a quatro... Pelo menos as comida é boa, teve uma veiz que nós fomo pra Campo Grande e eles pagaro pra nós um hotel três estrelas... aí até que foi bom, né? O café da manhã era coisa de rico, era excelente... coisa de televisão. É verdade mesmo. Essas coisa de reunião é assim, quando a gente chega numa conclusão do que precisa que eles faça, aí eles oferece uma coisa pra um, outra coisa pra outro, aí um morde e aí desanda tudo. Aqui esse negócio de união não adianta não, moça, aqui tem que sê um pelo outro. Não tem jeito. O máximo que a gente ainda pode contá é c'á amizade, c'á camaradage dos companheiro mais antigo. Quando um*

precisa e pede alguma coisa, cê faiz de bom grado, mas de resto? Não adianta mais não. [...]

Mangabinha: *Paulinho, até concordo c'ocê. Eu tô entendo o que cê tá falano. Mas eu acho que nós não pode pensá assim, nós precisa é lutá.*

Paulinho: *Mas lutá, Manguba, envolve política. A gente vai lutá como? Me diz. A Regina mesmo diz que vai embora pra Três Lagoa. Cê já tá sabeno? Vai ou não vai, Marisa?*

Marisa: *Tem gente aí falano que não vai.*

Paulinho: *O que eu sei é que ela vai embora porque ela não pode montá o prédio dela aqui por causa do lençol freático.*

Mangabinha: *Já há quem diga que esse lençol freático é mentira. Que é desculpa da Regina pra ir pra Três Lagoa. [...] Eu vô te falá. Sabe o quê é isso? Isso começô por causa daquela briga, não era pra havê aquela briga que teve aí por causa da emancipação (emancipação) da Nova Porto XV. Isso aí é o seguinte: é igual aquele ditado. É igual o cara te vê ali... Hoje aqui no Quinze o que falta? Falta é a tal da união que não existe.*

Paulinho: *Verdade, não tem. E quantas veiz nós já fez runião pra pescadô profissional aqui? E só saía briga, um querendo matá o outro. Num é?*

Mangabinha: *Hoje o que acontece? Acontece é isso aí. Hoje o cabra te vê ali e o Paulinho é isso, o Paulinho... Aí cê começa a fazê algum serviço, cê começa a mostrá algum servicinho pro povo. O que os cara aqui do Quinze pega? ...*

Marisa: *Tá roubano.*

Mangabinha: *Eles já diz: 'Vamo lá cuidá da vida daquele cara!' é o que aconteceu naquelas reunião aí da luz. Jogaro tudo contra mim, mas eu num liguei porque pra mim comê e bebê eu tenho. E agora essa emancipação (emancipação) da Nova Porto XV, o quê que aconteceu?*

Paulinho: *Vô te falá. Se desse certo, cê tava fora. Ó: se desse certo cê tava fora. Ia falá que foi o prefeito, foi o fulano de tal, foi o cicrano, o beltrano... Mas como não deu certo, ferra no Mangabinha.*

Mangabinha: *Então o quê que aconteceu? Aconteceu que eu tô marcano uma reunião com todos vereadô, só se eles não vim. Já tem três documento já. Se não vim eu vô pô pra publicá no jornal. Por que eles não vem aqui? Não vem porque eu tenho a banana pra descansá. E não por língua ou por conversa não, é por documento protocolado. Certo? [...] Eu quero que eles me mostre um projeto que eles fizeram pro Porto XV. Um projeto que seja. Eu vô esfrega na cara deles os documento documentado e protocolado.*

Paulinho: *Tá certo. E eu não to puxando seu saco não. Você é um cara bacana. Cê cutuca mais tá certo. Cê é um cara legal, é verdade!*

(risos)

Marisa: *É um doido.*

Mangabinha: *Num é doido. E cê sabe por causa de quê? Por causa que eu moro aqui, ué! Se eu não puxá a sardinha pro patrimônio, pra quê que serve ser presidente de bairro?*

Andréia: *Você não acredita na emancipação, então?*

Mangabinha: *Eu acredito...*

Marisa: *Eu num acredito.*

Mangabinha: *Na emancipação eu acredito. Mas eu acredito mesmo em gente sincera, gente séria, gente que tenha a corage de brigá. Nós tem o deputado aí que falô: ‘Em 2006 não dá pra fazê nada porque é ano de eleição’. E ele tá querendo ajudá esse negócio de emunicipação (emancipação) da Nova Porto XV. Ele disse que já tornou município outras cidade bem menor que o Quinze.*

[...]

Paulinho: *Eu vou te dizê, tem gente aí que vive de ajuda de político.*

Mangabinha: *Paulinho eu vô abri o jogo pra você. Tem gente aqui que vive atrás dos político para pedi coisa pro Quinze. Vê quando eu entrei pra presidente de bairro, essas rua aqui era uma escuridão, nossa praça mesmo só tinha duas lampinha. Eu ponhei iluminação pública que eles dizia que eu não conseguia. Arrumei aquela pracinha de lá.*

Marisa: *Os buero tudo entupido.*

Mangabinha: *Arrumei os buero que vivia tudo entupido. Limpeza que antes não tinha. Eu já vô pra três ano que entrei pra presidente de bairro. Consegui ampliar esse barracãozinho aí pra festa de Nossa Senhora dos Navegantes, essa puxada pro lado de cá. Eu hoje não consegui muitas coisa também, mas...*

Paulinho: *Cê foi melhor de que muitos que já foi.*

Mangabinha: *E as muitas cosias que eu não consegui não foi por falta de interesse meu, porque eu sempre documentei todas os meus pedido pro prefeito. Eu tenho tudo as reunião documentada.*

Paulinho: *Cadê a nossa praia?*

Mangabinha: *Pois é. Deixaro a praia de lado, pegaro o dinheiro da CESP. Eles se vendero tudo.*

Paulinho: *Era pra sê a coisa mais linda aí na frente. Nossa praia não, a praia ia sê pros turistas. Porque se vem o turista eles deixa os dinheiro aqui, dá emprego pra nós. Vende mais peixe. Turismo dá renda, aluga um bote, sai pra mostrar o lago pra alguém, vende um refrigerante, uma cerveja.*

Mangabinha: *Isso. Vai tê mais limpeza na beira do rio.*

Paulinho: *Com uma prainha ali, ia ter mais limpeza, mais higiene. Hoje cê vai ali é tudo sujo, cheio de lodo.*

Marisa: *Faiz uns chalé pro povo sentá. Ia sê bom pra todo mundo.*

Mangabinha: *Hoje se não emunicipá (emancipar), o Quinze não melhora. Essa é verdade. Porque se dependê de Bataguassu, nós nunca vai tê nada aqui. Eles não tem interesse no Quinze. Só*

lembra de nós faz parte de Bataguassu na época da eleição. Eu acho que o dia que nós tenta, nós consegue. O deputado diz que o Quinze tem condições de se torná município. Só que nós vai sofrê até 2007, tem que trabalhá muito nessa briga. Eu tive conversano com um cara que me falou que na hora que nós começá de verdade a briga por emunicipação, o prefeito vai começá a fazê todo esforço para num vim mais nada pra cá. Vai rancá o pouco que ainda tem aqui. Se essa briga por emunicipação começá agora vai ser problema pra nós se não der certo. A gente precisa do apoio dos deputado.

Marisa: *A gente tinha que organizá todo o povo do quinze e não dá voto pra ninguém. Deixá esses político sem os votodo povo daqui.*

Paulinho: *Mas isso não dá certo aqui. Sabe por quê? Porque aqui muita gente vive de ajuda de político, de cesta básica dada por político. E tem muitas pessoa aqui que se envolve no mundo da política e tão tudo empregado. Mas ia se bão se a comunidade tivesse essa consciênça de batê o pé e dizê, aqui nós não vota em ninguém. Aí eu queria ver se eles não ia começá a fazê as coisa aqui pro Quinze pra ganhá os voto.*

Marisa: *Passou na televisão uma cidade que o povo se uniu e ninguém votou. O candidato só teve os voto dele e da família dele. Cê precisa de vê a cidade hoje que beleza.*

Paulinho: *Tem gente aqui que não merece ganhá cesta básica porque não precisa. Eu não digo eu, mas tem muitos coitadinho aí que deveria ganhá cesta básica e não ganha nada. E tem muitos aí que ganha, tem gente que a gente sabe que recebe e tem salário de 900 reais. E cê sabe o que você tinha que fazê, Manguba? Fazê uma relação, você que é presidente do bairro. E depois í no promotô denunciá.*

Mangabinha: *Eu não tenho a lista de quem recebe. Pra isso eu precisava tê a lista com o nome de quem ganha.*

Marisa: *Procura sabê, Mangabinha. Procura sabê.*

Mangabinha: *Pra mexê com isso têm que tê certeza. Sem a lista não dá pra fazê nada.*

Paulinho: *Tem gente aí que recebe auxílio de pesca e nunca entrou no rio e que nem precisa recebê ajuda. Tem gente que paga até empregada e recebe ajuda. A gente tem que denunciá no promotô essas coisa errada aí.*

Marisa: *Cê tem medo, Manguba?*

Mangabinha: *Pode deixá, eu preciso ir no adevogado segunda-feira. E vô aproveitá pra perguntá se como presidente de bairro eu tenho direito de tê a lista das cesta básica e do bolsa família.*

Marisa: *Com adevogado não, meu filho! Cê tem que ir direto no promotô.*

Mangabinha: *Eu não posso mexê com essas coisa de qualqué jeito não, eu preciso sabê se eu tenho direito. Porque eu não quero achar problema pra mim mais tarde. Num quero mexê com vespeiro sem tê certeza das coisa.*

Paulinho: *Ah, tá. Agora cê falou uma coisa muito certa.*

Mangabinha: *Agora se o adevogado me falá que eu tenho direito, aí eu posso pedí a documentação e fiscalizá isso aí. Eu não quero achá encrenca que não me diz respeito não. Se fô responsabilidade minha, aí eu vou entrá. Eu entro de pé e cabeça. Vixe... não tenho medo não. Mas se não fô, eu não quero nem sabê. Mas pode deixá que eu vô verificá isso aí.*

Paulinho: *Tem gente aí, moça, passano apertado todo mês. Tem um casal de véio passano apurado, eles não tem saúde pra í no rio e não tem nem aposentadoria também. Revolta a gente, vê que tem gente que não precisa recebeno as coisa e outros passano fome.*

Reflexões de Ribeirinho: Russu

Russu foi meu principal guia, apoiou meu trabalho e me apresentou a praticamente todos os pescadores de Nova Porto XV. Dona Arasília, sua esposa, abriu-me sua casa, alimentou-me com sua deliciosa comida e me acolheu como a uma filha. Seria impossível registrar as inúmeras conversas e histórias contadas em sua casa e durante nossas caminhadas.

Russu é um senhor de meia idade, alegre e bem-humorado, que participa ativamente dos problemas da vila. Acompanhou de perto o processo de desapropriação e reassentamento, desde as primeiras reuniões com a CESP até as lutas atuais por políticas públicas eficazes. Em diversos momentos assumiu a liderança e a representação de grupos comunitários. Contador de histórias e causos, Russu, é uma pessoa afetuosa que gosta de longas prosas, onde pára logo de reúne pessoas para ouvi-lo. O ribeirinho é uma figura polêmica na vila, conquista grandes amizades e algumas inimizades também.

Certo dia, enquanto estávamos sentados na calçada de um bar a espera do ônibus para Bataguassu, Russu expressiu suas reflexões sobre a vila e sobre a situação do povo. Seu jeito caboclo e o linguajar ritmado revelam o sofrimento e a revolta de um homem a procura de saídas que amenizem os problemas ocasionados pelo lago.

As interferências tanto minhas quanto das pessoas que estavam no bar foram desprezadas, a fim de garantir objetividade ao depoimento do ribeirinho.

Russu: *Eu acho assim, mesmo que fosse assim pequenininho, mas eles tinha que tê feito um estudo dessa forma que você tá fazendo. Um histórico, pelo menos das famílias mais velha. Sabe um histórico? Eles tirô foto, foto disso, foto daquilo, mas não tem um histórico. Aquilo que... que no futuro, né? Por exemplo, aqui teve muita gente que veio pra cá e... meu sogro mesmo, hoje ele é um hôme doente, depois que veio pra cá. E é um hôme que nunca bebeu e nunca fumô. Na verdade desde o último ano que ele ia vir pra cá ele ficou muito doente, por causa do nervosismo... Ele não sabia se recebia o que era dele ou não. É isso que as vez dá infarto, dá essa... essa divergência entre as pessoa. E cê pode vê, que as informação aqui são tudo desencontrada. Elas não são encontrada. Por quê? Porque é o que te falei: 'Burro velho não pega marcha'. Não adianta trazê nós pra um lugar desse aqui, para nós trabalhá em fábrica. Nós não habituô trabalhá em fábrica. Os mais jovem que tão vino agora, ainda algum deles que ainda tão se habituano. Mais nós que é véio não. Outra coisa, cê vê: lá chegava de tarde, todo mundo passava a mão na sua varinha, outros na sua espingardinha. Lá você matava um bicho, comia um peixe, porque na verdade a natureza propunha isso pra nós. Ela é... ela é a mãe nossa, por isso que ela trata de nós. Todo ser humano tem uma parcela da natureza. Então da mesma forma, da mesma forma que nós tamo sentindo a falta da barranca do rio, da natureza, do que nós tinha, ela também esta sentindo falta de nós. Porque a natureza também sente a falta do homem. É como um... um...*

Pescador: *Como um ciclo, né Russu?*

Russu: *É um ciclo, exatamente. As vez falta pra gente completá as palavra, porque eu também não sô técnico e não tenho a cultura pra isso, mas a verdade é essa. Então cê pode vê. Eu ainda hoje falei ali pra você: ó, são 240 mil hectare de terra diretamente, mais em média 60 mil hectare do terreno dentro da barrage que foi destruído. Diretamente e indiretamente, chega a média de 300 mil hectare. Então você vê... você vê a estupidez que fizeram com a natureza, a estupidez que fizeram com o ser humano. Você já pensou... já pensou nesse vai e vem quanto, quanto de nós não vive aborrecido, triste, sentido, né? Muitos... muitos já cresceu, mas ninguém fala nos que decresceu, nos que morrero de desgosto, aqueles que num tava acostumado a pegá dinheiro e pegaro o que tinha porque a CESP indenizou. Muitos pegô uma casinha aqui, depois trocô a troco de um carro véio e hoje tá batendo biela, muitos tão na beira da estrada... Num tava preparado, porque foro pessoas que foro construino de grão em grão, de tijolo em tijolo, eles fazia uma coisinha esse ano, outra coisinha na safra do peixe do ano que vem, um pouquinho no outro ano. Ele plantava uma coisinha, ele plantava outra, ai com o dinheiro ele aumentava um cômodo na casa e ele criô aquele castelo em torno dele... E ai o quê que aconteceu? Aconteceu que a CESP veio, né? Deu uma casinha pra um, pra outro num deu, deu em dinheiro... E a pessoa não tava acostumado com aquilo... Daí um pouquinho o governo desvalorizou o cruzeiro e passou*

pra real. Eu mesmo aconteceu isso, o dinheiro da gente foi desvalorizado e a gente não teve equilíbrio pra se mantê em pé. Essa é que é a verdade! Aí tem muita gente que fala: 'Ah, você não perdeu, você ganhou casinha e num sei quê... e que fulano tem isso e que o outro tem aquilo'. Mas ninguém fala dos que decresceram: eu. Dos que diminuíram. Muitos que abandonô a família porque ele num tava acostumado a ver aquele tanto de dinheiro e hoje os filho tão pereceno muito mais do que quando tava lá na barranca. Porque pelo menos lá ele tinha a natureza e tinha um mundo protegendo ele... Um mundo que ele construiu. Ele fez aquele mundo. Ele construiu ali uma cerâmica manual que nós chama de pipa, para ele construí uma casinha. Ele tinha lá suas duas ou três vaquinha, ele tinha lá os seus porquinho, tinha suas galinha, plantava um pé de... Enfim, ele tinha um mundo já feito em roda dele e que de repente, sem preparo nenhum... E aí, eu vô concordá com o seu trabalho, tinha que tê sido feito um histórico, tinha que tê sido feito um acompanhamento. Eles não deram o acompanhamento que precisava dá. Não consideraro cada cidadão, o esforço de uma vida inteira... Foro esse povo que fizeram a história disso aqui a vida inteira. Tinha uns que... Bom, é que nem a minha sogra e o meu sogro falô, teve uns mais esperto que foram beneficiado e que não tinha nada a ver com a história do Porto XV. Alguns até vino através dessas própria empreiteira, muito empregado da Camargo Corrêa saiu beneficiado com isso aqui. E muitos que tinham história aqui hoje tão por aí sem casa e sem terra, porque era gente simples que passou a vida inteira ali. E mesmo outra coisa... e até os oleiro só receberam terra, por opção minha. Muitos deles hoje tão bem, mas eles ia perdê mais ainda. [...] Então, veja bem, esses oleiro, esses meiero e arrendatário aconteceu o seguinte, ficou pra que... Num momento eles negociô com os dono das olaria e os meiero ficô tudo de fora, você entendeu? Por quê? Porque o dono da terra e da olaria não ia receber o dinheiro dele e repartir com o meiero. Ele não tinha, não era ele que tava construino barrage, entendeu? Então ai eu acho que cabia a responsabilidade da CESP. E foi aonde, na época, eles criaro... Nessa época eu era o presidente da Associação, depois eles elegeram outro presidente, porque eu saí. Não agüentava mais, as coisa já tava muito difícil, era muita dor de cabeça e eu fui cuidá da minha vida. E ai desvirtuô tudo, umas pessoa que tava na Associação acabou lutano por outras coisa e os meiero acabô ficando sem resultado. O curioso é que as veiz a gente vê as pessoa comentano, falano, falano... Mas na verdade, o valor do ser humano, aquilo que eu já falei procê uma vez né? O íntimo ficou só na dor. Eu mesmo, vou te falá a verdade, eu Russu e minha mulher a gente fica sempre recapitulano nossa vida no Porto Quinze. E eu digo pra você, podia ser a melhor casa, o melhor apartamento, o que quer que fosse eu não daria de novo pela minha casa lá no Porto Quinze. Por dinheiro nenhum no mundo, nenhum palacete, fazenda, prédio coisa nenhuma neste mundo. Nada, nada. Uma porque eu acabei de criá minhas duas filha lá e outra porque lá foi um lugar que eu tive uma vida fantástica, uma vida... Como se diz? Uma vida

de sonho, só num sonho eu posso tê de novo uma vida daquela. Sempre muita fartura na minha casa, muita criação, tinha lá minhas plantaço, eu ficava bem pertinho do rio, pescava muito, ganhava meu dinheiro, era carrinho véio, mas eu tinha dois carro, tinha a casa toda mobiliadinha, tinha tudo que eu precisava pra vivê. Se fosse hoje, eu não trocava aquela vida que eu tinha lá no Porto Quinze nem por dois palacete, fazenda, apartamento, por nada. Eu não daria. Por causa da tranqüilidade, o sossego, o custo de vida pra mim ali era muito mais barato que hoje, não tem nem comparação. Apesar que eu tenho minha casa, vivo bem com minha esposa, com minhas filha, com meus neto, tenho uma família maravilhosa. Mas mesmo assim, eu não daria. Primeiro porque aqui é um lugar seco e nós fomo acostumado a viver na beira d'água, nós não acostuma com lugar seco. Nós somo igual peixe, você tira da água e ele morre. Eu por exemplo, não recebi casinha aqui, eu tinha chácara lá e entrei no grupo dos oleiro e dos pequeno proprietário. Mas o problema é que no fim eles acabaro fazendo uma lambança, pra uns eles pagaro mais pra outros eles pagaram menos, uns tiveram direito a três benefício, outros eles não aceitava dar nenhum. Então foi um negócio que posso te dizê, faltou o estudo do histórico como eu te falei. Faltou os político de Bataguassu ter acompanhado, ter falado: 'Não, não é por aí. Eu não aceito esse tipo de coisa. Não quero assim. Eu só aceito se for assim, assim, assim... Tem que ser feito encaminhamento direitinho, se não for dessa forma não quero que tire o povo de lá'. Foi isso que fizeram numas barrage lá no Norte e também aqui no Paraná. Foi nesse sistema, não foi lá também uma grande coisa, mas já foi melhor do que nós. Você entendeu? Porque o montante que eles recebe por essas usina é sem fim, isso é uma fábrica de dinheiro pro resto da vida. Vou te falá: barrage é uma fábrica de dinheiro. Infelizmente a gente não teve político competente pra negociá com a CESP, eles deixaro tudo nas mão da comunidade do Quinze que já tava completamente desnorteada. Porque... Você sabe o que é? Eu acho que a CESP ela usa, ela usa assim... a mesma forma que o gato usa com o rato. Ele vai dando tapa. Ele deixa o rato correno pra cá, correno pra lá, ele vai bateno, bateno e o rato vai ficano tonto. Até ele conseguí engolí o rato. O gato vai ino que mata o rato devagarinho. E a CESP usou a mesma coisa. Por quê? Porque de ano em ano ela vinha e pressionava e: 'Não e não, porque a água vem e blá blá blá'... E aí ela sumia. E aí o povo foi cansano, você entendeu? Ela foi cansano o povo. Aí a hora que o povo já tava cansado, o quê que ela fez? Ela chegou e deu o cheque mate. Deu um poquinho pra cada um... E eu ainda tentei falá pro povo: 'Num muda, num muda'. Mas quem disse que segurava esse povo. A CESP mesmo usava a técnica: 'Quem num mudá vai perdê a casa'. Aí que o povo se apavorô e veio tudo pra cá. Não conseguimo terminá as negociação direito. Então, eles foro tudo histórico. A gente podia tê brigado mais pelos nosso direito.

Capítulo 6

HISTÓRIAS DE PESCADOR: REGALOS DA VIDA

Porque a maneira de reduzir o isolamento que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distância e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É enfim, através das vadias palavras, ir alongando nossos limites.

Manoel de Barros

*- Mas pra que você mentiu, herói!
- Não foi por querer não... quis contar o que tinha sucedido pra gente e quando reparei estava mentindo...*

Macunaíma - Mario de Andrade⁶⁴

Neste capítulo apresentaremos algumas histórias contadas pelos pescadores nas rodas de prosa tomando tereré. Três delas são diretamente ligadas à pesca e as outras três são histórias sobre o cotidiano. Elas foram transcritas de maneira literal, sendo desprezadas as interferências, e demonstram o imaginário do pescador, sua relação com espaço, o misticismo, os valores morais, o sobrenatural, a sexualidade, o humor.

Mistério da Mata – Marisa

Vixe, história de pescador... Tem é muita história de pescador, não dá nem pra mentir. Como assim histórias? De pescaria? Mais é difícil vir uma agora na cabeça pra te contar. Tem uma história, mas não é mentira. Aconteceu mesmo. Um dia a gente vinha vino... rodano né? Porque a gente subia lá na ponta do... quando a pesca tava aberta. A gente subia... Você conhece ali? Subindo pelo Rio Pardo? Aí a gente vinha rodano, roda o dia inteiro e quando chega lá pelas três ou quatro hora, cê encosta os barco pra armá as barraca, as cozinha, assim pra podê pescá aquela noite e depois vim. Aí teve um lugar que a gente encostamo... Não, nós ia encostá. Era uma mata fechada, muito fechada, não tinha como tê sobrevivência num lugar daquele. Não tinha como tê uma pessoa pra ficá lá dentro. Aí nós fomo encostano os barco e aí... sabe quando parece que quebra um pau assim? Um

⁶⁴ ANDRADE, Mario de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter.

barulho alto como se uma pessoa tivesse quebrado um pau... mas grosso assim. E depois tacou assim na água, a gente viu caí na água. O outro pescadô olhô pra mim, eu olhei pra ele. Eu fiz assim com a mão. Aí de novo, outro pau. Ele: 'Não vamo encostá ai não, Marisa'. Mas era uma mata, Andréia. Aquilo arrepiava a gente assim de medo. Não tinha como ali tê alguém. E nósis fomo embora e paramo bem mais pra baixo e pro outro lado. Já não acampamo mais daquele lado do rio. E aquela semana nósis não peguemo nada. Parece até coisa, num peguemo nada. Foi que nem um azar aquilo lá. Foi viagem perdida. E aquele tempo não acontecia isso de ficar uma semana sem pescar nada. Cê ia e pegava. Hoje sim acontece muito de perdê a viagem.

Sucuris – Du Ó

Eu tava pegano piau com uma dessas varas da ponta grossa e o barranco era assim. E eu levei a espingarda pra matá uma... uma capivara, né? Eu tô pescano, aí o piau puxô e ele pulou na frente assim do barranco. Eu corri pra pegá ele, no que eu agaixei pra pegá o piau antes dele caí n'água... que levanto assim e a cobra: vapt! Já enrolô assim pelo braço. E dessa vez ela veio e eu não vi ela. Vi depois que ela me pegô. Limpa e eu num vi a filha da puta, parece que ela atrai mesmo, né? E vai daqui e vai acolá. E eu puxava e ela puxava. E eu puxava e ela puxava. Acho que aí ela viu que num ia... dá conta, né? E danô a subiá. Daí eu escutei caí do outro lado. E os mais velho falava que quando uma cobra pegava um cara que ela num dava conta, ela danava a subiá pra podê chamá outra. E ela assubiano. Aí o que que acontece? Eu já pensei comigo: é a outra. E sabe que era verdade? Pensei certo. E eu danei o dente nessa cobra. Danei o dente nela e enchi a boca de... de escama. Porque ela tem uma escama. E danei o dente, e vai, e vai, e vai... E os braço tava preso. Aí eu senti que ela tava... ela aliviô né! E eu: dente, dente, dente, dente... Aí ela deu um sobete e chit, soltou de uma vez. No que ela soltou de uma vez, eu mergulhei assim. Aí já mergulhei pro lado da espingarda. Aí atirei nela. Atirei e ela saiu rolando, rolando, rolando e caiu n'água. O barranco era assim... E tô ali, ponhei os cartucho e fiquei. E aquele amargo, ai! Aquela natureza ruim na boca. Ah, coisa ruim! Aquilo amargava por dentro tudo e lutano pra saí aquilo lá. Que eu olho assim, uma cabeça desse tamanho olhano pra mim. A outra dessa largura assim... tinha engolido uma capivara. Ela vinha afundada só por causa que tava viva, porque quando eu matei ela, ela saiu assim boiando com a barriga desse tamanho. Eu falei: será que ela queria me engolí ainda?

A tocha – Du Ó

Um dia eu tava subino no rio. Meu irmão foi na frente, eu fui atrás. Eu tava arrumano o motor. E vai hoje, vai amanhã, vai hoje, vai amanhã... E quando o motor, quando arrumava uma peça, quebrava outra... E meu irmão ia três dia na minha frente. No dia que eu acabei eu fui. Eu acabei e saí era umas dez da noite. A gente ia subino o Rio Pardo. E subi, subi. E tinha uma árvore grande... com uns cipó assim na árvore. E eis que eu enxergo uma tocha grande assim na árvore. A tocha subia e descia, subia e descia, subia e descia... Era onze horas da noite... já beirano a meia noite. Bom tá, eu já ia pelo outro lado do rio e a tocha do lado de cá. E toquei, né? Lá na frente tinha uma corredera de sudoeste. Quando eu tô virano pra descontá a corredera o motor vrum... pára. E vinha bão. E vem rodano e vem rodano e vem rodano e vem rodano e ia pro lado da tocha, né? E eu falei prá lá não. E o barco vinha voltano e rodano pra tocha. Aí eu amarrava o bote e ia arrumá o motor, e seguia... Três vezes no mesmo lugar e o motor vrum... parava. E vinha bom, mas chegava e pifava. Chegava ali, falhava. Na quarta vez, o barco pára e vem rodano e vem rodano e vem rodano e vem de novo pro lado da tocha... 'Ah, desgraça. Eu vô tê que peitá a desgrama dessa tocha aí. Sozinho e Deus...' Eu pensei comigo: 'Eu vou peitá essa tocha'. Mas quando chegô bem perto assim da tocha de novo o motor pegô, aí eu saí e passei pelo lado de cá, já não passei pela corredera lá, e aí fui pará aonde eu ia. E não parô mais. Não paro mais, mas eu num passei pelo mesmo lugar não. (...) Mas quando num via essa tocha na beira do rio, a gente via a tocha andano pelo varjão. (...) Uns acha que era ouro, outros acha que era fogo selvagem, outros fala que é o cumpadre mais a cumadre... sabe como é? O cumpadre que transa mais a cumadre. Então... as veiz, cê via o bote passá assim ó... jogano tarrafa e cê via, só via o vulto. Aí cê chegava lá perto e não via mais nada, ninguém. Aconteceu várias vezes... (...) Não dava medo nada, a gente já tava acostumado. Dava arrepeio só. Mas não dava aquele medo não. Tinha que ficá, né? Fazê o quê?

A caixa D'água – Du Ó

Eu cheguei num canto, uma vez. O cara fez um tanque com dez metros de comprimento e um de altura e pôs um lá pra cubicá quantos litros de água cabia lá. E ele não sabia quantos litro cabia ali naquele tanque. Era dez metros de comprimento por um de altura. E eu sei decorado... Aí eu cheguei e falei: 'Escuta que rolo é esse?' Um falava:

‘Cinquenta mil... Não setenta...’ ‘Não é isso não rapaiz. Que é isso? Tá ficando doido? É mais. É mais. Já tá feita a conta’. Ué, tá feito pensa: dez metro por um de altura. Cem metro cúbico é cem mil litro d’água. Já tá escrito isso já. Já tá na cabeça. O moço disse: ‘Vixe rapaiz eu sou formado no terceiro grau e não sube fazê e cê com a quarta série cê feiz’. Eu falei: ‘Não fiz não, isso já tá decorado. Não precisa fazê conta não’. Você já tem que sabê que cada centímetro... não, cada metro é um mil litro d’água. E fiz isso como? Como é que eu decorei isso? Na prática de uma caixa d’água. Foi... Eu peguei uma caixa d’água de quinhentos litro e medi, por ali você tira as outra, vendo os tamanho. Aí você pega o igual por igual e dá cem mil litro d’água. O cabra chega pra me comprá um peixe aí e eu: ‘Setenta quilo de peixe é tanto’. Quando eles vão fazê as conta eles vê e diz: ‘Ué. Ocê num vai fazê a conta por quê?’ Eu falo: ‘Não a conta é isso aí. A três o quilo dá isso aí’. Eles fica tudo besta comigo..

A guilhotina – Russu

Ó. Tinha um menino que ele foi numa casa e ele pegô uma agulha com a mulhé e chegô na casa dele e ele falô pra mãe: ‘Ó mãe eu peguei uma agulha lá na casa da fulana’. A mãe falou: ‘Então guarda’. Aí quando ele foi na outra casa ele roubou um carretel de linha. E a mãe falô: ‘Então guarda’. Quando ele ficô moço, ele fez um roubo muito grande e a polícia daquela época levô ele pra guilhotina, mandô matá ele. E na hora que ele ai ser morto pra í pra guilhotina o juiz perguntô pra ele: ‘Você tem algum pedido’? Ele falou: ‘Tenho’. ‘O quê que ocê queria?’ Eu queria que o senhor chamasse a minha mãe. Isso eu contano pro Russinho. E desatasse a minhas mão pra eu dá um abraço e um beijo na minha mãe de despedida. Aí o juiz concedeu o rapaz. Aí mandô chamá a mãe do rapaiz, mandô tirá a algema dele... E aí, falô pro rapaiz: ‘Pode ficá a vontade, pode abraçá, pode beija a sua mãe’. Aí o rapaiz deu um abraço na mãe e mordeu na ponta do nariz da mãe que quase arrancô. E falô pra mãe assim: ‘Isso é pra senhora lembrá que se a senhora tivesse me batido no dia que eu truxe aquela agulha, eu hoje não ia morrê na guilhotina. Agora toda vez que a senhora passá a mão no nariz a senhora vai lembrá da agulha’.

O remédio milagroso – Russu

Diz que tinha um homem, né? O homem o pirulito dele era bem pequenininho assim, rapaiz. E num tinha jeito. Aí ele foi no médico. Chegô lá no médico e o médico falô assim: ‘Eu vô te dá esse remédio assim e cê vai me tomá, mas é o seguinte: é só essa dosezinha uma vez por semana e se ocê vê que o trem começa a desenvolvê cê diminui’. E o cara chegô lá com aquele vidro e tomô a primeira vez, tomô a segunda... E viu que o trem começô a crescê. ‘O que? Eu vô bebê o vidro’. Bebeu o vidro. Ah, Minina aí o trem desembestô mesmo. Aí um dia ele foi tomá banho e a mãe quando entrou no quarto que viu aquele mundo, falou: ‘Meu filho o quê que é isso? Pelo amor de Deus!’ Pegô aquilo e já enrolô no braço. Já arrumaro uma condução, pegaro o rapaiz colocaro na condução e chegaro lá e o médico falou: ‘Meu Deus do céu! Quê que é isso? Quê que é isso?’ – ‘Isso aí num é nada, o saco ta vino aí atrás na carroça’. (risos)

Capítulo 7

IMAGENS DA HISTÓRIA

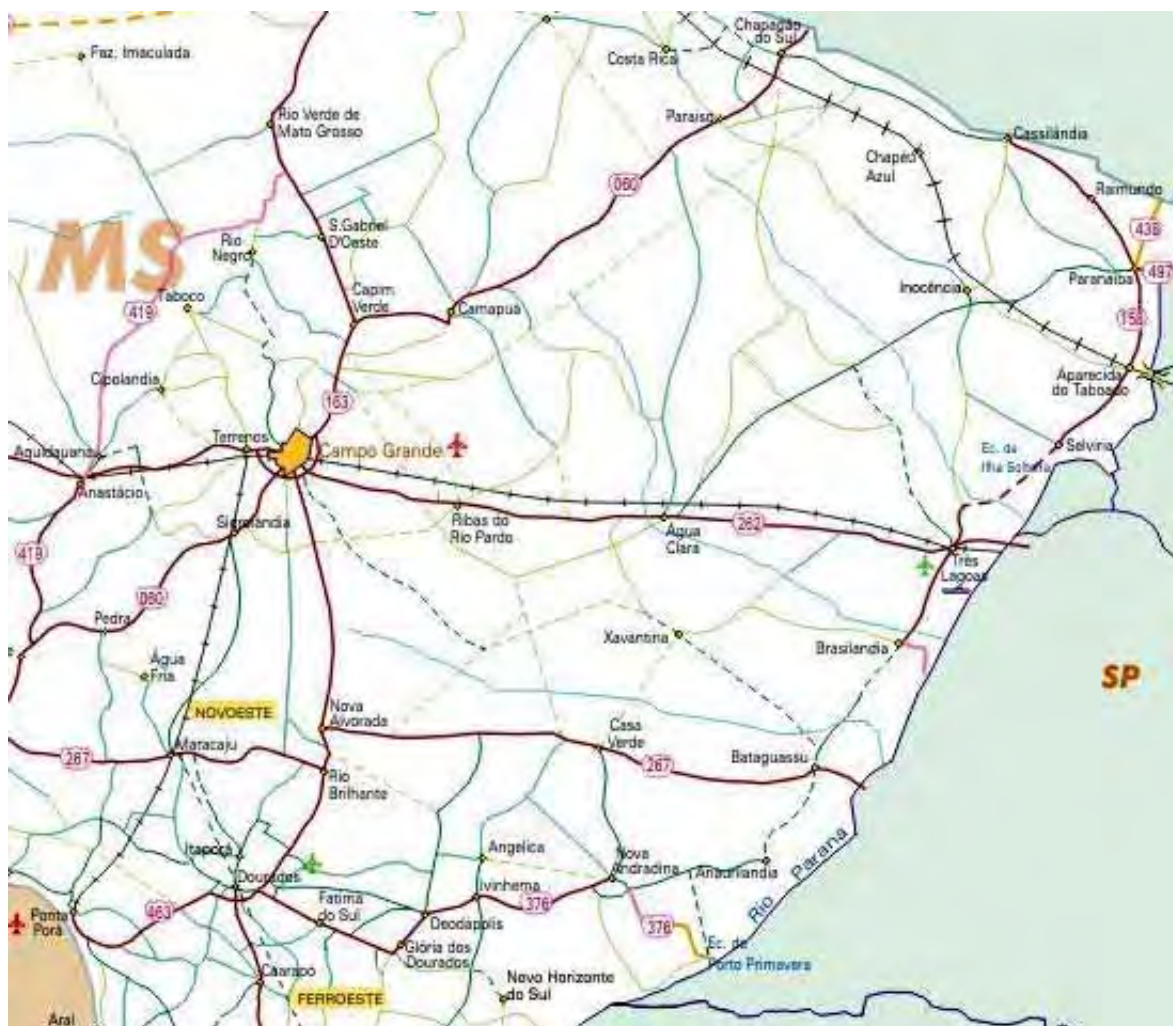


Figura 1. Mapa do estado de Mato Grosso do Sul. FONTE: Ministério dos Transportes - Governo Federal.



Figura 2. Mapa do estado de São Paulo. Localização da Barragem Eng. Sérgio Motta, Rio Paraná e Presidente Epitácio. Linha tracejada indica extensão do leito original do rio e a área atingida pelo reservatório. FONTE: Ministério dos Transportes - Governo Federal

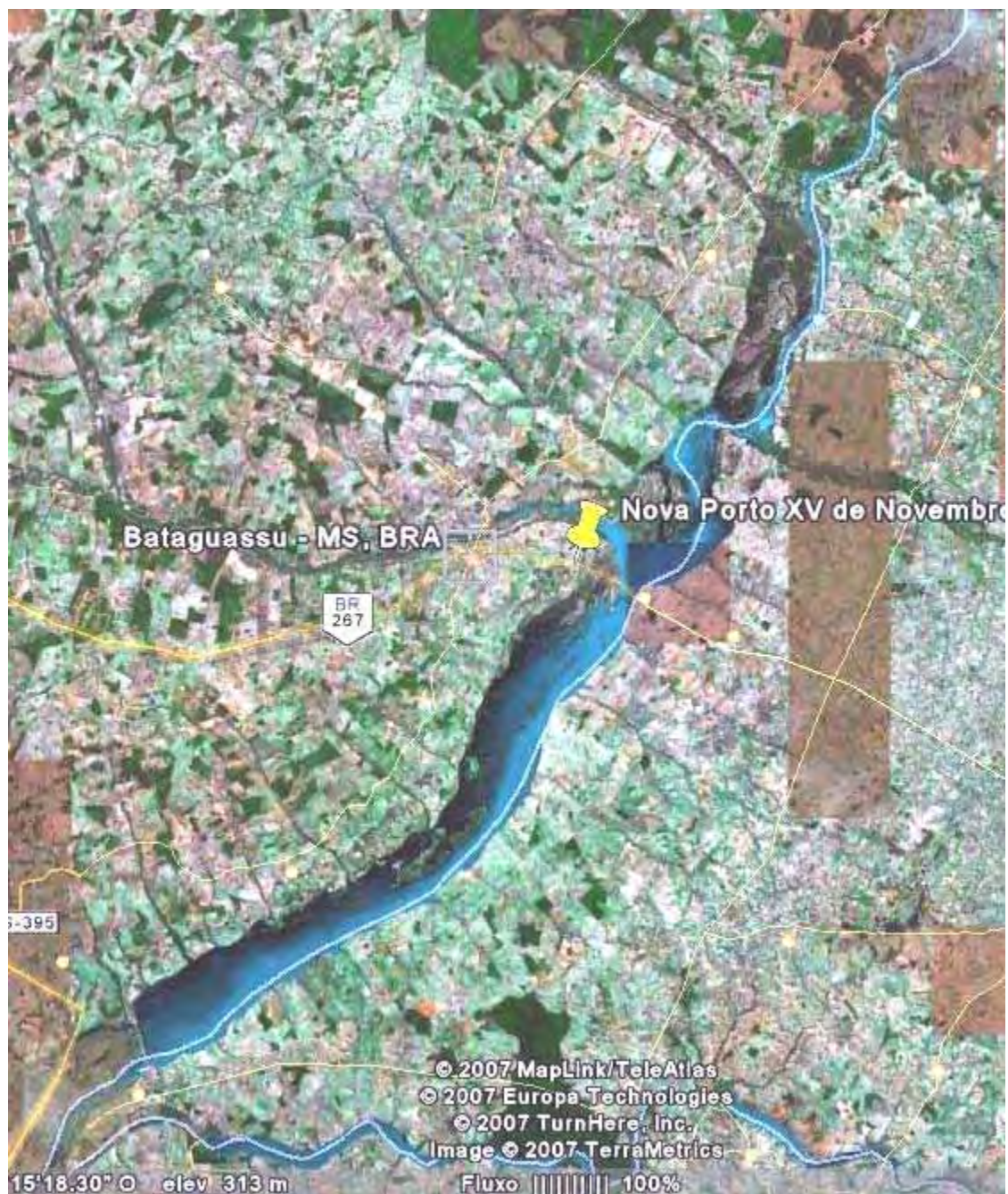


Figura 3. Foto de satélite do lago Engo. Sérgio Motta. Em baixo à direita barragem da Usina em Porto Primavera. Em azul leito original do Rio Paraná e em negro a região alagada.
FONTE: Google Earth.



Foto 1. Desmatamento e extração de madeira na região sudeste de Mato Grosso do Sul, 1960.



Foto 2. Foto aérea da Ponte Maurício Joppert sobre o Rio Paraná, antes da cheia do Reservatório da Usina Sérgio Motta. Primeiro plano Presidente Epitácio (Margem Esquerda), ao fundo Porto XV de Novembro (Margem Direita). FONTE: Secretaria de Educação e Cultura de Bataguassu.



Foto 3. Vista aérea parcial do antigo Porto XV de Novembro.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 4. Vista aérea parcial do antigo Porto XV de Novembro. Capela de Nossa Senhora dos Navegantes (centro) e Salão de Festas (direita). FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 5. Vista aérea do Antigo Porto XV durante o período de enchentes.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 6. Casa de pescador na barranca do Rio Paraná, data desconhecida. FONTE: Du Ó e Teresa.



Foto 7. Pescadores subindo de barco o Rio Paraná, 1986. FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 8. Pescadores subindo com embarcações o Rio Paraná, 1984. FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 9. Casa de pescador sobre estacas na barranca do Rio Paraná, 1989. FONTE: Teresa do Catau.



Foto 10. Saída da Procissão Fluvial do Antigo Porto XV durante a Festa de N. S. dos Navegantes. FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 11. Procissão Fluvial pelos Rios Pardo e Paraná durante a Festa de N. S. dos Navegantes.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 12. Concurso Boneca Viva realizado durante a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, anos 80. FONTE: Teresa do Catatau.

Festa de N. Senhora dos Navegantes

Porto XV de Novembro

DIAS 6 A 15 DE AGOSTO DE 1966

Convidamos o povo em geral para assistir aos festejos comemorativos à Nossa Senhora dos Navegantes em Porto XV de Novembro, onde transcorrerão os festejos com bailes, animados leilões e outros divertimentos.

Dia 15 às 16 horas, interessante partida de Futebol entre

Seleção Local vs E. C. Buri

PROGRAMA

Novena em Louvor a Nossa Senhora dos Navegantes

A partir do dia 6 de agosto haverá rezas na Igreja de Porto XV, com início às 7 hs.

FESTEIROS:

Dia 6 - Sábado

Mário Costa • Família
Trájano Ferreira •
Rosauro Paiva •
Sebastião Barbosa •
Edna •
Elvira Jones •
José Racho •
José Teodoro Lima •
Aurelio Tarciso •
Albino Filho •
Joaquim Coelho •
Percy Santos •
Flaviano F. da Silva •

Dia 7 - Domingo

Rayson Why •
Antonio F. de Moraes •
Alcides Soares •
Artur Viana •
Júlio Lima •
José Vital Bastos •
Leandro Cordeiro •
Divaldo Cordeiro •
Joaquim Elias dos Reis •
Washington S. de Oliveira •
Venceslau de Almeida •
Júlio Beirão •
Wilson de Souza •
Irene Velloso •

Dia 8 - Segunda Feia

Epifânio Santos • Família
Eduardo Soares Martins •
José Vicente Vitorin •
Rosauro B. Martins Filho •
Luiz Freire •
Antonio Silveira •
José Teodoro Lima •
José Barreto •
Antonio Salvo •
Leandro de Almeida •
Raul Kato •
Davi Cordeiro •
Dionísio Aragão •
José Carr •
Geraldo Ladeira •
Arlindo Pereira •
Luiz Alvaro Fernandes •

Dia 9 - Terça Feia

José Francisco Silva • Família
Cátia Rodrigues •
Odeir •
Luiz Barreto •
Fábio Domingos Barbosa •
Francisco Luiz Castro •
Gervásio Gomes •
Antonio Carlos Melo •
Júlio Monteiro •
Sociedade Ferreira •
José Rodrigues (Germão) •
Boris •
Valim •
Júlio Barba •

Dia 10 - Quarta Feia

João Arrêdo • Família
Manoel Couto de Lima •
João Carvalho •
Luiz A. B. de Moraes •
Albino Couto de Lima •
Caetano •
Joaquim Couto de Lima •
Quintino C. de Lima •
Aurelio A. Martins •
Vicente A. Martins •
José Duarte Hay Mery •
José Adalberto Martins •
Joaquim Antonio •
Carmelo Cordeiro •
Pedro Vitorin •
Mário Silva •
José Arrêdo •
José Barba •

Dia 11 - Quinta Feia

José Faria • Família
Sebastião A. de Souza •
Abel Cravo •
José Sacramento •
Antonio Romão •
Antonio P. Silva •
Gerson F. Silva •
Oscar Odeir •
Oscar Odeir •
Mário Souza •
Cláudio Sacramento •
Alvaro Soares •
Leopoldo Marques Neto •
Júlio Souza •
Francisco Tartari •
Júlio Faria •

Dia 12 - Sexta Feia

Felipeberto Bezerra • Família
Flaviano Dantas •
Mário Bezerra •
André Moura •
Luiz Bonfatti •
Dionísio F. Verardo •
Arlindo Soares Mendes •
Wilson Jacques •
Luiz Monteiro •
Albino Almeida •
Antonio Monte •
José Rodrigues Martins •

Dia 13 - Sábado

José Carlos • Família
Rafael Dantas •
Célio (Frei) •
Luiz •
José Pinheiro •
Rosauro A. Paiva •
José Vitorin •
Joaquim de Paula •
Leandro Dantas •
José Barreto •
Manoel Souza Bastos •
Antonio Silveira •
Flaviano Pereira e Neto •
Pedro Vitorin •

Dia 14 - Domingo

Nepomuceno • Família
Dona Mariana •
Dora Jacqui Norval •
Dr. Natal •
Dr. Paulo •
Júlio Cordeiro •
Honorato Príncipe •
Júlio Pellegrini •
Aurelio (Tarciso) •
Sociedade Anônimo •
José Duarte Vitorin •
Mário •
Júlio Monteiro •
Carla Maria •

Dia 15 - Segunda Feia

Trájano S. de Oliveira • Família
Sebastião H. de Souza •
Manoel Cravo •
Leandro Hay Mery •
Maurício N. de Oliveira •
Artur Vitorin Melo •
Júlio Travençolo •
Rosauro Ferreira Melo •
Eduardo E. Romão •
Sociedade Odeir •
Jorge Castro •
Leandro Barba •
Sociedade Cardoso de Paiva •
André Martins •
Jorge Monteiro •

Procissão Pelo Rio

Dia 15 de agosto haverá na Igreja de Porto XV missa às 6,30 hs. após a qual sairão juntos para a barranca, onde continuarão a procissão de embarcação unindo-se aos de Itaipava até Porto Estácio. Na Igreja de Presidente Epitácio assistirão à missa da Padroeira, utilizando imediatamente para o rio retornando para a Igreja de Porto XV.

Frediano Gerardo, Fernando Arrêdo, Dario Simões, Alacir Fialto, Ronaldo Tarciso, Sebastião Barbosa e respectivas famílias. Vício: Padre Odeir

Foto 13. Cartaz da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1966
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Lembrança da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

em comemoração ao

7 de Setembro de 1951

Foto 15. Lembrança da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1951.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 16. Andores durante a travessia do Rio Paraná, anos 80.
FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 17. Andor com a imagem de N.S. dos Navegantes, anos 80.
FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 18. Balsa com a multidão de devotos na travessia do Rio Paraná, anos 80.
FONTE: Teresa do catatau.



Foto 19. Ponte Maurício Joppert durante a Festa de N.S.dos Navegantes, anos 80.
FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 20. Bar do Catatau , 1990. À esquerda cartaz de divulgação da Festa de N. S. dos Navegantes.
 FONTE: Teresa do Catatau.



Foto 21. Pescador com mudança à espera dos caminhões da CESP, 1995.
 FONTE: Du Ó e Teresa.



Foto 22. Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta de Porto Primavera. FONTE: CESP.



Foto 23. Vista aérea da região inundada, da ponte e do prolongamento, 2005. FONTE: Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio (SP).



Foto 24. Divisa entre SP (primeiro plano) e MS (ao fundo) – Ponte Maurício Joppert e Lago Eng^o Sérgio Mota (2005). FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 25. Vista da Ponte Maurício Joppert sobre o Lago da Usina Eng^o. Sérgio Motta (2006).
FONTE: Autora.



Foto 26. Entrada do distrito de Nova Porto XV, 2006. FONTE: Autora.



Foto 27. Vista aérea do Distrito da Nova Porto XV antes da cheia do Lago (1998). Ao fundo a região atualmente alagada. FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu.



Foto 28. Casa de Nova Porto XV com estrutura original, 2006. FONTE: Autora.



Foto 30. Capela de Nossa Senhora dos Navegantes antes da reforma, 2006. FONTE: Autora.



Foto 30. Capela de Nossa Senhora dos Navegantes reformada para a Festa de 2007. FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu.



Foto 31. Pescadores de bicicleta conversando na calçada, 2006. FONTE: Autora.



Foto 32. Casa de pescador com placa de anúncio, 2006. FONTE: Autora.



Foto 33. Cobertura de sapê na calçada para acolher rodas de prosa e tererê, 2006.
FONTE: Autora.



Foto 34. Travessia do lago na balsa – Festa de N. S. dos Navegantes, 2007.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).

19-18-2007
59
anos
de fundação

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

10 A 15 de AGOSTO de 2007

6 NOITES — 6 BANDAS — 6 SHOWS

DIA 10 DIA 11 DIA 12 DIA 13 DIA 14 DIA 15

Programação:

Abertura no dia 10 de agosto, às 20h00, com Missa na Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, no Distrito da Nova Porto XV, Bataguassu - MS.

Show e bailes com entrada franca todas as noites, área de alimentação, exposição e parque de diversões.

No dia 15/08, às 08h00, acontece a tradicional travessia fluvial pelo lago da Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Mota. Serão realizadas missas nas margens jurutuba e simpatogrossense.

Finalidade Social: Toda a renda será destinada à construção do Centro de Atendimento às Crianças Carentes da Nova Porto XV - Caritas Paroquial. Projeto: Nossa Senhora dos Navegantes.

Realização: Comissão Organizadora Caritas Paroquial

Apoio: Bataguassu Fazenda muito mais

Foto 35. Cartaz da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 2007.
FONTE: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bataguassu (MS).



Foto 35. Árvores submersas pelo lago, 2006. FONTE: Aquilino César.



Foto 36. Margem do lago e vista ao fundo de Nova Porto XV, 2006. FONTE: Autora.



Foto 37. Placa de inauguração de Nova Porto XV feita pela Camargo Correa, 2006.

“A comunidade do Porto XV de Novembro agradece ao Sr. Sebastião Camargo Diretor Presidente da Camargo Corrêa, pelo empenho e dedicação em tornar essa obra uma realidade. Tudo o que disséssemos seria pouco para agradecê-lo pelo que foi feito na Nova Porto XV”. A placa foi idealizada pela própria construtora e colocada na Praça do distrito de Nova Porto XV.

FONTE: Autora.

Capítulo 8

HISTÓRIAS DE QUEM CONTA A HISTÓRIA

A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante da minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-lo de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo.
Walter Benjamin⁶⁵

Nos anos 80 o Rio Paraná ainda mantinha sua paisagem original e em suas margens vivi ocasiões e acontecimentos que marcaram profundamente minha infância. Nestes anos, vivenciávamos na região uma espécie de contagem regressiva para o fim do rio e da paisagem. O andamento veloz das obras comprovava que a barragem era inevitável, ainda que todo esforço fosse insuficiente para imaginar e aceitar que o chão que pisávamos um dia estaria submerso. O futuro era certo, mas impossível concebê-lo.

Na década de 90, já morava no estado de São Paulo, mas as constantes visitas familiares me envolviam profundamente nas mudanças que ocorriam no leito do rio e na vida da gente. Acompanhar a cheia progressiva e irreversível das águas foi profundamente doloroso a mim e a pessoas muito caras. Era uma parte da minha história que deixava de existir materialmente e passava a depender exclusivamente das imagens guardadas na minha lembrança.

A terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura⁶⁶

⁶⁵ Infância Berlinense.

⁶⁶ BACHELARD, Gaston. *A água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.9.

Minha família chegou à região *ainda no tempo da balsa* – a expressão usada popularmente para se referir ao período anterior à edificação da ponte Maurício Joppert sobre o Rio Paraná interligando as cidades de Presidente Epitácio, São Paulo ao Porto Quinze de Novembro, no então Mato Grosso⁶⁷.

Durante as décadas de 40 e 50, graças ao programa “Marcha para Oeste” criado pelo governo de Getúlio Vargas que visava povoar o sul do então estado de Mato Grosso⁶⁸, meus avós resolveram tentar a sorte nas terras selvagens *do outro lado do Rio*.

Meus avós maternos, Dolores e Manoel Duarte, imigrantes europeus, assentados nas lavouras do interior paulista, atravessaram o Rio Paraná nos anos 40, em busca das terras baratas para agricultura. Alguns anos depois, meus avós paternos, Djanira e Francisco Assis Alves, nordestinos também assentados no estado de São Paulo, desembarcaram no antigo Porto XV de Novembro, a fim de trabalhar na abertura das novas lavouras e comercializar madeira nas pequenas cidades do oeste de São Paulo. Depois, se estabeleceram no incipiente povoado de Bataguassu.

Embora minha família jamais tenha se estabelecido na colônia de Porto XV de Novembro, sempre foi comum relatos de fatos ocorridos na vila em ritos religiosos, festas, bailes, e, principalmente nas longas esperas por travessia. A primeira inquietação sobre o tema desta pesquisa ocorreu ainda na década de 90, quando meus tios Felicidade e José Romão, ribeirinhos de Presidente Epitácio aguardavam a cheia do lago e lutavam por indenização. A dor da família por perder o sítio e a indignação por ter que abandonar a agricultura, sua única fonte de renda, marcou-me significativamente. Acompanhar a submersão gradativa do sítio, onde passei tantos momentos alegres, e a adaptação dos meus

⁶⁷ O estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 11 de outubro de 1977 a partir do desmembramento da região sul do estado do Mato Grosso pela Lei Complementar nº31 no Governo do Presidente General Ernesto Geisel. Ver também CAMPETRINI, Hidelbrando e GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. p. 127.

⁶⁸ BATISTA, Luiz Carlos; MARTINS JR., Carlos; ZILIANI, José Carlos. *Resgate e construção da memória e da história da colonização do sudeste de Mato Grosso do Sul*. In: Klepsidra - Revista Virtual de História, São Paulo, v. Ano V, n.23, 2005. Disponível no sítio <www.klepsidra.net/klepsidra23/colonizacao-ms.htm>

tios à nova vida urbana me permitiu compartilhar parte do sofrimento de toda a gente ribeirinha expulsa de sua terra e violada em sua dignidade.

Em 2004 numa ida a Bataguassu, conheci alguns pescadores de Nova Porto XV, suas famílias e suas condições de trabalho. Apesar de acompanhar durante as idas e vindas pela rodovia as mudanças na paisagem, aquele foi meu primeiro contato efetivo com a nova vila. Desse encontro surgiu a possibilidade de participar de um projeto do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) que visava promover encontros de discussão sobre a situação da pesca na vila e viabilizar a formação de uma cooperativa de pescadores. Por fim, o projeto do Ibama foi interrompido em dezembro do mesmo ano quando o escritório regional do IBAMA em Bataguassu foi fechado e o funcionário idealizador do projeto transferido.

Neste período, havia a necessidade de elaborar um artigo de conclusão do curso de Psicologia e comecei a pesquisar o tema e a refletir sobre a história do Quinze e das pessoas com quem ia criando laços de amizade. Essa participação na vida dos ribeirinhos e as visitas reavivaram minha inquietação primordial, instigando-me a registrar os fragmentos de memória que emergiam no cotidiano da vila.

A escolha de pesquisar pescadores e suas histórias, surpreendentemente, não tem relação com nenhum episódio anterior da minha história. Até a minha primeira visita à vila, nunca havia vivenciado qualquer relação com a pescaria ou escutado histórias de pescador em rodas de prosa. Em meu círculo de amizades conversas sobre pesca eram raras e peixe como parte do cardápio também. O encontro com o imaginário dos pescadores e com o cotidiano da pesca foi inusitado e fascinante a ponto de me conduzir a mergulhar neste universo ribeirinho para tentar compreendê-lo.

Durante todo o período de desenvolvimento desta pesquisa, foram freqüentes relatos e depoimentos de meus familiares sobre o Porto XV e o Rio Paraná antes do represamento.

Escolhi transcrever, sem análise, histórias pessoais que, de alguma forma, propiciaram a pesquisa.

Histórias de Família: Vó Jandira

Numa tarde de janeiro de 2006 em Bataguassu, após voltar de um dia repleto de entrevistas, sentei na varanda com minha avó. Diante dos meus comentários sobre as histórias que havia colhido, minha avó lembrou sua chegada ao Mato Grosso do Sul, a travessia do Rio Paraná e o desembarque no antigo Porto XV. Pedi-lhe consentimento para registrar suas lembranças, que embora não me fossem desconhecidas, foram mais uma vez transmitidas com afeto singular e voz claramente emocionada.

Ao transcrever as entrevistas, reencontrei a gravação com as histórias da minha avó. Resolvi incluí-las, não apenas por mostrar um pouco da relação deste lugar com minha história pessoal, mas principalmente, por revelar o antigo Porto XV a partir do olhar daqueles que imbuídos de sonhos e medos desembarcavam ali.

“Quando nós viemo pra cá, chegamos na beira do rio e eu encontrei uma cearense que morava lá e chamava Terezinha. Eu conheci ela no Ceará ainda solteira. E ela veio morar no porto, mas do lado de lá do Rio, no porto Epitácio, ela morava onde a gente pegava a balsa, tinha a casa dela, o restaurantinho dela, a morada, o hotel, ela dizia que era hotel. E ali vendia tudo, tinha tudo quanto é tipo de salgadinho, comida, fruta pro povo comer. E a gente ficava ali esperando, a gente chegou ali era seis horas da manhã e a balsa veio chegar oito ou nove horas. E o toureiro... sabe o que é toureiro? Toureiro é um caminhão aberto, só tinha a gabina (cabine), só cabia duas pessoas na frente e os outros sentavam naqueles paus atrás. Mas não tinha lastro, não tinha nada. Devia ter um lastro para por a mudança em cima né! Mas não tinha nada. Então nós vinha ali em cima sentado, aí aquele caminhão subiu em cima da balsa. Encheu de caminhão em cima da balsa... A balsa era grande... E aí foi atravessá. E quando nós atravessamo pro lado do XV, tinha bastante restaurante que

vendia comida. Mas era só peixe, Andréia, era só peixe! E nem eu, nem Assis, nem as crianças comia peixe. E só tinha coisa de peixe. E o seu pai era o pior. Ele dizia: 'Mamãe eu to com sede, mas eu num vô bebe dessa água não que tá fedendo peixe'. Seu pai tinha três anos. E eu não podia falá nada pra ele porque eu também tava sentindo a mesma coisa. Aí eu falava pro teu vô: 'Assis vai caçá uma água, homê, pra nós beber. Uma água boa pra gente dá pra essas criança beber, que essa ninguém agüenta'. Ele dizia: 'É mesmo moça, ninguém agüenta'. Aí ele saiu e foi pedir água pra uma mulher, e ela mostrou um barreiro que tinha no fundo da casa dela. Aquela água vermelha, Andréia, de puro barro. Ela disse: 'Olha, o senhor qué pegá dessa água?' Ela deu um caneco e ele pegou aquela água. Mas aquela água parece que tava pior, parece que o povo pegava os peixe e lavava lá. (risos) Aí quando o patrão do seu vô chegou, ele já tinha atravessado antes né? Aí quando ele chegou e falou por seu vô: 'Olha Assis, lá em cima nós acha uma casa que tem... que você vai encontrar água pra dar pras criança e sua mulher beber'. Aí nós subimo no toureiro véio e fomos de estrada a cima, quando chegou no cume assim, tinha uma casa de uma senhora. Essa senhora eu conheci por muito tempo. Ela não era muito velha, não. Devia ter naquele tempo uns trinta, quarenta ano, num sei. Aí o patrão do seu vô falou: 'Dona, a senhora não tem uma água aí que num tenha gosto de peixe? Essa família aqui ninguém gosta de peixe. E a mulher e o homem com as criança tão tudo morrendo de sede'. 'Ah tem, tem sim. Tem água da moringa, eu ponho água na moringa'. Da moringa! Eu não sei de onde aquela água vinha, Andreia, mas eu sei que aquela mulher deu água pra mim e pros meus filho e nós bebemo à vontade. E ela ainda disse: 'Qué levá água pra bebe no caminho?' E nós tinha uma leiteira de três litro de alumínio, durou ano aquilo, acho que você até se lembra. Ela servia pra pegar leite nas fazenda que a gente morava. Aí ela pediu se não tinha uma vasilha. E aí ela encheu aquela leiteira de água pra gente beber. E a água não tinha cheiro de peixe nada, de jeito nenhum. E sabe a que horas nós veio chegá na morada, no rancho que nós veio morá? Cinco horas da tarde. E não tinha estrada, era só picada. Essa estrada aí era só picada, cheia de toco, buraco... O toureiro andava caçando assim os lugar de passar. Tinha hora... Os móveis que eu tinha era esse guarda-roupa do quarto ali e aquela mesa que eu tinha lá na área. Essa era a mudança que veio quando nós atravesso o rio. E veio tudo no caminhão, tudo... Era eu sentada de um lado com tua tia Bete no colo e mais a Linda, e seu vô na gabina (cabine) mais o Otto segurando... com teu pai no colo segurando aquela bóia que segurava o guarda-roupa. Já era cinco horas quando a gente chegou na fazenda do Otto. Nós saiu do XV antes do meio do dia e chegamo cinco hora da tarde na Santa Terezinha. Tinha lugar naquela picada, tinha uns lugar que o toureiro descia e o Otto falava: 'Assis, pelo amor de

Deus segura direito isso aí senão vai cair por cima de você e do menino’. Aí quando nós chegamo naquele lugar que nós ia morá, tinha uma casa com gente morando e a outra casa que nós ia morar. A casa só tinha dois cômodos. Dois cômodos e uma cozinha fora assim. A cozinha ficava separado. Andréia, aquela casa era toda coberta de mato, minha fía... Era colônia! Eu falei comigo: ‘Oh, meu Deus, o que é que nós viemo fazê?’ Você pensa, nós passamo quatro mês que eu nem Assis dormia, cuidando pra espantar os pernilongo das criança. A gente acendendo fogo a noite toda com trapo, a gente não dormia de noite. A gente tinha que cuidar dos três para os pernilongo não acabá com eles. Tonho e Linda, o corpo era todo ferida de tanta picada de pernilongo. Foi aí que eu aprendi a aplicá injeção pra podê aplicá neles. Naquele lugar num tinha ninguém, não se sabia de ninguém, era tudo mato, mato, mato... Quando nós chegamo tinha outra família ali, mas em três dias que nós chegamo aquela família foi embora daquela casa. Aí ficou só eu mais Assis e as criança, e o Otto que de vez enquanto aparecia lá pra ver o serviço. O XV ficava longe, mas lá tinha armazém, a Igreja (...)Teve uma vez, que eu tive que ir pro Porto Epitácio mais Assis, no médico levá o Tonho, e deixei uma vizinha, que esse tempo já tinha outras família na fazenda, cuidando das duas menina e levei Tonho com nós. E foi um sufoco, nós chegamo no XV bem cedo e a balsa foi chegá na base de umas três hora da tarde, não deu pra atravessá porque tinha muita gente na frente e encheu a balsa. E nós ficamo ali. Eu sei que anoiteceu e o carro ainda tava na fila. E quando deu dez horas da noite o seu Otto chegou e falou: ‘Assis tem que dormir aqui, não dá pra atravessar hoje’. Aí... era muita gente. Aquele capim alto, nós tentamo jogar toalha por cima, e deitamo lá... Tinha muita gente, nós num tinha dinheiro pra pagar pouso. Aí veio uma senhora: ‘Vamos ali pra igrejinha, eu abro ali a igrejinha e vocês entra pra dentro’. Aí aquele monte gente entrou na igrejinha. (...) Pra atravessá na balsa tinha que ir de pé, só alguns que tinha carro pequeno e combi ia dentro do carro. Quem vinha de caminhão não, a carga ia em cima do caminhão, o caminhão em cima da balsa e a gente ia encostado na carga em pé. Agora, quem tinha carro pequeno, atravessava dentro de seu carro né! O carro subia e eles nem descia de dentro. Eu não tenho lembrança do tempo que demorava na travessia não, mas creio que na base de uns quarenta minuto ou uma hora. O duro era ficar esperando, porque a balsa só saia pra travessia quando já tava com a carga completa. Tinha que esperá completar a carga, as vez demorava o dia todo né! Não tinha horário. Então ia fazendo fila, fila, fila... E a balsa tinha um tanto que podia carregá, quando enchia aquele tanto não subia mais ninguém. Aí tinha que esperá. Aí a balsa ia embora pro outro lado, chegava lá, ia descarregá aquele mundo de carga. Aí ia espera carrega as coisas que tavam na fila de lá pra vir pra cá. Aí chegava aqui e descarregava aquela fila e subia a

outra. E era assim... (risos) E dessa vez que nós fomos, tivemos que dormir lá na igreja e só no outro dia conseguimos atravessar. E pra voltar foi a mesma coisa, Andréia. Ah, pra voltar foi assim, apareceu um botezinho e nós voltamos nesse botezinho parecendo uma jardineirinha dentro d'água, sabe? A gente entrava, era coberto, a gente entrava, tinha os bancos e a gente sentava. Igual um onibuzinho né! Mas era bote mesmo, bote a motor. Na hora que nós vinha de volta já tinha esse bote e nós viemos nele. Naquela ocasião, o seu Otto ficou lá e eu mais Assis atravessamos nessa lanchinha, igual um onibuzinho, cheio de banco lá dentro e nós sentamos lá e atravessamos. Aí, naquela ocasião, vinha dois rapazes, eu lembro como hoje, tinha dois rapazes eu acho que era estudante e ia seguir depois pra Cuiabá. O ônibus que saía pra Cuiabá era duas vezes por semana só, saía do XV. E num tinha ponto, nada. O ônibus ficava lá parado no meio do tempo na beira do rio, esperava o povo que atravessava na balsa. E quando lotava de passageiro, saía pra Cuiabá. E ele também trazia gente de Cuiabá para atravessar no lado de São Paulo. Uma vez nós tava esperando pra atravessar e no ônibus de Cuiabá chegou e desceu aquele mundo de gente. Aí eu procurei pra mulher quantos dias levava de Cuiabá e ela falou que levava três dias. Três dias aquele tempo... Três dias pra chegar lá e três dias pra chegar aqui... Era assim... Era dois ônibus, um ia e o outro vinha. E o dia que nós atravessamos no botezinho vinha dois rapazes que iam pegar esse ônibus pra Cuiabá, dois rapazes assim no porte do Marco os dois, do porte do teu irmão. Eles vinham contando uma história de Pedro Álvares Cabral. E eu achei aquilo tão bonito aquilo, aquilo me encantou de um tanto... Eu mais Assis falava assim: 'Quando nosso filho crescer, e ele tiver estudando, ele vai contar essa história dos livros desse jeito pra nós'. (risos) Eu lembro como hoje a conversa daqueles rapazes, eles atravessaram o rio contando um pro outro as histórias das coisas que eles estudavam: Pedro Álvares Cabral, Monteiro Lobato... a viagem toda, enquanto atravessava aquelas águas. E nós dois ficamos ali sentados mais o seu pai escutando. Aquela época Tonho tinha uns quatro anos e meio. Assis falava: 'Daqui uns três anos, se Deus quiser, nós vamos mudar pra uma cidade pra por eles pra estudar. Aí nós vamos escutar essa história. Eles vão contar as histórias pra nós se entreter também'. 'É mesmo, Assis... E é os três'. 'É os três, nós vamos lutar pra por os três na escola'. (risos) (...) Aquela época dava medo de atravessar na balsa, no botinho fechado não. Mas na balsa era toda aberta e dava medo. Morreu tanta gente Andréia! Teve uma ocasião que uma kombi caiu de cima, a kombi subiu na balsa e o povo entrou. Oito pessoas morreram de uma vez só. A kombi escorregou de cima da balsa com o povo dentro. Era um noivo e a noiva que tinha acabado de casar no lado de São Paulo e vinha pro lado de cá com a família. Então, a kombi tava solta, eu não sei, mas escapou pra trás e morreu todo mundo. A balsa não tinha

proteção nenhuma, era cair e morrer na certa. Depois de morto foi que foram tirar os corpo do povo todo. Nesta ocasião Assis tinha ido sozinho mais o Otto pro lado de São Paulo levar madeira né! Dessa vez eu não fui e seu vô tava na balsa no dia desse acidente. Ele tava indo pra lá e essa combi tava vindo pra cá. Aí quando Assis tava esperando descer os carros pra poder carregar os dormente para levar pro lado de lá, ele disse que já viu o povo todo alvoroçado por causa do acidente. (...) Seu vô atravessava madeira uma vez por mês, ele tirava as madeira até dar o tanto certo. Aí tinha que entregar todo mês naquele dia certo, ele atravessava a madeira, aí no lado de lá o homem pagava e ele pegava o dinheiro pra poder fazer as compra lá pra trazer pra fazenda onde nós morava. Ele comprava em Epitácio. Antes era em Venceslau que ele levava, depois o Otto mudou pra Epitácio. Mas muito tempo ele tinha que levar na esplanada em Venceslau. Ele tinha que ir levar aquele monte de dormente. O caminhão levava as madeira e depois servia pra trazer as compra. Eu lembro do tempo que eles tava fazendo a ponte, a gente atravessava na balsa e via aquele mundo de gente trabalhando na ponte, fazendo aqueles pilar tão grande! A gente ficava olhando aquilo... Era tão bonito! Eu pensava como ia ficar bom atravessar pra lá, pensava que ia acabar com aquele sofrimento. A gente na balsa parecia tão longe! O lado de São Paulo parecia que ficava tão longe! E nem era tão longe assim. A gente passava e via aquele monte de gente fazendo a ponte, e eles jogavam alguma coisa dentro da água e a água subia! E eu perguntava: 'Assis, que que é aquilo lá?' 'É eles fazendo os pilar da ponte. O Otto fala que eles leva uns revólver lá pra baixo pra disparar e soltar ar pra eles poder trabalhar lá embaixo. A gente atravessou de primeiro pra cá em 59, mas a ponte ainda demorou uns anos pra construir. (...) A primeira vez que eu passei na ponte acho que foi em 66. Eu pensava: 'Meu Deus, como pode? Será que um negócio desse, feito em cima da água agüenta esse mundo de carro passando por cima?' Depois que inaugurou a ponte eu ainda demorei muito pra ir pra lá. Mas seu vô sempre ia, e ele contava tanta coisa... Ele falava: 'Moça, mas é tão grande aquela ponte, tão bonita!' Ah... E uma vez que ele viu uma mulher se jogar de cima da ponte. E morreu. Aí ele chegou assombrado e falou: 'Moça do céu, eu vi uma coisa feia hoje'. Eu falei: 'O que homê?' 'Uma mulher, a gente vinha atravessando e a mulher se jogou de cima da ponte no meio do rio e ninguém conseguiu pegar. Morreu'. Morreu muita gente se jogando daquela ponte. Aquele tempo aquela grade do lado da ponte era baixa, mas a CESP quando foi passar a luz (rede elétrica) por dentro da ponte teve que por outra altura pro povo parar de se jogar lá de cima. Porque os fios da luz passa por dentro da ponte né! Então na primeira vez que eu fui depois que já tinha ponte, eu encontrei uma mulher no hospital e ela me falou: 'A senhora sabe, dona, meu marido morreu no trabalho daquela ponte'. Eu falei:

‘Dona, mas teve gente que morreu naquele trabalho da ponte?’ Ela falou: ‘Dona, ficaram 110 mulher viúva por causa daquela ponte lá! 110, dona! 110’. Ela falou assim. E eu pensei: ‘E os que nem era casado’. Aí ela falou: ‘E o doutor Natal...’ Eu nem sei quem é esse tal de doutor Natal. Ela disse: ‘O doutor Natal deu 5 anos para essa ponte. Ele só deu garantia de 5 anos pra essa ponte aí, porque as enchente vai derrubar’. Acho que esse doutor Natal tava mentindo pra ela né? Porque esses ano essa ponte já fez quarenta ano. Quarenta ano! Mas vê como é as coisas, eu nunca esqueci isso que essa mulher falou, e desse dia em diante toda vez que eu passo em cima daquela ponte eu passo com medo. Agora ainda é mais, porque depois que essas água subiu, essa ponte tá cada dia mais rachada, caindo aos pedaço, eu fico é com medo de cair comigo em cima. Eu fico sempre pensando assim: ‘E se essa ponte quebrar e o ônibus cair na água comigo dentro. Ave Maria!’ Eu não confio não.⁶⁹

Diário de Pesquisadora: Devaneios sobre o primeiro contato

A minha primeira ida formal à comunidade em virtude da pesquisa aconteceu em janeiro de 2006 e não correspondeu às minhas expectativas. Apesar de ter permanecido alguns dias na vila no ano anterior, a minha presença agora tinha outro caráter e me colocava em uma posição muito particular: a de pesquisadora. Nesse primeiro dia, resolvi andar sozinha pela vila, acreditava que recorrer a um guia para apresentar-me poderia influenciar na forma como me aceitariam futuramente e comprometer o resultado do trabalho, já que as relações entre os pescadores são ambíguas e complexas. Preferi procurar as pessoas para conversar aleatoriamente e me apresentar. Mas, ao longo do dia, vi que estabelecer um vínculo sem que alguém dali me creditasse seria uma tarefa árdua e igualmente arriscada.

Tentei procurar os pescadores conhecidos em suas casas, mas estavam todos no lago. Minha ânsia de iniciar a pesquisa era enorme, mas ao andar pelas ruas a curiosidade e o medo

⁶⁹ Entrevista com minha avó paterna Maria Djanira Silva Alves. Janeiro de 2006. Na entrevista, minha avó faz referência ao seu esposo, meu avó Francisco Assis Alves (Assis), e seus três filhos, meu pai Antonio Assis Alves (Tonho) e minhas tias Elizabeth Djanira Alves Lunhani (Bete) e Neli Djanira Alves Ferreira (Linda).

das pessoas me intimidavam. Percebi que aquela aventura não seria tão simples como imaginava quando escrevi o projeto e ingressei no mestrado. As pessoas eram afetuosas umas com as outras, mas havia um véu entre nós que não me permitia invadir o cotidiano delas. Enquanto observava a vila, sentia-me forasteira, intrusa, indesejada, ameaçadora.

Resolvi descer até as margens do lago, onde, possivelmente, seria mais fácil encontrar algum pescador conhecido. Lá encontrei uma senhora, apresentei-me, mas não soube como pedir consentimento para gravar. A conversa foi difícil, com imensos e perturbadores silêncios, apesar das mútuas demonstrações de cordialidade. Permaneci com ela na beira do lago por algum tempo até que seu marido a chamou para atravessarem até uma pequena ilha próxima onde poderiam encontrar algum peixe. Entraram a pé no lago lodoso, com a água batendo na cintura e acompanhei-os com o olhar até chegarem ao local. Então também parti de volta para Bataguassu, afundada em inseguranças e frustrações.

Resolvi tomar o ônibus no ponto da Reta A-1, a vila próxima à Nova Porto XV, no caminho falando sozinha gravei uma breve descrição do que me aconteceu naquele dia. A sensação foi esquecida nos dias seguintes pelo calor com que a comunidade passou a me receber. No entanto, resolvi transcrever meu desabafo como forma de transparecer o cotidiano da pesquisa e os desafios que este tipo de estudo impõe.

Nos dias seguintes encontrei nos amigos pescadores, os guias que precisava. E de bom grado, Russu, Seu José Maria e Marisa, aceitaram guiar-me e foram de fundamental importância para que o contato com os pescadores fosse estabelecido.

Meu intuito inicial era gravar um diário de impressões, mas não consegui fazê-lo. Esta que se segue é a única gravação que fiz sobre minhas percepções dos encontros.

“Hoje foi o primeiro dia da pesquisa, agora estou indo embora. Não sei explicar o que estou sentindo. É uma estranheza, ou é medo, não sei bem. Estou gravando isso porque não quero esquecer essa sensação depois. Por um lado eu sinto que nada do que eu pretendia

fazer deu certo, parece que eu não consegui encontrar nada. Conversar com aquela mulher lá embaixo foi estranho. Não sei... Senti que ela estava com medo, senti que tentava se recolher dentro de si, seus olhos pareciam me achar estranha. Bom, até aí tudo bem. Às vezes estar aqui também me dá medo e às vezes eu também me acho estranha, meu gosto é estranho e estar aqui é um tanto estranho também... Talvez ela esteja certa. Estou andando na marginal, bem próximo à rodovia, vou até o ponto de ônibus na Reta A-1. Há pouco cruzei com um andarilho, ele me olhou, acho que se identificou comigo de alguma forma. Talvez por eu também estar andando na estrada sob este sol, suja, despenteada, cansada e de certa forma frustrada. O andarilho me parou e perguntou as horas. Ele me trouxe de volta à estrada... Eu respondi: 'Cinco e quarenta'. Ele estava mais sujo do que eu, mais cansado do que eu, talvez mais frustrado do que eu, andando a mais tempo do que eu. O andarilho não me olhou com medo, não me olhou com estranheza, seu olhar não era como o da mulher agora pouco. Não era como tantos olhares que vi hoje de preocupação, medo, cautela, receio, curiosidade. Aquele homem me olhou como se olhasse alguém semelhante e inofensivo. Ele deve ser de longe, certamente não é daqui. Amanhã eu venho de novo, mas vou precisar de alguém que me apresente às pessoas. Talvez isso simplifique o contato, talvez diminua o medo deles, talvez diminua o meu medo também... É o que eu espero”.

Capítulo 9

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TERRA DE SONHO

*Pelos lagos que assim transbordam
de suas águas solitárias, solitárias e mortas
suas águas tristes, tristes e geladas (...)
em todo lugar mais difamado
em todo canto mais melancólico:
em toda parte o viajor encontra,
sobressaltadas,
as Reminiscências do Passado.
Edgar Allan Poe ⁷⁰*

As falas daqueles que conheceram e viveram no antigo vilarejo e que agora habitam a vila construída para abrigar os desalojados pelo represamento do lago remetem-se inevitavelmente à comparação entre os esses dois tempos e lugares. As comparações sempre trazem um tom de saudosismo da vila anterior, à beira do rio, e da vida ali existente. A pesca, o plantio, a criação de animais, enfim, uma vida simples, campestre é sempre lembrada como uma época de fartura e felicidade, apesar do intenso trabalho e das tecnologias rudimentares utilizadas. A vida na cidade atual é apresentada como possuindo algumas vantagens, como o urbanismo, porém trazendo uma maior dificuldade no plano econômico e alterações na sociabilidade vistas como desvantajosas.

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida. O limite para o qual tende a memória narrativa é a transcrição da nostalgia para um 'horizonte de espera'[...] (BOSI, 2003, p.67).

O que essa comunidade vivenciou foi uma grande aceleração da história com a construção da barragem e a construção da ponte sobre o rio, de ligação entre os dois estados. A modernização desabou de um dia para o outro alterando a profundamente a vila e sua cultura, diferentemente de tantos outros vilarejos e pequenas cidades que foram aos poucos

⁷⁰ BACHELARD, G. A água e os Sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.66-67.

sofrendo o impacto da modernização, mudando sua economia, sua arquitetura e sua cultura. O Porto XV teve que dar um salto no tempo e no espaço com a construção da hidrelétrica que provocou desde a mudança do local da vila e de sua estrutura urbana e arquitetônica até mudanças profundas na atividade econômica e na cultura. De uma hora para outra toda a vila teve que se rearranjar num outro tipo de casa, de traçado urbano, de relacionamento, de trabalho, tudo isso instituído sob a égide da modernização.

Vivemos numa sociedade a quem foi roubado o domínio do tempo, marcada pela descontinuidade. A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos (BOSI, 2003, p.66)

Mas, uma outra mudança foi ainda mais brutal, inovadora e básica. A vida ligada ao rio e às terras e riquezas de suas margens, foi repentinamente substituída por outra que não o tinha mais como referência, mas sim o asfalto da cidade e da própria rodovia agora tornada referência principal da nova cidade. A água e o rio deixam de ser os significantes fundadores dessa comunidade e são substituídos não simplesmente pela terra, mas uma terra asfaltada.

Água silenciosa, água sombria, água dormente, água insondável, quantas lições materiais para uma meditação da morte. Mas não é a lição de uma morte heraclitiana, de uma morte que nos leva para longe com a corrente, como uma corrente. É uma lição de uma morte imóvel, de uma morte em profundidade, de uma morte que permanece conosco, perto de nós, em nós. Bastará um vento noturno para que a água que se calara fale-nos mais uma vez... Bastará um raio de lua, muito suave, muito pálido, para que o fantasma caminhe de novo sobre as ondas (BACHELARD, 1989, p.72).

A relação com a memória é de fundamental importância para o equilíbrio neste novo espaço, é uma forma de organizar os sentimentos diante da perda de relações satisfatórias com o trabalho e com a comunidade. A escuta das memórias evidencia que *“a fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar este discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”* (BOSI, 2003, p.65).

O tempo das narrativas e o tempo da vida foram aprisionados pela modernidade e pelas garras do capital que invadiu a vila com a mesma intensidade que as águas dominadoras da barragem.

É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, 'racionalizando' as horas da vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil (BOSI, 2003, p.53).

Este aprisionamento causado pela imposição da cultura moderna, das práticas urbanas e da exploração da força de trabalho como modelo de desenvolvimento é doloroso para o ribeirinho acostumado a escolher suas formas de marcar o tempo, a lidar com a natureza desafiadora e a adaptar o trabalho às suas necessidades mais concretas.

A estrutura da defesa torna a vida mais fácil para um maior número de criaturas e expande o domínio do homem sobre a natureza. Em tais circunstâncias, os nossos meios de informação em massa encontram pouca dificuldade em fazer aceitar interesses particulares como sendo de todos os homens sensatos (MARCUSE, p.13)

Essa mesma modernidade que invadiu a vida ribeirinha é a justificativa para a construção de empreendimentos energéticos com impactos sócio-ambientais cada vez mais alarmantes. A sociedade atual convive com uma máquina que produz mártires do desenvolvimento. Neste sentido, a opinião pública é facilmente capturada pelo discurso de que em nome do progresso e da modernidade é natural e perfeitamente aceitável que alguns pereçam.

Para Marx (1983) o primeiro objeto da degradação é sempre o homem: o sistema capitalista é um esbanjador de carne e sangue, bem como de nervos, de cérebros. As falas dos pescadores nos atentam para a necessidade de problematizar a expansão de empreendimentos de geração energética no Brasil, suas implicações socio-ambientais e, principalmente, a

concepção dúbia de progresso que é apresentada como justificativa para o apoio dado pelo Estado e pela opinião pública a este processo.

Nas narrativas, a podridão atribuída ao lago e a degradação ambiental é materializada, parece invadir a vida como o líquido que transborda das fossas nos quintais. Os problemas do espaço já não são dados mentais e subjetivos, eles são concretos e com conseqüências reais.

A poluição e o envenenamento são dados mentais e estatísticos, subjetivos e objetivos. A luta por um ambiente que assegure uma vida mais feliz poderia reforçar, nos próprios indivíduos, as raízes instintuais da sua própria libertação. Se os homens já não capazes de distinguir entre o belo e o hediondo, entre a calma e o barulho, já não conhecem a qualidade essencial da liberdade, da felicidade. Na medida em que se torna no ambiente do capital mais do que no do homem, a natureza serve para fortificar a servidão humana. Estas condições têm a sua origem nas instituições de base do sistema estabelecido para o qual a natureza é primeiramente o objeto da exploração útil (MARCUSE, 1973. p.57).

A exploração da natureza e da vida, passa por cima do homem e das práticas, revela a insignificância e a impotência do homem diante das garras imprevisíveis da dominação capitalista. Essa forma de dominação é tão cruel para um povo quanto uma dominação militar, ela também impõe práticas estrangeiras. *“Mesmo sem conquista militar, o poder do dinheiro e a dominação econômica podem impor uma influência estrangeira a ponto de provocar a doença do desenraizamento”* (WEIL, 1996, p.412).

Os cálculos de lucros dos empreendimentos a longo prazo são mais fortes que o pranto da gente que tem a vida e sonhos submersos pelas águas.

O dinheiro destrói as raízes por onde vai penetrando, substituindo todos os motivos pelo desejo de ganhar. Vence sem dificuldades os outros motivos porque pede um esforço de atenção muito menor. Nada mais claro e simples que um cifra (WEIL, 1996, p.412).

A dominação capitalista disfarçada como progresso causa o desenraizamento do indivíduo equilibrado em seu *habitat*. Segundo Weil (1996) o desenraizamento é a mais perigosa doença das sociedades humanas, pois se multiplica a si própria. *“O ser humano tem*

uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (WEIL, 1996, p.412)

As narrativas sobre o cotidiano revelam essa sensação de vulnerabilidade diante do mundo e diante das instituições. E fica ainda mais evidente quando se observa os problemas enfrentados pelos pescadores no trabalho.

O trabalho não é mais realizado com a consciência orgulhosa de ser útil, mas com o sentimento humilhante e angustiante de se possuir um privilégio concedido por um favor passageiro da sorte, um privilégio do qual excluímos vários seres humanos porque o desfrutamos, em resumo: um lugar. WEIL, 279.

O pescador de Nova Porto XV, experimenta a humilhação de não possuir autonomia sobre a vida e sobre a sua ação sobre o espaço e de ser destituído do direito de escolher seu destino. Para um trabalhador que sempre colheu o fruto de seu trabalho é uma desonra não poder garantir o sustento de sua família e precisar recorrer a programas de assistência. O resgate do passado coletivo é um consolo mútuo, uma forma colorir a vida e reavivar alguma esperança para o futuro.

O passado destruído não volta nunca mais. A destruição do passado talvez seja o maior crime. Hoje a conservação do pouco que resta deveria tornar-se quase uma idéia fixa. (...) é preciso abster-se, depois da vitória, de castigar o inimigo vencido desenraizando-o ainda mais; é claro que não é possível nem desejável exterminá-lo, agravar sua loucura seria ser mais louco do que ele. É preciso também encarar, antes de mais nada, em toda inovação política, jurídica ou tecnológica suscetível de repercussões sociais, uma conciliação que permita aos seres humanos reencontrarem suas raízes. (WEIL, 1996, p. 419).

A questão mais desafiadora na experiência dessas comunidades submersas é encontrar as formas para recuperar raízes perdidas. As políticas públicas apesar de freqüentes, são desconstruídas, pouco eficazes porque são estão voltadas para a questão central do deslocamento: a dificuldade do pescador a se integrar ao modelo de trabalho imposto pela economia moderna.

O Estado não está particularmente habilitado para tomar a defesa dos infelizes. Ele é mesmo quase incapaz disso, se não for obrigado por uma necessidade urgente, evidente, da salvação pública, e por um empurrão da opinião. (WEIL, 1996, p.429).

Essa breve reconstrução da história revelou um espaço onde os opostos se integram e se complementam. Uma fusão de homem e espaço que expressa uma cidade inventada entre a terra e a água; o corpo e a alma; o sagrado e o profano; o mito e a faina; a história e o silêncio; o bem e o mal; a razão e o afeto; o real e o simbólico; a vida e o sonho; a riqueza que passa e a miséria que permanece na gente.

A monotonia do cotidiano da vila reflete a morbidez das águas mortas do lago. A previsibilidade e a continuidade, expressas na repetição das práticas mais sutis, seduzem e convidam ao deslumbramento constante, mas também atuam sobre as subjetividades de maneira terrivelmente opressiva.

A monotonia é o que há de mais belo ou de mais horrível. Mais belo se é um reflexo da eternidade. Mais horrível se é o índice de uma perpetuidade sem mudança. Tempo ultrapassado ou tempo esterilizado. (WEIL, 1996, p.462).

A pesquisa se deparou com um povo a procura de si, que busca reconstruir sua própria identidade através das narrativas. Gente ribeirinha, que como as águas, querem vazão e procuram encontrar um curso próprio, ainda que doloroso, para seguir. As histórias não só revelam desalentos e frustrações, mas principalmente, enfatizam uma trajetória de resistência e de coragem. São registros do amor de um povo pelo rio, que mesmo afogado, permanece vivo na alma ribeirinha.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina. A ética Nossa de cada dia. In: **Revista Projeto História** (15). São Paulo: Educ.abr., 1997, p.146.

AMARAL. Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: HUCITEC/Brasília: INL, 1982.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **L'intuition de l'instant**. Paris: Editions Gonthier, 1973.

BATISTA, Luiz Carlos, MARTINS JR., Carlos; ZILIANI, José Carlos. Resgate e construção da memória e da história da colonização do sudeste de Mato Grosso do Sul. In: **Klepsidra - Revista Virtual de História**, São Paulo, v. Ano V, n.23, 2005. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra23/colonizacao-ms.htm>>. Acesso em 07 Jul 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CAMPANILI, Maura. Porto Primavera – poderia ser pior. s.ed. In: **Parabolicas**, v.5, n.41, p.11, jul. 1998. Disponível em: < <http://www.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes/edicao41/reportag/pg11.htm>> Acesso em 10 Jul 2007.

CAMPETRINI, Hildebrando e GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991.

CANAMBRA Engineering – **Power Study of South Central Brazil**, Appendix no.4, Rio Paraná Report. São Paulo, 1965.

CANTARINO, Carolina. **Interesses econômicos prevalecem nas grandes obras em rios**. In> Com Ciência –Rios. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>, em fevereiro de 2005, n.62. Acesso em

CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. (Debates, 34).

CASTRO, Manoel de. **A Hidrelétrica de Tucuruí e a contestação das populações atingidas**. Relatório Final de Pesquisa. Departamento de Economia e Sociologia Rural ESALQ. Piracicaba – SP, 1993.

CESP. **Usina de Porto Primavera: Estudo de Impacto Ambiental**. Programas de Controle Ambiental. Volume III. Consórcio Themag – Engea – Umah. Julho de 1994.

CESP. **Usina Hidrelétrica Porto Primavera: Viabilidade Técnica-Econômica**. Volume I. Consórcio Themag, São Paulo, junho de 1973.

COLITO, Maria Clementina Espiler. **A construção de Usinas Hidrelétricas e os impactos sobre a população e o espaço: comunidades rurais ameaçadas pela UH de Jataizinho – Rio**

Tabaji / PR. Anais do VI Congresso de Ciências Humanas Letras e Artes, Viçosa MG, Agosto de 1999.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés:** o ouvir da literatura pantaneira. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa. UNESP/Assis, 1998.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.

FREIRE, Paulo. Apresentação (1987). In: MELLO, Silvia Leser de. **Trabalho e sobrevivência:** mulheres do campo e da periferia de São Paulo. São Paulo, Ática, 1988.

FURTADO, R.C. **The incorporation of Environmental Costs into Power System Planning in Brazil,** Tese de Doutorado na Universidade de Londres, Imperial College of Science, Technology and Medicine. Londres, 1996.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____; BECK, Ulrich; LASH, Scott (Orgs.). **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOMES, C.A.Q.; DIAS, M.B. **O reassentamento da Piaba**: a reconstrução de um território. Disponível em <<http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004>>, 2004. Acesso em 27/03/2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Piracema**: fenômeno da reprodução dos peixes. Ribeirão Preto, 1995.

JAPIASSU, Hilton. **Para ler Bachelard**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**: doença até à morte. Porto: Livraria Tavares Martins, 1961.

MACHADO, Carlos José Saldanha. Olhar de um antropólogo sobre a gestão pública da água como bem econômico. In: **Com Ciência – Rios**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br>>, fevereiro de 2005, n. 62. Acesso em 30/03/2005.

MARCUSE, Hebert et alii. Ecologia e revolução. In: **Ecologia contra poluição**. Lisboa: D. Quixote, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARX, Karl. **O Capital** - Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MELLO, Silvia Leser de. **Trabalho e sobrevivência:** mulheres do campo e da periferia de São Paulo. São Paulo, Ática, 1988.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES (Sítio da Internet). Banco de Informações de Transportes: **Ponte Maurício Joppert**. Disponível em:
<http://www.transportes.gov.br/bit/pontes/pt_divisa/br-267-pt_mauricio-joppert/info-ptmauriciojoppert.htm> Acesso em 30/03/2005.

MORAL HERNÁNDEZ, Francisco del. **Aqueles que vivem nas margens, às margens da decisão:** controvérsias sobre o uso dos rios e das terras ribeirinhas para geração hidrelétrica. Dissertação de Mestrado em Energia. São Paulo: USP, 2006.

MULLER, Arnaldo Carlos. **Hidrelétricas, Meio Ambiente e Desenvolvimento**. São Paulo: Makron Books, 1995.

OAB SP Notícias (Sítio da Internet). **OAB-SP entra com Ação contra Usina de Porto Primavera**. Publicada em 11/12/1998. Disponível em:
<<http://www.oabsp.org.br/noticias/1998/12/11/179>>. Acesso em: 10 Jul 2007.

OLIVEIRA LIMA, Lygia Carriço de, in **Série Campo Grande - Personalidades**. Campo Grande. Arquivo Histórico de Campo Grande. 2000

PECHMAN, Robert Moses. **Pedra e discurso:** cidade, história e literatura. In: **Semear**. n.3. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p. 63-72. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_06.html>. Acesso em: 10 Jul 2007.

PESSANHA, José Américo Motta. Introdução. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1986. p. XIX.

POE, Edgar Allan. **The Complete Poetry of Edgar Allan Poe**. New York: Penguin, 1996. p. 69.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. **Teoria da interpretação**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. In: **Psicologia USP**. São Paulo, v. 12, n. 2, 2001. p.29-47. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jul 2007.

SEREJO, Helio. **Lendas da erva-mate**. Presidente Venceslau: Gráfica S. João, 1978.

SCARPINELLLA, Cláudio Antonio. **Porto Primavera: O paradigma de análise e os processos de decisão e implantação**. Tese de Doutorado em Energia (Escola Politécnica / Instituto de Eletrotécnica e Energia / Instituto de Física / Faculdade de Economia e Administração). São Paulo: USP, 1999, p.3. Disponível no sítio: <<http://www.iee.usp.br/biblioteca/producao/1999/teses/Scarpinel.pdf>>. Acesso em 09 Jul 2007.

THELEN, David. Introduction: memory and American history. In: _____. **Memory and American history**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

VIANA, Fabiana Gama. Histórico do planejamento energético no Brasil. In: **Com Ciência – Energia: ensino e alternativas**. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>, dezembro de 2004, n. 61. Acesso em 30/03/2005.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONTES DE VÍDEO

NEIVA BRITO, João Luiz; BRITO, Helio. **Tocantins – Rio Afogado**. Documentário integrante do 2º Concurso DOCTV. Virtual Criação & Produção. Brasil, 2005. 55 min.

FONTES DE ÁUDIO

MEIRELLES, Helena. **Histórias & Causos: Fazenda Jararaca (Faixa 15)**. In: **Helena Meirelles**. Gravadora Eldorado, 1994.

_____. **Histórias & Causos: De boiadeiros e Bordéis (Faixa 16)**. In: **Helena Meirelles**. Gravadora Eldorado, 1994.

FONTES DE INFORMAÇÃO ELETRÔNICA

Último acesso para verificação em 10 de Julho de 2007.

Amigos da Terra - Amazônia Brasileira <<http://www.amazonia.org.br>>

ANA (Agência Nacional da Água) <<http://www.ana.gov.br>>

ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica) <<http://www.aneel.gov.br>>

CESP (Companhia Energética de São Paulo) <<http://www.cesp.com.br>>

Coalizão Rios Vivos <<http://www.riosvivos.org.br>>

IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis)

<<http://www.ibama.gov.br>>

ISA (Instituto Sócio Ambiental) <<http://www.socioambiental.org>>

MAB (Movimento Nacional dos Atingidos por Barragens) <<http://www.mabnacional.org.br>>

Ministério dos Transportes – Governo Federal <<http://www.transportes.gov.br>>

OAB SP (Ordem dos Advogados do Brasil – Secção de São Paulo)

<<http://www.oabsp.org.br>>

ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) <<http://www.ons.gov.br>>

Prefeitura Municipal de Bataguassu <<http://www.bataguassu.ms.gov.br>>

Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio <<http://www.presidenteepitacio.sp.gov.br>>

RMA (Rede de Organizações Não-Governamentais da Mata Atlântica)

<<http://www.rma.org.br>>

Instituto Terrazul - Publicações <<http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?rubrique58>>

Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu <<http://www.itaipu.gov.br>>